

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A Qualidade do Gesto do Educador em Creche

Ana Filipa da Cruz Silva

Relatório Final realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-escolar

Lisboa

Dezembro 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A Qualidade do Gesto do Educador em Creche

Ana Filipa da Cruz Silva

Relatório Final realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-escolar

Lisboa

Dezembro 2015

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que de forma mais directa fizeram parte deste meu percurso e comemoram comigo a realização deste grande objectivo.

Primeiramente à minha maior força motivadora, o meu filho, pelo qual me dediquei para a conclusão deste objectivo, excusivamente por nós, à minha família, companheiro, mãe e irmã que foram os meus pilares nas horas mais complicadas e contribuíram para que pudesse estudar e realizar este objectivo.

A todos os profissionais, nomeadamente à direcção da instituição R.M. por acreditarem no meu trabalho e permitirem evoluir na minha carreira profissional. Não menos importante a todas as crianças que contribuíram para o estudo aqui representado.

Por fim, mas não menos importante, a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida nos últimos quatro anos, a “Familia Maria Ulrich”, colegas, docentes, pessoal auxiliar e administrativo, principalmente, à Professora Manuela Fonseca, pela sua paciência e empenho na realização deste relatório final.

Um grande bem haja a todos!

Resumo

Este estudo consiste na qualidade do gesto do educador em creche, cujo objecto de estudo é a atitude e qualidade do educador face às diversas manifestações comportamentais das crianças em creche, em que a atitude do educador será determinante na intervenção pedagógica. Deste modo, este trabalho tem como objectivos: (i) Analisar em diversas situações (actividades, rotinas diárias, situações espontâneas) as características comportamentais da criança em creche; (ii) Adequar a postura do educador e de outros profissionais quando estão perante situações “problemáticas” e outros acontecimentos; (iii) Avaliar as práticas educativas em creche.

A metodologia deste relatório final é de carácter qualitativo descritivo, em que as técnicas de recolha de dados consistem na observação directa, observação participativa e continuada, tal como, notas de campo. Por sua vez, os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram actividades previamente planeadas, bem como o próprio investigador. Porém, as actividades previamente planeadas não foram o único instrumento de recolha de dados, uma vez que neste estudo estiveram presentes situações de rotinas diárias, bem como, situações espontâneas.

Assim sendo, após a observação das actividades, rotinas diárias e situações espontâneas, procedeu-se ao registo das mesmas nas notas de campo, descrevendo as diversas manifestações comportamentais das crianças e as respectivas atitudes dos profissionais envolvidos. Denotou-se assim que é fulcral o educador adoptar uma postura calma e serena, onde a prática diária deverá estar aliada à teoria pré-concebida. Em suma, é importante que exista uma boa relação entre o educador e a instituição (creche), bem como identificar-se com a metodologia, com os restantes profissionais e pais, de forma a tornar possível a coesão das práticas educativas. **Palavras-chave:** Crianças em creche, manifestações comportamentais da criança, atitude do educador, qualidade da creche.

Abstract

This study consists of the educator's quality of gesture in the nursery school, whose object of study is the attitude and quality of the educator in several children's behavioral manifestations in day care, in which the attitude of the educator will be decisive in pedagogical intervention. In this way, this work aims to: (i) Examine several situations (activities, daily routines, spontaneous situations) the behavioral characteristics of children in day care center; (ii) Adjust the educator's position and other professionals when they face "problematic" situations and other events; (iii) Assess educational practices in day care.

This final report's methodology is a descriptive and qualitative approach in which the data collection techniques consist in direct and continuous participative observation, such as field notes. In other hand, the instruments used for the data collection were previously planned activities as well as its investigator. However, the previously planned activities were not the only instruments for this data collection, since in this study, were present situations of daily routines, as well as spontaneous situations.

Therefore, after the observation of the activities, daily routines and spontaneous situations, the registration of the field notes were made, describing the various behavioral manifestations of children and the attitudes of professionals involved. It was noted that is key for the educator to adopt a calm and serene posture, where daily practice should be combined with the preconceived theory. In short, it is important to have a good relationship between the educator and the institution (nursery school), as well as identifying yourself with the methodology and with the other professionals and parents, in order to make possible the cohesion of the educational practices. **Keywords:** Children in day care center, child's behavioral manifestations, educator's attitude, kindergarten's quality.

Índice

Introdução	1
Capítulo I	5
a. Problema e questão de investigação	5
b. Enquadramento Teórico	7
1. O desenvolvimento Humano	7
2. Características gerais do desenvolvimento na primeira infância	7
2.1 Competências e características do bebé	8
2.2 Temperamento do bebé	9
3. As relações precoces do bebé	10
3.1 O bebé e a família	10
3.2 O bebé e o educador	11
4. A creche e a sua importância	12
4.1 A creche dotada de qualidade	12
4.2 Organização do espaço físico, materiais e equipamentos	14
4.3 A creche e os seus efeitos no desenvolvimento da criança	16
4.3.1 Desenvolvimento físico e motor	17
4.3.2 Desenvolvimento cognitivo e da linguagem	18
4.3.3 Desenvolvimento socioafectivo	20
4.3.3.1 Relação com a mãe	20
4.3.3.2 Relações com outras crianças e adultos	23
4.3.3.3 Relação com o educador	24
4.3.4 Separação/ adaptação do bebé à creche	26
5. O educador	29
5.1 O papel do educador em creche	29

c. Metodologia	32
1. Tipo de Estudo	32
2. Amostra	33
3. Técnicas de Recolha de Dados	33
4. Instrumentos de recolha de dados	37
5. Procedimentos	38
6. Análise de dados e interpretação de forma qualitativa	39
Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente	39
Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES)	47
a. Actividades	48
1. Situação: Digitinta	48
2. Situação: Aula de ginástica	51
3. Situação: Aula de música	52
b. Rotinas diárias	55
1. Situação: Muda de Fralda	55
2. Situação: Acolhimento	56
3. Situação: Sesta	58
4. Situação: Arrumar	60
c. Situações espontâneas	61
1. Situação: Disputa de brinquedo	61
2. Situação: Exploração do livro	63
3. Situação: A chuva	65
4. Situação: A falta da chucha	67
5. Situação: Alteração de auxiliar por 1 dia	69
Capítulo IV – Considerações Finais	71

a. Conclusões do estudo	71
b. Limitações e sugestões	74
Referências bibliográficas	77
Anexos	79
Anexo I - Tabela da Amostra da Creche da Instituição R.M.	80
Anexo II - Notas de Campo	81
Anexo III - Tabela de Resultado	114

Introdução

O presente Relatório Final, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Educação Pré-escolar, tem por base o estágio efectuado durante o Mestrado em Pré-escolar em valência de creche.

É de referir que todos os dados para a elaboração do Relatório Final foram recolhidos ao longo de 16 semanas de estágio na instituição R.M.. O tipo de estágio efectuado consistiu num plano de acção, ou seja foram escolhidas as crianças da sala de creche, cada uma com características específicas. Neste sentido, o estagiário implementou e planificou actividades. Posteriormente, avaliou as actividades na sua prática, observando os resultados, e por fim, verificou se as crianças tiveram algum progresso. Por sua vez, o objectivo de estágio prendeu-se na implementação de um plano de acção com base na observação das crianças em sala de creche, planificando e implementando actividades que promovam o seu desenvolvimento nas diferentes áreas.

A temática escolhida tem por base a qualidade do gesto do educador em contexto de creche. A sua pertinência surge quando diariamente me deparo com situações em que a minha atitude é determinante face às manifestações comportamentais das crianças. Questiono-me por vezes se essas atitudes serão as mais adequadas, seja por mim, seja por razões exteriores, uma vez que na instituição do meu local estágio, e onde exerço diariamente a minha prática profissional, esta é uma problemática diária.

De facto, este tema sempre me suscitou bastante interesse desde os primeiros dias de trabalho. Questionar a minha prática com frequência, adequar estratégias face às necessidades do grupo de crianças com as quais me deparo dia-a-dia e, acima de tudo olhar para cada criança como um ser individual com as suas próprias conquistas, frustrações e todas as características inerentes à sua personalidade. Sou constantemente deparada com situações em

que a minha resposta tem de ser clara e objetiva. Nesta faixa etária são sempre difíceis os momentos de separação pela manhã na creche entre as crianças e os pais. Em sala são constantes as situações de conflito, nomeadamente na disputa de brinquedos que gera a “agressividade”, típica na idade. É neste contexto que ocorrem as constantes aquisições, necessitando o apoio do adulto. Neste sentido, é muito importante a postura do educador, bem como a sua intervenção de forma ajustada.

Inicialmente as minhas acções eram intuitivas, no entanto, ao longo do meu percurso académico e com a ajuda de autores de referência, com os quais me identifico (mencionados ao longo do presente relatório), verifiquei que as atitudes do adulto se tornam tendencialmente favoráveis quando o educador tem uma intencionalidade pedagógica. Neste sentido, surge então o mote para o tema do relatório final, uma vez que, aliava a consciência enquanto educadora e em simultâneo a adequação da minha atitude nas diversas situações do dia em creche.

Considero que é importante gostar do que se faz, ajudar as crianças a crescerem felizes, respeitando-as como um ser único e individual. Deste modo, sentir-se-ão seguras no período de tempo que passam na escola. É neste sentido que reside a importância de questionarmos se as nossas práticas são as mais corretas e adequadas, pois só assim conseguimos melhorar e evoluir o nosso percurso profissional e pessoal. Uma educadora de creche necessita estar o mais atenta possível às necessidades básicas de cada criança e dar respostas imediatas, uma vez que precisam sempre do adulto. Ressalto ainda que uma boa relação com as crianças traduz-se numa boa relação com os pais, bem como, com toda a comunidade escolar.

O presente trabalho tem como finalidade mostrar o quão importante é a qualidade do gesto do educador, de acordo com o meio onde se insere, entre crianças, pais, colegas. Tal como foi referido anteriormente, a atitude do educador é determinante no quotidiano das

crianças, é importante adequar a prática à sua sensibilidade e ajustá-la a cada criança. O educador deve apresentar diversas características, sendo determinantes para que a sua prática pedagógica seja produtiva e determinante na evolução das crianças. Entre as demais destaco: educação, sensibilidade, dedicação, ser-se verdadeiro, e ter uma atitude otimista.

Defendo que um educador promotor de atitudes positivas é um educador transmissor de confiança, quer para as crianças quer para os respetivos pais/familiares, que diariamente deixam os seus educandos na creche. A sua sensibilidade permite-lhe conhecer cada um (pais e crianças) ajustando ambos. Por norma, é sempre difícil para os pais deixarem os seus filhos na creche, principalmente quando são crianças que possam mostrar algum desconforto em ficar. Neste sentido, o educador deve ser verdadeiro no aconselhamento que faz relativamente ao momento de despedida, sendo otimista na sua atitude, delinear e executar tarefas para que as crianças se acalmem. Consequentemente, os pais tendem a estar mais confortáveis com a despedida e com os seus educandos.

No que concerne ao restante núcleo de trabalho, o educador deverá ter uma atitude dinâmica e humilde mostrando-se disponível para trabalhar em equipa, sugerindo e aceitando sugestões no sentido de melhorar e evoluir como pessoa e como profissional.

Ressalto que este trabalho será uma mais-valia para o leitor, de forma a mostrar qual a importância da qualidade do gesto do educador em creche, ou seja, a importância do falar e do sorrir, ter atitudes serenas, encorajadoras, e todas as necessidades diárias implícitas nas vivências da creche.

Este Relatório Final poderá ser lido por todas as pessoas que lidam com crianças, nomeadamente: educadores, professores, psicólogos, pais, familiares, entre outros. Pretendo mostrar ao leitor de uma forma simplificada, as vivências do quotidiano em creche e de como

é possível intervir pedagogicamente através de ações simples, como forma de dar resposta às necessidades básicas das crianças, sendo a postura do adulto determinante para o efeito.

A minha maior motivação é identificar, resolver e adequar o comportamento do educador, auxiliar e todos os outros profissionais presentes no contexto de creche permitindo o desenvolvimento saudável da criança, em termos físicos e motores, cognitivos e da linguagem, e socioafectivos.

O Relatório Final da PES tem por base uma determinada estrutura, tanto para uma melhor organização e aprofundação do tema, como possibilitar ao leitor uma maior compreensão ao estudo inerente de forma aprofundada. Deste modo, a estrutura do Relatório Final inicia-se com o Capítulo I que se refere ao tema/problema e o seu objeto de estudo, que será apresentado como forma de intervenção pedagógica. Engloba ainda a revisão da literatura, as opções metodológicas, bem como os procedimentos utilizados na observação empírica e análise do problema no terreno.

Posteriormente, segue-se o Capítulo II, onde se encontra a caracterização do contexto Institucional e comunidade envolvente, onde é apresentado também o local de estágio, tendo em conta os principais elementos, a que população serve, quais os serviços prestados, estrutura e organização da instituição.

Quanto ao capítulo III, que está intimamente ligado à Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição, as atividades exercidas durante o estágio serão contextualizadas, relatadas e analisadas tendo em conta o objeto de estudo. Neste capítulo ainda serão abordadas todas as informações e acontecimentos antes e depois das atividades levadas a cabo, bem como as interações pertinentes entre estagiário e coordenadores, auxiliares e encarregados de educação, relativamente ao problema, práticas e as decisões tomadas.

Por fim, serão expostas as considerações finais no Capítulo IV. Neste ultimo capítulo, é realizada uma análise critica em PES, tendo em conta todos os capítulos anteriores, projetando novas formas de intervenção.

Capítulo I

a. Problema e questão de investigação

Como referido anteriormente, o tema do Relatório Final é “A qualidade do gesto do educador em creche”, cujo objecto de estudo consiste na atitude e qualidade do educador nas diversas manifestações comportamentais das crianças em creche. Sabe-se que esta é uma das fases mais importantes na vida da criança onde ocorrem diversas transformações e aquisições, logo a postura e atitude do educador será determinante para a sua evolução.

As questões de investigação deste estudo são:

- Como se caracterizam as crianças em creche em diversas situações (actividades, rotinas diárias, situações espontâneas);
- De que forma se pode adequar a postura do educador e de outros profissionais quando estão perante situações “problemáticas” e outros acontecimentos?
- Serão as práticas educativas em creche coesas?

Por sua vez, os objectivos são:

- Analisar em diversas situações (actividades, rotinas diárias, situações espontâneas) as características comportamentais da criança em creche;
- Adequar a postura do educador e de outros profissionais quando estão perante situações “problemáticas” e outros acontecimentos;
- Avaliar as práticas educativas em creche;

Deste modo, este é um estudo sobre a resposta adequada que o educador deve dar face às necessidades das crianças no seu contexto institucional, em que a sua atitude será determinante na intervenção pedagógica. Tendo em conta o grupo com que o educador se depara diariamente, este terá o papel de adequar estratégias, bem como, respeitar as necessidades individuais de cada um. Numa faixa etária tão “pequena” a intervenção do adulto é determinante para o desenvolvimento e bem-estar das crianças. A resposta do educador deve ser clara e objectiva para que a mensagem chegue à criança de modo simples e eficaz (Post & Hohmann, 2007; Portugal, 2003).

Como forma de intervenção pedagógica é determinante no educador a postura corporal, a voz e a sua caracterização facial. É de conhecimento geral que na fase da passagem pela creche as crianças passam pelas aquisições primordiais, ou seja, começam a andar, falar, tomam conhecimento de si e dos outros (Post & Hohmann, 2007). Neste sentido, a sua primeira ligação afectiva em creche prende-se ao adulto que as acompanha diariamente, prestando-lhes os cuidados básicos e dando-lhe bases sensoriais, motoras e afectivas que se estendem além dos pais (Post & Hohmann, 2007; Portugal, 2003). É dado às crianças uma panóplia de estímulos para que se desenvolvam seguros de si próprios e se adaptem às rotinas, grupo de pares e adultos. Assim sendo, o educador tem um papel muito importante, pois a criança será o seu reflexo. Por exemplo, se tiver uma atitude agressiva, a criança será futuramente agressiva, insegura e receosa dos obstáculos com que se depara. Se pelo contrário, o educador for otimista, encorajador e um auxiliador de estímulos, terá uma criança segura, que confia no adulto e se sente motivada em arriscar (Post & Hohmann, 2007; Portugal, 2003).

b. Enquadramento Teórico

1. O desenvolvimento Humano

O desenvolvimento humano consiste num processo contínuo, verificando-se a nível físico, mental e na capacidade de se relacionar (Winnicott, 1975). Segundo Aspesi, Dessen & Chagas (2005), o desenvolvimento humano ocorre através de um processo que envolve inúmeras interações recíprocas e complexas entre um organismo biopsicológico activo e outras pessoas, bem como entre objectos e símbolos no seu ambiente imediato.

Para Bronfenbrenner (1996), citado por Souza (2008), esta definição do desenvolvimento humano passa pelas mudanças nas formas como as pessoas percebem e interagem com o ambiente. Mudanças essas que ocorrem ao longo da vida do ser humano, na sua relação com o mundo e até no interior do próprio indivíduo, em vários níveis. Estes níveis categorizam-se como desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, cujos “desenvolvimentos” estão inteiramente relacionados entre si, a influência de um sobre o outro e, todos no seu conjunto fazem parte do ser humano em transformação (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

2. Características gerais do desenvolvimento na primeira infância

O desenvolvimento nos primeiros anos de vida é caracterizado pela constante aquisição de importantes funções, tendo origem nas interações entre os factores genéticos e os factores ambientais. Os factores genéticos são específicos e intrínsecos a cada pessoa, enquanto, que os factores ambientais possibilitam a expressão e o desenvolvimento dos factores genéticos (Libro Blanco, 2000, citado por Souza, 2008). Deste modo, segundo Gauy & Costa Junior (2005), citado por Sousa (2008), o desenvolvimento é influenciado na interação entre os elementos ambientais e hereditários.

Os três primeiros anos de vida do ser humano é marcado pelo crescimento físico e o das habilidades de um modo mais acelerado comparativamente a outras etapas do desenvolvimento. Nesta primeira fase de desenvolvimento surge a capacidade de utilizar símbolos e de resolver problemas, assim como o uso e a compreensão da linguagem e um maior vínculo com o cuidador. É nesta fase que o bebé constrói a representação do mundo bem como de si mesmo. Deste modo, afirma-se que o desenvolvimento da criança entre os zero e os três anos é tanto multidirecional como multidimensional. Embora o desenvolvimento do ser humano seja contínuo, os três primeiros anos de vida são fulcrais para um futuro saudável enquanto indivíduo (Papalia, Olds & Feldman, 2006).

“Reconhece-se no bebé uma organização ou competência inata que o predispõe para a actualização das suas potencialidades através de uma relação activa com o ambiente” (Portugal, 2003, p.29). É a partir de relações complexas entre o bebé e o ambiente que surgem as interações elementares através dos sentidos e movimentos. Salienta-se ainda que as bases sensoriais e motoras são o veículo para a compreensão da relação adulto-bebé (Portugal, 2003).

2.1 Competências e características do bebé

É importante olhar para cada criança como um ser individual, observando as suas qualidades individuais presentes desde muito cedo. Nesta fase de desenvolvimento pode-se empregar o termo temperamento, sendo um modo de ver a criança com todas as suas contribuições únicas para o mundo. Porém, há aspectos que não são temperamentais devido à sua ocorrência ser universal, como a ansiedade de separação, angustia perante um desconhecido, tristeza, vergonha ou mesmo culpa. Na realidade, não existe uma definição específica de temperamento, mas sim um conjunto de constructos. O temperamento refere-se a “um aspecto da personalidade que se expressa como resposta a estímulos externos [...],

afetando o contexto social, a sua forma e grau de expressão” (Portugal, 2003, p.33). No entanto, o temperamento da criança afecta também o desenvolvimento da sua personalidade ao influenciar o ambiente em que se desenvolve. Desta forma, constata-se que o temperamento é algo inato, constituído por vários factores tanto genéticos como experiências intrauterinas que, conseqüentemente representam tendências comportamentais constitucionais (Portugal, 2003).

2.2 Temperamento do bebé

Tendo sido realizado um estudo referente ao temperamento, New York Longitudinal Study (NYLS), observou-se que existem nove traços temperamentais, nomeadamente: ritmos; aproximação ou evitamento; adaptabilidade; qualidade de humor; intensidade de reacções; nível de actividade; limiar de responsabilidade; distratibilidade; atenção e persistência. Estes traços foram ainda agrupados em três padrões temperamentais infantis, tais como: temperamento difícil – corresponde a crianças que respondem a novos estímulos de forma negativa, tendo dificuldades em adaptar-se às mudanças, cujas respostas são intensas e as suas funções biológicas são irregulares. Normalmente, são crianças insatisfeitas no seu dia-a-dia; temperamento fácil – está relacionado a crianças com comportamentos regulares e previsíveis, reagem moderadamente a situações, não demonstram dificuldade em adaptar-se a situações novas e o seu humor geralmente é positivo; temperamento intermédio – encontra-se em crianças que tendem a adaptar-se de forma mais lenta e a sua reacção perante novos estímulos é geralmente negativa, não reagem de forma tão excessiva e tendem a alterar as suas respostas negativas por respostas positivas com o seu devido tempo (Portugal, 2003).

Existem ainda aspectos comportamentais associados ao temperamento, destacando-se:

- a) “Positividade *versus* negatividade das respostas emocionais em geral, respostas emocionais perante novos estímulos em geral, respostas emocionais perante pessoas

familiares ou não familiares em particular e expressões emocionais em resposta a estados internos como fome ou aborrecimento;

- b) Orientação da atenção, como capacidade de se acalmar quando perturbado, e distratibilidade;
- c) Vigor e frequência da actividade e autorregulação da mesma.”

(Portugal, 2003, p.35)

Em suma, o constructo temperamento está intimamente ligado à individualidade do ser humano, pois oferece aspectos comportamentais distintos a cada individuo (distinto da relação ou aspectos situacionais), embora seja sempre afectado por influências ambientais comum a todas as características humanas.

3. As relações precoces do bebé

3.1 O bebé e a família

As primeiras relações para o desenvolvimento da criança são de extrema importância. Quando o bebé ainda se encontra no útero já exerce influência sobre o meio, ou seja, na mãe, no pai, nos irmãos, avós, amigos da família, entre outras pessoas. A partir do nascimento do bebé a sua influência terá ainda mais impacto, onde passa a existir a reacção e interação com diversas situações, bem como com as pessoas que se relacionam com a criança. É neste aspecto que reside a importância das relações para o desenvolvimento da criança, sendo um ponto fulcral das concepções que a criança cria do mundo e do que significa estar nele, bem como as futuras relações com outros indivíduos (Brazelton, 2002; Winnicott, 1975a; Souza, 2008).

A primeira grande experiência do ser humano é a nascença. O bebé vai passando por alguns obstáculos, sendo o primeiro o da sua nascença, no entanto, com o seu desenvolvimento vai passando por muitos outros, nomeadamente a necessidade de se

expressar e de mostrar as suas necessidades básicas ao seu cuidador. Para o bebé poder demonstrar ao outro as suas necessidades, o próprio dispõe de características inatas, recursos sensoriais e motores (actividades reflexas). A partir de interações e da amplitude das suas experiências com os elementos do meio, tais como, objectos, situações e pessoas, o seu desenvolvimento vai-se tornando aperfeiçoado e rico (Delval, 2001; Souza, 2008).

Segundo Macedo & Martins (2004), citado por Souza (2008), a família é considerada como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo. De facto, a família é o primeiro núcleo de convivência e actuação da criança (Souza, 2008), a sua construção como pessoa vai se moldando a partir das relações estabelecidas com os seus familiares e da forma como as suas necessidades básicas são atendidas.

Para a instalação e reforço da maternalidade é fundamental os gestos de reconhecimento da mãe pelo bebé (Souza, 2008). Brazelton (1982), citado por Souza (2008), considera fulcral para a criança a sincronização mãe-bebé de forma a impulsionar o seu desenvolvimento posterior, onde induz um sentimento de competência e de prazer na interação com o ambiente. Estes períodos de sincronia são importantes para reforçar a relação entre os pais-bebé. Este mesmo autor afirma que a forma do bebé capturar a mãe ocorre do seu repertório comportamental, ou seja, quando ouve a voz da mãe para de chorar, quando prefere a voz da mãe, quando se aninha no colo da mãe. Ao se evidenciar e se demonstrar estes comportamentos faz com que os pais percebem automaticamente as capacidades e particularidades individuais do seu filho, estabelecendo assim uma relação positiva entre eles (Souza, 2008).

3.2 O bebé e o educador

É importante referir a existência de outros elementos a influenciarem o desenvolvimento da criança para além da figura materna e de toda a sua família, nomeadamente os educadores

de creches. Neste sentido, sendo o bebé um Ser activo que interage com o meio, o papel do educador passa por respeitar as especificidades da vida de cada criança, tendo em conta o seu processo de desenvolvimento, bem como, compreender a importância da sua função, inclusive, para a saúde do bebé (Sousa, 2008). Como Winnicott (1975a) afirma, as crianças com menos de cinco anos não têm necessidades estáticas ou fixas em si mesmas pois encontram-se num estado de constante transformação tanto a um nível qualitativo, como quantitativo. Assim sendo, o educador deverá executar as suas funções combinando o afecto com técnicas e respeito à criança, em que a própria terá o direito de se manifestar e ser compreendida no seu percurso de desenvolvimento.

4. A creche e a sua importância

A creche dirige a maior parte da rotina diária da criança. Assim sendo, a creche deve ter requisitos básicos que são fulcrais para promover e garantir o desenvolvimento saudável do bebé, nomeadamente os espaços, horários, actividades e os profissionais (Winnicott, 1975a, citado por Souza, 2008). A creche é um espaço de socialização, interactivo e educativo de qualidade e, por isso, depende não só da formação do seu contingente profissional mas também do estabelecimento de estratégias direccionadas para este atendimento Souza (2008).

Segundo Arnais (2003), citado por Souza (2008), a creche corresponde a um espaço onde estão implícitas grande parte das experiências básicas da criança, fundamentais para o seu desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo. Neste sentido, a creche é responsável por possibilitar um desenvolvimento saudável e não apenas de fornecer condições de sobrevivência (Pacheco e Dupret, 2004, citado por Souza, 2008).

4.1 A creche dotada de qualidade

De acordo com Portugal (2003), a creche não deve ser vista como um lugar de guarda das crianças mas sim um meio educativo. De facto, o modo de actuação das creches difere muito

de creche para creche e poderá ser de baixa qualidade. O termo “qualidade” aqui implícito é subjetivo, pois não existem parâmetros claros e definidos, tornando dificilmente as medidas mensuráveis e quantificáveis. No entanto, Katz (1995), citado por Souza (2008), afirma que a qualidade das creches pode ser avaliada em diferentes perspectivas: perspectiva do adulto em geral (*top-down perspective*) – identifica determinadas características do contexto, bem como dos equipamentos e do programa; perspectiva da criança (*bottom-up perspective*) – está relacionada como o contexto é experienciado pela mesma; a terceira perspectiva (*outside-inside perspective*) – refere-se ao modo como o programa é experienciado tanto pelas famílias como pelos educadores; a quarta perspectiva (*inside perspective*) – é o modo como o programa é experienciado pelos técnicos e educadores que pertencem à creche. É de salientar que a partir do modo como as crianças experienciam o programa se poderá considerar os seus efeitos, pois existem circunstâncias ou experiências individuais em que os educadores ou os responsáveis do programa se sentem impotentes. Assim sendo, para o funcionamento do programa e consequentemente da qualidade da creche, os profissionais responsáveis pelo programa devem utilizar estratégias e procedimentos relevantes e apropriados para cada caso. “Assegurar cuidados educativos de boa qualidade pressupõe que os técnicos sejam capazes e possam aplicar os conhecimentos acumulados, sabedoria e as melhores práticas profissionais.” (Portugal, 2003, p.194).

De forma a avaliar a qualidade de um programa, é necessário incluir características da relação pais-educadores, tendo em conta a perspectivas de ambos. Quando as características são “positivas” designam-se pelo desenvolvimento de relação entre a família e o educador tem o mesmo estrato sociocultural, falam a mesma língua, partilham valores e objectivos similares relativamente à criança. No entanto, mesmo que exista um diferente extrato social entre a família e o educador é importante que o educador exacerba o seu profissionalismo, tendo em conta a sua experiência, educação, formação e os seus valores pessoais. Os pais

tendem a relacionar-se melhor com os educadores quando compreendem o seu trabalho complexo e gostam dos objectivos que os educadores tentam cumprir. Para isso, é importante tanto os familiares como os educadores desenvolverem relações de respeito e aceitação (Portugal, 2003).

Segundo Katz (1995), citado por Portugal (2003), o programa/instituição até poderá ser excelente mas o mais importante é que a própria criança se sinta bem nesse contexto. De facto, é a partir de vivências do passado que o ser humano atribui significado às suas experiências. Logo, para a criança, irá sempre depender o nível de estimulação que a mesma experiencia fora do contexto de creche. Exemplificando, se uma criança estiver inserida num ambiente familiar onde lhe estejam disponíveis materiais lúdicos e didáticos, televisões, passeios, relações interpessoais envolvente e estimulantes, o ambiente em creche pode-se tornar aborrecido para esta criança. No entanto, se uma outra criança viver num ambiente mais carenciado, o ambiente de creche irá ser favorável para a criança.

Deste modo, é importante que a creche desempenhe um atendimento alternativo, pois é importante situarmo-nos na sociedade de hoje em dia e nas famílias modernas inerentes à mesma. A creche desempenha um papel fulcral no cuidado, educação, segurança e espaço de socialização para crianças dos zero aos três anos (Souza, 2008).

4.2 Organização do espaço físico, materiais e equipamentos

Souza (2008) afirma que existem estudos que definem que os conceitos e as concepções, referentes ao espaço da creche, são algo que ainda se encontra em construção. No entanto, para Veríssimo e Fonseca (2003), citado por Souza (2008), a creche é considerada como um espaço de direito da criança, bem como contexto de vida e saúde, de interações, de aprendizagem, e também de desenvolvimento de potencialidades e de cidadania infantil.

Segundo Portugal (2003), foram feitas algumas investigações de forma a determinar a influência dos aspectos ambientais sobre os efeitos fisiológicos e comportamentais da criança, tais como a luz, calor, barulho, cor e densidade do espaço. Outros estudos afirmam que as crianças inseridas em creches, cujos ambientes se encontram bem estruturados, promovem comportamentos exploratórios, cooperação e interações sociais, ou seja, o comportamento da criança irá se relacionar com a arquitetura do espaço, em que, espaços abertos estão associados, geralmente, a sentimentos mais positivos em relação ao ambiente. É importante ainda ressaltar que os tipos de brinquedos, bem como os materiais dispostos ao bebé irão influenciar a forma como o próprio interage com as outras crianças.

O contexto de creche pode-se designar “agradável viver” quando a sua estrutura respeita três diferentes níveis: **segurança e saúde** - compete à satisfação das necessidades e prevenção da doença; **funcionalidade** - o espaço deve ser adequado a diferentes objectivos funcionais; **conforto psicológico e satisfação estética** - consiste num ambiente que seja provido de privacidade, estimulação sensorial, sentido de pertença e envolvimento, assim como, apelos estéticos (Taylor e Gousie, 1988, citado por Portugal, 2003).

A organização física do espaço torna-se muito importante a partir do momento em que se tem conhecimento da vastidão de creches cujo ambiente é designado de “fábrica”. Este tipo de ambiente em creche irá trazer custos quer para a criança, quer para o educador, nomeadamente, frustração, aborrecimento e perda de individualidade. Assim sendo, as creches devem ser providas de espaços, onde as crianças se podem movimentar ao seu próprio ritmo, bem como tornar individualizados os seus períodos de actividade, calma e sono (Portugal, 2003).

Numa sala de creche é importante que haja variedade, ou seja, na mesma sala deverão estar incluídas actividades para bebés que sejam capazes de se sentarem, actividades para

bebés que já conseguem andar, outras para bebés que gostam de livros e bebés que gostam de estruturas de trepar, entre outras. É de salientar que “os espaços devem reflectir os diferentes ritmos de desenvolvimento individual e o largo espectro de interesses e capacidades que provavelmente surgirão em qualquer grupo de crianças.” (Portugal, 2003, p. 203).

Na organização dos espaços e das distâncias, é necessário ter também em conta o tamanho das crianças, ou seja, o adulto deve ter em atenção a perspectiva das crianças, nomeadamente, tornar tectos ou mobiliários funcionais e interessantes ao bebé.

Relativamente aos materiais dispostos na sala de creche, os mesmos devem reagir a pequenos toques e possíveis movimentos, sendo algo que os bebés produzem de forma espontânea. Nestas salas são importantes materiais como, móveis que respondem a correntes de ar, espelhos que reflectem modificações nas posições, bolas macias, blocos de esponja, livros de cartão grosso, pequenos colchões, almofadas, algumas plataformas e, a textura de superfícies deverá ser alterada. No entanto, no caso de crianças que já andam, os materiais mais adequados para as mesmas serão outros, principalmente aqueles exijam mais atenção, trabalho e envolvimento. Os materiais para estas crianças devem englobar: prateleiras com compartimentos com algumas portas e gavetas; escorregas, escadas para superfícies mais elevadas, cubos grandes, leves e amovíveis. Logicamente, os brinquedos também devem se ir modificando (Portugal, 2003).

4.3 A creche e os seus efeitos no desenvolvimento da criança

“Embora os objectivos predominantes das creches sejam os da guarda, protecção e cuidados a prestar à criança, a grande questão que se coloca à educação colectiva a partir dos primeiros meses de vida é a de saber se para a criança isso é uma coisa boa ou não. Trata-se de uma questão em relação à qual existe bastante controvérsia” (Portugal, 2003, p.156).

Foram feitos vários estudos de modo a determinar os efeitos da creche em bebés, no entanto, sempre existiram imensas limitações a vários níveis, sendo difícil determinar os seus resultados de forma válida. Também devido à multiplicidade de variáveis nestes estudos, é difícil de assumir as diferenças entre crianças que frequentam a creche e crianças que não a frequentam, pois podem existir vivências diferentes em relação às situações familiares que determinam essas mesmas diferenças. Assim sendo, pode-se assumir as diversas limitações para os dados que reflectem os efeitos da creche (Portugal, 2003).

Porém, a partir de todas as investigações e das suas perspectivas, verifica-se que os efeitos da creche estão organizados de acordo com as áreas físicas e motoras, cognitivas, sociais e afectivas da criança (Portugal, 2003).

4.3.1 Desenvolvimento físico e motor

Deste modo, a área física e motora é a área do desenvolvimento mais fácil de avaliar, cujos resultados de investigação concluíram que as crianças que provêm de ambientes mais privados, os efeitos da creche são positivos, ou seja, promovem o desenvolvimento motor e a actividade geral da criança, aumenta o peso e a altura mais rapidamente e diminui a probabilidade de problemas pediátricos. Por outro lado, crianças que não são carenciadas neste tipo de recursos no seu seio familiar, não se verificam benefícios físicos nem motores por frequentarem a creche, embora, ao nível da saúde se possa verificar algumas diferenças, pois as crianças na creche têm mais facilidade em apanhar doenças como: constipações, gripes, diarreias e outras viroses. As doenças infecciosas mais comuns são as do ramo respiratório e gastrointestinal. No que diz respeito às infecções respiratórias, estudos constatarem que o número e o tipo destas doenças anuais não diferem das crianças que frequentam a creche das que não frequentam. Assim sendo, afirma-se que existe um maior

risco de infecções em creche, embora possa ser diminuído caso a creche adopte medidas preventivas e que constituem a “qualidade” do contexto (Portugal, 2003).

4.3.2 Desenvolvimento cognitivo e da linguagem

O desenvolvimento da linguagem na infância ocorre em idades precoces, entre os 0 e os 3 anos, corresponde então à designada linguagem emergente, onde o processo de desenvolvimento é padronizado nas diversas áreas de aquisição. Assim sendo, engloba o desenvolvimento da compreensão (linguagem receptiva) e o desenvolvimento da fala (linguagem expressiva). A linguagem emergente assume-se como um meio de aquisição da linguagem único da espécie, aparenta estar programado de acordo com um padrão predeterminado como parte da herança básica constitucional do homem. A qualidade do comportamento de linguagem emergente na infância está rudemente moldada pela natureza e frequência da amostra de impressão linguística fornecida pelo ambiente (Viana, 2000).

Desde cedo sabe-se que as primeiras palavras são utilizadas num contexto de apelo de chamada de atenção do adulto para algo, de forma a partilharem experiências, reforçando concepção da linguagem humana como um instrumento que permite transformar a experiência social individual em experiência colectiva, a partir do uso de um sistema de símbolos para ambos os agentes da comunicação partilhada (Acredolo & Goodwyn, 1998).

Vários estudos indicam que não existem efeitos negativos nem positivos da creche quanto ao desenvolvimento intelectual da criança. No entanto, existem outros estudos que contradizem este facto, pois deve-se ter em conta vários factores que determinam estes mesmos efeitos. As crianças oriundas de meios desfavorecidos, crianças de risco e que frequentam a creche, indicam melhores resultados em testes de fluência verbal, memória, compreensão da linguagem e resolução de problemas. Afirma-se que a linguagem destas crianças tende a ser mais complexa e compreendem melhor os sentimentos e pontos de vista

de outras pessoas precocemente. Por outro lado, estudos indicam que a qualidade do contexto tem um elevado impacto no comportamento da criança, onde o seu desenvolvimento psicomotor e *estilo de reacção* irão ser influenciados (Portugal, 2003). “Quanto mais estimulada era a criança através de uma relação positiva com o educador, mais interesse manifestava pelo mundo exterior (pessoas e coisas). A criança também pode reagir com mais vivacidade, manifestando alegria ou raiva, perante as situações diárias. Em contraste, a criança menos estimulada, com uma relação pouco positiva com um adulto, evidenciava mais passividade, acompanhada de uma maior lentidão em termos de desenvolvimento psicomotor e social” (Portugal, 2003, p. 162).

Assim sendo, é importante ter em conta a qualidade do contexto onde a criança experiencia a sua vivência. Para Andersson (1992a), citado por Portugal (2003), a creche de alta qualidade deve de ter em conta o tamanho do grupo, a ratio adulto-criança, as qualificações do educador. Posto isto, irá ser determinante para as competências, comportamento e desenvolvimento da criança a qualidade dos cuidados oferecidos quer em casa, quer na creche, tendo em conta a qualidade do ambiente familiar (Hwang, Broberg e Lamb, 1991, citado por Portugal, 2003).

Em suma, se a criança se encontra num programa de elevada qualidade, as suas experiencias e trajetórias tendem a ser positivas e, consequentemente, o seu desenvolvimento irá ser promovido ao longo de anos. Neste sentido, é fulcral a criança experienciar diferentes contextos, encontrar e interagir com diversos adultos e crianças de uma forma amigável e num contexto de alta qualidade, promovendo assim efeitos positivos para a sua estimulação. Não ignorando o forte papel dos pais, quando os mesmos têm tempo para estar junto dos seus filhos, principalmente no primeiro ano de vida da criança. Contrariamente, caso a criança seja desprovida destas condições e experiencias e que tendem a ser negativas, então a mesma terá resultados negativos a longo termo.

4.3.3 Desenvolvimento socioafectivo

4.3.3.1 Relação com a mãe

Beaumatin (1988), citado por Portugal (2003), defende que a creche é um “complemento da educação parental, a creche como requerendo não apenas conformidade e adaptação da parte da criança mas dando também espaço para os ritmos e características individuais e à elaboração de relações afectivas privilegiadas com outros adultos e crianças” (Portugal, 2003, p.171). Deste modo, a creche é fulcral na promoção da individualidade e socialização da criança.

Muitos autores afirmam que a creche tem efeitos negativos no desenvolvimento da criança quando esta é privada durante horas da ligação forte e segura à mãe, podendo comprometer a segurança emocional da mesma. Desta forma, alguns autores recomendam que as mães devem permanecer o máximo de tempo com os seus filhos, pois a mãe é a figura ideal para o papel de cuidar e prestar atenção ao seu bebé. Logo, as crianças com idades inferiores a três anos de idades deveram ter cuidados individualizados num contexto familiar e não num contexto colectivo (Spock, 1975, citado por Portugal, 2003).

Existem determinados comportamentos do bebé que incitam a manutenção da proximidade com a mãe, tais como, agarrar, sucção, seguir com o olhar, chorar, sorrir, entre outros. Para Bowlby (1973), citado por Portugal (2003), a separação entre a criança e mãe deve ser evitada podendo ser perigosa, “o facto de uma criança ou adulto se encontrar num estado de ansiedade, perturbado ou segurança em grande parte é determinado pela acessibilidade e responsabilidade da sua principal figura de ligação” (Portugal, 2003, p.22-23). Outros autores afirmam ainda que caso esta separação seja muito prolongada, existem fortes riscos da criança vir a apresentar atrasos psicomotores e intelectuais, dificuldades de adaptação ao meio e menos resistência à doença (Portugal, 2003).

De facto, tendo em conta a sociedade actual em que vivemos, a maioria dos pais ao final do seu dia de trabalho são pouco capazes para desenvolver uma relação amorosa envolvente e responsiva durante um tempo (pelo menos uma hora), antes de a criança ir para a cama (Portugal, 2003).

Portugal (2003) afirma que nos primeiros anos de vida é crucial o contacto humano como promoção de vida saudável. O adulto tem um papel fulcral no sentido de segurança interpessoal no bebé, especialmente nos primeiros seis meses. A responsabilidade do adulto após esses seis meses torna-se cada vez mais complexa até aos dois anos de idade da criança, pois o adulto irá ser o facilitador de vários marcos no desenvolvimento da criança, no que diz respeito também à linguagem, coordenação motora e actividades exploratórias, constituindo assim, as bases da competência e alegrias futuras. Deste modo, pode-se dizer que os dois primeiros anos de vida da criança são cruciais para o seu desenvolvimento ao nível da personalidade.

As crianças que frequentam a creche apresentam comportamentos de maior independência em relação à mãe, não querem ficar tão próximas da mãe, nem procuram muito o contacto físico e muitas vezes ignoraram a mãe quando a própria regressa da curta separação. Este facto representa, na realidade, uma independência precoce da criança, devido às fortes exigências de separação e, consequentemente interacções constantes com estranhos. Assim sendo, esta distância observada na criança perante a sua mãe está intrinsecamente ligada à competência social e não, como vários autores indicam, a relações perturbadas. Alguns estudos constatarem que quando as crianças, que frequentam a creche, são expostas a uma figura feminina desconhecida têm momentos de menos excitação e menos sinais emocionais, uma vez que têm variadas experiências interpessoais (Portugal, 2003).

Assim sendo, será que a creche terá de facto efeitos negativos no desenvolvimento da criança como muitos autores defendem? Na realidade, os efeitos da creche não podem ser considerados de uma forma superficial. Para Belsky e Rovine (1988), citado por Portugal (2003), a criança até aos seus 12 meses não deverá ter uma permanência prolongada na creche, pois é considerado um factor de risco para o seu desenvolvimento. No entanto, estes autores afirmam ainda que as condições de risco só podem ser compreendidas de acordo com as características da criança, da família e das condições particulares da creche, tendo em conta a qualidade do contexto, idade, sexo, temperamento da criança, tempo de separação da mãe, relação com a mãe ao nível da estimulação e congruência na atitude da mãe no que diz respeito ao papel profissional e maternal. Quando os pais estão perante situações e momentos de stresse, mostrando-se menos disponíveis emocionalmente, torna a criança mais vulnerável, podendo colocar a criança em risco e a sua relação poder-se-á desenvolver de forma insegura. (Portugal, 2003).

Em suma, pode-se considerar que os efeitos da creche numa criança irá depender de diversos factores, em que são determinantes na explicação das diferenças individuais relativamente ao comportamento e desenvolvimento emocional da criança, são efectivamente as atitudes das mães perante a criança, a sua sensibilidade e acessibilidade emocional e o seu desejo de independência ou autonomia. Logo, esta ligação entre a mãe e a criança deve ter em conta o contexto da relação. No entanto, existem outras variáveis que têm influência no que concerne aos efeitos da creche, nomeadamente, o temperamento da criança, experiências de separação, atitudes e valores educativos da família, sexo da criança, entre outros (Portugal, 2003).

É importante ressaltar que para visualizarmos os efeitos da creche, teremos de ter em atenção a grande variedade de aspectos inerentes à mesma e deve ser visto no contexto de outros acontecimentos e experiências de vida da criança (Portugal, 2003).

4.3.3.2 Relações com outras crianças e adultos

No desenvolvimento socio emocional da criança tem-se em conta, não só a ligação da criança à mãe, como também as relações da mesma com outras crianças e adultos. Neste contexto, tem surgido diversas investigações, ou seja, relativamente às relações sociais da criança em creche, onde demonstram que, efectivamente, há efeitos sociais positivos quando as crianças estão inseridas num contexto de alta qualidade. No entanto, alguns teóricos afirmam que as crianças que entram demasiado cedo para a creches, estas desenvolvem comportamentos negativos e agressivos, cooperam pouco com os adultos e, em actividades escolares futuras, envolvem-se pouco (Belsky, 1990b, citado por Portugal, 2003).

Segundo Belsky e Steinberg, 1978, citado por Portugal, 2003, as crianças da creche em comparação às que estão em casa, tendem a interagir, tanto positiva como negativamente, com as outras crianças, embora desenvolvam comportamentos como: competitividade, agressividade com os seus pares, pouco tolerantes à frustração e barulhentas. Assim sendo, assume-se que a partir dos diversos estudos existentes pontos positivos como pontos negativos quando a criança frequenta a creche. As crianças em creche desenvolvem a competência social, linguagem, persistência e resolução de problemas (Andersson, 1989, 1992a, 1992b, Lamb. *et al.*, 1990). Para além disso, consideram que estas crianças sejam mais “exigentes e independentes, desobedientes e agressivas, mais autoritárias e competitivas do que as que estão em casa com a mãe porque mais autónomas e assertivas e não tanto por inadaptação ou perturbação” (Portugal, 2003, p.177).

Quando uma criança está inserida numa creche de boa qualidade há uma maior promoção do comportamento social da mesma, onde conseguem desenvolver jogos mais interactivos e cooperativos, afectos positivos e interações verbais mais positivas (Field *et. al.*, 1990, citado por Portugal, 2003). Deste modo, pode-se constatar que a criança em creche é mais assertiva

e interactiva do ponto de vista social, cujas consequências dependem não só da qualidade, como também da consistência dos cuidados substitutos dados à criança. No entanto, de forma a avaliar os efeitos da creche e as suas características, deve-se ter em conta o número de crianças e à interacção educador-criança, idade, sexo, temperamento, experiências prévias, entre outros (Portugal, 2003).

É importante ressaltar que as características comportamentais da criança podem ter um forte impacto na sua adaptação à creche, “pois a permanência na creche representa para as crianças uma variedade de novas solicitações por parte dos adultos e das outras crianças” (Portugal, 2003, p. 179).

Em suma, as crianças que se envolvem mais em situações conflituosas são as mais activas, ao contrário das inactivas, embora sejam mais sociáveis também. As crianças que são menos sociáveis, consequentemente mais inibidas, são as mais observadoras e tendem a afastar-se das outras crianças. Existe ainda, uma relação entre as características de intensidade com as características das relações sociais da criança, isto é, as crianças mais intensas lidam com os seus pares de uma forma mais física, em que de um ponto de vista positivo é expresso por toques e contactos frequentes, por outro lado, do ponto de vista negativo, podem envolver agressões físicas (Portugal, 2003).

4.3.3.3 Relação com o educador

De forma a proteger a saúde mental da criança, é importante que as creches realizem menos mudanças possíveis de profissionais e que sejam evitados contactos superficiais e impessoais. Como estudos indicam, é fulcral a ligação entre a criança e o educador pois esta influencia a sua adaptação socio emocional à creche. No entanto, estas ligações entre a criança e o educador, são independentes das ligações da criança aos pais, ou seja, caso a criança viva numa relação de insegurança no seu seio familiar, a mesma poderá desenvolver

uma relação de segurança com o educador (Goossens & Van Ijzendoorn, 1990, citado por Portugal, 2003). Deste modo, é fulcral que a creche forneça cuidados de qualidade, empregando educadores estáveis e responsivos. Por ventura, se a creche for de fraca qualidade e se a criança viver numa relação de insegurança com os seus familiares, a mesma poderá correr mais riscos. Porém, mesmo que a relação da criança com a mãe seja insegura, esta poderá ser compensada por uma relação segura com o educador, logo a creche pode-se tornar num contexto positivo para crianças que vivam numa relação familiar perturbada. Por outro lado, as crianças que tenham uma relação parental segura mas não com o educador demonstram ser mais competentes socialmente do que as inseguras (Portugal, 2003).

Para o desenvolvimento social saudável da criança é necessário a combinação tanto da situação familiar como da creche. Segundo Portugal (2003), as crianças socialmente competentes são aquelas que frequentam creches de qualidade elevada e se desenvolvem em contextos familiares com baixo stresse e têm mais apoios sociais, cujos valores e práticas sociais se encontram mais apropriadas ao desenvolvimento da criança.

É importante ressaltar que num contexto de creche o factor do grupo pode ser uma condicionante para a qualidade da mesma, ou seja, quanto menor for o grupo maior será a eficácia do educador e existirá ligações afectivas mais positivas por parte da criança. Outro factor a ter em conta é a estabilidade da relação entre o educador e a criança (Portugal, 2003).

Quanto maior for o tempo da permanência da criança na creche, maior será a sua ligação com o educador. “Tanto a criança como o educador necessitam de tempo para se adaptarem um ao outro e aprenderem a decodificar os sinais e comportamentos do outro. A continuidade de interações entre um determinado educador e a criança permite não apenas melhores resultados como relações mais intensas e responsivas” (Portugal, 2003, p. 181). Como se sabe, o meio de comunicação do bebé mais precoce é o choro, permitindo-lhe

também o controlo do mundo. É por este meio que o educador pode aprender a compreender a expressão do choro do bebé e actuar de forma directa e eficaz, acalmando a criança, satisfazendo-lhe as necessidades e ajudando-a a confiar nos demais.

Por vezes, o educador não consegue dar respostas imediatas e eficazes à criança quando a própria creche dispõe de um número elevado de crianças, “só quando os educadores não estão pressionados pela responsabilidade de cuidar de um largo número de crianças são capazes de fornecer à criança interações sociais valiosas” (Portugal, 2003, p. 182).

O educador terá maiores probabilidades de desempenhar as suas actividades com sucesso se as creches tiverem qualidade. O tamanho do grupo é um factor crucial no trabalho do educador, pois grupos mais pequenos promovem o bem-estar socio emocional da criança. Em contrapartida, estudos demonstraram que a formação e o treino do próprio educador é mais relevante do que propriamente o tamanho do grupo (Portugal, 2003).

Howes (1991); Howes & Hamilton (1992a), citado por Portugal (2003), defendem que o desenvolvimento da criança é influenciado de acordo com a qualidade do contexto, dependendo essencialmente da formação e do treino do educador. “A sensibilidade e envolvimento do educador com a criança relaciona-se com o seu nível educacional e formação especializada em desenvolvimento da criança” (Howes, 1991; Howes & Hamilton, 1992a, citado por Portugal, 2003, p. 183).

4.3.4 Separação/ adaptação do bebé à creche

Inicialmente quando o bebé entra na creche tende a perder os seus pontos de referência, transformando-se em comportamentos de desorganização, inquietude, angústia e sofrimento. Neste sentido, a criança pode apresentar diversos sintomas, tais como, agitação ou hipercontrolo, recusas, mudanças de ritmo, perturbações do sono, problemas alimentares e manifestações somáticas distintas (Truchis, 1988, citado por Portugal, 2003).

Nesta fase inicial de adaptação do bebé à creche existe um período de protesto, os bebés choram e agarram-se aos pais aquando da sua separação. Também se verifica nesta fase que os bebés tendem a ficar mais rabugentos associado às perturbações a nível alimentar e/ou ritmos de sono, tendo tendencialmente a desaparecer ao longo dos primeiros dois meses (Rodriguez & Hignett, 1981, citado por Portugal, 2003).

Como se sabe, o processo de separação entre o bebé e a mãe por um período de tempo diário, bem como da sua adaptação à creche deve ser realizado de uma forma cuidada e moderada. É imprescindível que se crie uma aliança de confiança entre o bebé, a mãe e a educadora. Para além disso, torna-se crucial compreender qual o significado dos diversos comportamentos da criança, nomeadamente, perturbações do sono, ausência de apetite, reacções de recusa, choros, entre outros. A criança poderá sentir emoções quer negativas, quer positivas face à mãe e à educadora, trazendo problemas delicados e importantes, no entanto, estes problemas traduzem-se em manifestações do seu esforço elaborativo (Portugal, 2003).

Segundo Hignett (1988), citado por Portugal (2003), existem quatro aspectos a ter em conta no processo de adaptação da criança à creche: “(1) desde o primeiro dia, cada criança deve estar ligada a um educador, que é responsável por importantes rotinas do dia-a-dia da criança (alimentação, muda de fraldas, sono, etc); (2) a criança deve continuar com este educador até à idade dos 3 anos; (3) cada educador não deve ter a seu cargo mais do que quatro crianças; (4) o ambiente físico deve permitir o controlo da intensidade da luz, frio e calor e barulhos exteriores” (Hignett, 1988, citado por Portugal, 2003, p. 186).

Esta fase inicial de adaptação e separação é sensível não só às crianças mas também aos seus progenitores. Se por ventura os pais deixam o seu bebé na creche e mostram-se hesitantes ou ambivalentes devido à separação, ou seja, evidencia-se uma longa preparação e

normalmente a separação termina caso a criança demonstre grandes dificuldades perante essa situação. Afirmar-se que as situações mais favoráveis de separação entre a criança e o progenitor é quando estas são breves pois a criança irá estruturar e compreender a separação, embora este processo dependa diariamente de diversos factores, nomeadamente, aspectos do ambiente físico, objectos confortadores, comportamento do educador e de outras crianças, aspectos não verbais, etc. (Portugal, 2003).

Portugal (2003) afirma que o processo dos pais confiarem num educador não é simples. Os progenitores da criança passam por diversos momentos, tanto positivos como negativos, manifestando emoções complexas, dolorosas, onde há a predominância do medo de perder um pouco o seu filho e medo que este prefira o educador ou que não se habitue ao outro, entre outros sentimentos profundos, como de culpabilidade e incompletude por não assegurar a totalidade dos cuidados do seu filho. Por outro lado, está frequentemente presente nas mães a necessidade em confiar no educador devido a motivos materiais, equilíbrio pessoal e/ou do casal, ambições pessoais, receio de ser sufocada pelas necessidades da criança, entre outros. De forma a contrabalançar as atitudes das mães, os pais do sexo masculino, tendem a ter atitudes menos conflituosas com o educador, podendo assim, harmonizar o ambiente da creche e facilitar as separações e reencontros.

É natural que a mãe tenha sentimentos de perda e competição quando tem de partilhar a criança com outro adulto, manifestando emoções diversas, tais como, tristeza, desespero, impotência, solidão, depressão e até sintomas somáticos. De forma as mães se protegerem destes sentimentos e emoções dolorosas, as mesmas tendem a desenvolver defesas que habitualmente são saudáveis, normais e importantes, o que não impede em interferir na ligação da mãe à criança (Portugal, 2003).

Desta forma, para harmonizar todos estes sentimentos e emoções difíceis tanto pelas crianças como pela mãe, é crucial que existam relações fortes entre os pais e educadores, sendo necessário um maior envolvimento dos pais no funcionamento da creche e na educação do seu filho. Assim, tende a diluir comportamentos de competitividade ou sentimentos de culpa (Brazelton, 1984, citado por Portugal, 2003). Para facilitar todo este processo, o educador deverá preencher requisitos essenciais, tais como, ter formação adequada, apresentar conhecimentos e sensibilidade ou empatia no que se refere às interações entre a criança, família e a creche, em que, conseqüentemente, terá um resultado mais positivo. É crucial o educador estar atento a ligações inseguras, isolamento, hipersensibilidade, frieza, fraca capacidade de controlo, insucesso do desenvolvimento físico e sinais de abuso físico. Assim sendo, o educador de creche terá de ser dotado no que respeita ao desenvolvimento da criança, os distintos ritmos de aquisições e processo de individualização, importância da ligação/relação entre a criança e os pais, reacções à separação e meios para a ultrapassar, critérios de boa adaptação e sinais de dor.

Em suma, de forma a facilitar o processo de separação e adaptação da criança à creche, é necessário que sejam desenvolvidas práticas de acolhimento, considerando não só a criança mas também os seus pais. Os profissionais da creche devem ser considerados responsáveis e capacitados em iniciativas criadas no seu trabalho. Neste sentido, é crucial que todo este processo seja visto isoladamente, deve estar integrada no funcionamento global da creche, fundado num novo e verdadeiro profissionalismo (Portugal, 2003).

5. O Educador

5.1 O papel do educador em creche

O educador tem uma forte influência no desenvolvimento infantil, pois interage com a criança longo do dia. O educador passa por fases determinantes aquando desse

desenvolvimento, pois acompanha, por exemplo, o nascimento do primeiro dente, o desempenho dos primeiros passos e da comunicação verbal e não-verbal, tornando-o corresponsável pela formação da criança. Deste modo, o educador deve ser visto como o elemento essencial para o desempenho da criança em creche, tendo como funções: planejar, pesquisar, observar, dialogar, interagir com a comunidade envolvente, ver e ouvir a criança (Souza, 2008). “O educador orienta, instiga, faz as mediações necessárias entre o mundo e a criança e ela também faz a sua parte respondendo ao adulto. A criança mesmo que pequena tem a sua parcela de acção e influência na relação com o adulto” (Souza, 2008, p.13).

É fulcral que o educador tenha comportamentos de construção de confiança e de trocas sociais activas ao interagir com a criança. Estes comportamentos desenvolvem a autonomia da criança, cujo no decurso das suas “aventuras” diárias necessitam de apoio e não que as critiquem, restringem ou as humilhem (Erikson, 1950, citado por Post & Hohmann, 2007). O educador deverá também proteger a criança de experiencias de vergonha e dúvida precoce.

Segundo a investigadora educacional Dolores Lambie (1974), citado por Post & Hohmann (2007), o educador tem como papel responder às aptidões, bem como às necessidades e interesses da criança, onde lhes deve proporcionar oportunidades de actividades iniciadas pela criança que contribuem para o seu desenvolvimento. A função do educador não deverá ser na luta da motivação da criança mas sim criar e encontrar um ambiente social ou físico cuja motivação interna da criança não seja frustrada. É importante que o educador possua um quadro de referência (modelos dos processos de aprendizagem e do decurso do desenvolvimento), ideal para interpretar as acções das crianças e formular respostas coerentes e adequadas (Dolores Lambie, 1974, citado por Post & Hohmann, 2007).

Segundo Post & Hohmann (2007), se as crianças em creche forem tratadas com cuidado e com respeito por parte do adulto, irá promover nas mesmas curiosidade, coragem, iniciativa,

empatia, sentido de si próprio e sentimento que pertencem a uma harmoniosa comunidade social, que conseqüentemente, levará a criança a libertar-se de stresses indevidos e a despendar a sua energia em explorar o seu lado sensório-motor, construindo assim uma compreensão do seu mundo social e físico, bem como, construir ideias saudáveis.

Para construir e manter relações facilitadoras, apoiantes e respeitadoras com as crianças em desenvolvimento, os educadores devem utilizar quatro estratégias cruciais: Estabelecer orientações que promovam a continuidade dos cuidados - centralizar o dia de cada criança em torno de um educador responsável, construir pequenos grupos de crianças que partilham uma equipa de educadores, manter unidos educadores e crianças ano após ano, organizar horários dos educadores em função das necessidades da criança, informar crianças e pais sobre as ausências e regresso do educador, pedir aos educadores responsáveis para registar as observações das crianças; Criar um clima de confiança com as crianças – trocar, segurar, falar e brincar com as crianças de forma calorosa e tranquila, sentir prazer nas interações com as crianças, responder de uma forma facilitadora às necessidades e às chamadas de atenção das crianças, dar às crianças tempo para interagirem e responderem à sua maneira, apoiar a relação das crianças com os pares e outros adultos; Criar uma relação de cooperação com as crianças, ou seja, interagir ao nível físico da criança, respeitar as preferências e os temperamentos das crianças, observar e ouvir as crianças, seguir a vontade da criança, comunicar e conversar de uma forma de tipo “dar e receber”, comentar e reconhecer, olhar para as acções da criança a partir dos seus pontos de vista, deixar a criança escolher quando esta tem qualquer coisa para fazer; Apoiar as intenções das crianças está relacionado com inúmeros aspectos, tais como, focalizar-se nos pontos fortes e interesses da criança, antecipar as explorações das crianças; encorajar e reconhecer as escolhas das crianças na exploração e na brincadeira, ajudar as crianças a alcançarem aquilo que se dignaram fazer, dar à criança

tempo para resolverem os problemas com que se deparam enquanto exploram e brincam com diversos materiais, apoiar as crianças a resolverem conflitos sociais (Post & Hohmann, 2007).

c. Metodologia

1. Tipo de Estudo

Este estudo é caracterizado como sendo do tipo qualitativo descritivo, uma vez que respeita determinadas normas. Segundo Costa (2006), o método de pesquisa nestes estudos tem como base dois aspectos, nomeadamente a presença sistemática do investigador nos contextos sociais em estudo, bem como o contacto directo entre o investigador e as pessoas/situações em estudo. Neste caso, o estagiário enquanto investigador no contexto de creche e em contacto directo com as crianças, familiares das mesmas e outros profissionais presentes (auxiliares, educadores).

Para a realização deste tipo de estudo é essencial usar e coletar uma variedade de materiais, nomeadamente estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevistas; artefactos; textos e produções culturais; textos observacionais; históricos; interativos e visuais, uma vez que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (Lincoln, 2006).

Segundo Gray (2012), a análise qualitativa deverá ser rigorosa e lógica, cujos dados recolhidos e analisados deverão ter significado. O tratamento destes dados tende a ser demorado, uma vez que requerem uma rigorosa reflexão. Assim sendo, os dados começam a ter sentido a partir do momento que são recolhidos, organizados e trabalhados, determinando assim as respostas aos objectivos do estudo (Afonso, 2005).

É crucial que estes investigadores qualitativos ressaltem a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as

limitações situacionais que influenciam a investigação. Para além disso, é importante encontrarem soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado (Lincoln, 2006).

Para além de este estudo ser qualitativo também é descritivo. Os seus dados foram recolhidos mediante a realização de actividades previamente planeadas, bem como em situações espontâneas em contexto de creche, em que o investigador considerou pertinente para o estudo englobar tais acontecimentos. Permitindo assim estudar, compreender, explicar e dar resposta aos objectivos propostos. Este tipo de estudo não é experimental e desenvolve-se no meio natural (Fortin, 2009).

2. Amostra

Este Relatório Final tem como amostra crianças em creche, composta por um total de seis crianças 12 aos 18 meses, sendo 4 rapazes e 2 raparigas (anexo 1), que segundo Costa (2006), designa-se como pequena unidade social. Estas crianças foram observadas num espaço de tempo de 16 semanas, ou seja, no tempo de estágio. O local de pesquisa de terreno deste Relatório localiza-se no Colégio R.M., pertencente ao Concelho de Oeiras, uma vez que o investigador desempenha as funções de estagiária na sala de creche. Logo, torna mais acessível a recolha de situações da amostra relativamente a comportamentos espontâneos e/ou provocados através da observação directa sistemática e de actividades/rotinas realizadas pela estagiária (observação participante e continuada) (Costa, 2006).

3. Técnicas de Recolha de Dados

A partir da amostra há necessidade de produzir e analisar os dados, bem como os processos sociais, desencadeados a partir da observação directa e os processos de interacção. Esta metodologia possibilita ao investigador “equacionar expressamente as possibilidades e os limites de cada uma das situações e de cada uma das formas de interferências, ou seja, de

cada uma das circunstâncias e de cada um dos procedimentos de pesquisa” (Costa, 2006, p.135).

O estudo de investigação deve englobar mais do que uma técnica, encontrando-se alternadas e em simultâneo. É de ressaltar que durante a aplicação das técnicas existam procedimentos pertinentes e rigorosos, bem como, diversificados e flexíveis (Costa, 2006). Para além disso, a eficácia de cada uma das técnicas depende do tipo de informação que se pretende obter (Costa, 2006). Assim sendo, como se pode observar no presente Relatório as técnicas utilizadas foram:

- i- Observação directa;
- ii- Observação participativa e continuada;
- iii- Notas de campo;

i- Observação directa

A observação directa pressupõe que o impacto seja mínimo, verificando-se no presente Relatório. É importante que o observador esteja inserido no mesmo contexto social da amostra em estudo ou que esteja fortemente familiarizado quer por socialização, quer por aproximação prévia (Costa, 2006). Assim sendo, como se pode verificar neste trabalho o observador é o estagiário, que está intimamente ligado às crianças da sala (amostra do estudo). Esta observação deve de ser de certa forma participante, onde é realizada através de actividades e de rotinas diárias em sala de creche. Deste modo, Costa (2006) designa observação directa como um conjunto de técnicas que pode ser rigorosa e incluir a observação visual e auditiva. No entanto, não envolve interações verbais específicas com o observador.

ii- Observação participativa e continuada

Relativamente à observação participativa, resume-se a que o instrumento de pesquisa seja o investigador, em que os principais procedimentos se desenvolvem na presença duradoura do contexto social, neste caso em sala de creche, bem como o contacto directo com a amostra do estudo, ou seja, as crianças dessa mesma sala.

Para Costa (2006), a observação participante não deverá ser demasiado prolongada nem demasiado curta, pois pretende-se que a recolha de informação seja extensiva relativamente a um extenso leque de práticas e representações sociais, cujo objectivo é descrever e alcançar as características e processos da amostra em estudo. As respostas aquando da observação resumem-se em três planos que estão interligados, isto é, o plano de accionamento das técnicas, o plano das dimensões de análise a incluir no objecto de estudo e o plano da interpretação das observações (Costa, 2006). Assim sendo, neste relatório o primeiro plano (accionamento) refere-se à planificação de actividades elaboradas para o plano de acção do estágio, o segundo plano consiste no preenchimento das notas de campo referentes às diversas situações no contexto de creche (actividades exercidas, rotinas diárias, outras situações consideradas pertinentes), bem como a sua análise e interpretação, sendo esta incluída no terceiro plano.

Por sua vez, Stake (2011), na observação participativa o investigador junta a actividade como participante de forma a aproximar dos outros participantes, bem como, tentar aprender algo com a experiência.

De acordo com Gray (2012), este tipo de observação corresponde a um dos principais métodos de coleta de dados, funcionando optimamente em conjunto com a análise documental. Estes dados observados advêm das notas de campo, onde são descritas de determinados contextos e pessoas, tal como o sentido que o participante lhe atribui. Gray

(2012) ainda refere que o pesquisador-profissional é o que se encontra em melhor situação de observação, visto conhecer os pontos fortes e fracos do contexto.

iii- Notas de campo

Utilizou-se ainda como técnica de recolha de dados as notas de campo (anexo 2), essenciais para o investigador classificar, analisar e interpretar os acontecimentos/situações diversas. Este método qualitativo de recolha de dados é utilizado pelo investigador durante a sua pesquisa no terreno, cujas notas devem ser escritas imediatamente no dia em que o pesquisador as observa (Gray, 2012). Para Costa (2006), é fulcral que o observador tenha um vasto conhecimento tanto teórico como empírico para poder classificar e analisar a informação recolhida. “A interpretação da informação obtida através das interações sociais, tecnicamente conduzidas, do investigador com o terreno, vão-se podendo tomar em conta, com maior conhecimento de causa, as características sociais do objecto” (Costa, 2006, p.144).

Creswell (2007) refere que o investigador realiza as notas de campo de acordo com os comportamentos e atividades que observa no local de pesquisa. Desta forma, o investigador ao viver experiências diretas com os participantes possibilita-lhe registar todas as informações no momento exato que estas acontecem. Neste sentido, é fulcral que o investigador tenha alguns cuidados para não ser considerado um intruso. Não pode relatar acontecimentos de carácter privado, uma vez que pode não saber observar corretamente, nem existir empatia com os participantes.

É de evidenciar que as notas de campo são fulcrais no estudo, pois ajudam a compreender, através de pesquisas e confrontos de autores, o porquê das situações descritas. Esta técnica, notas de campo, é de recolha directa da informação. Deste modo, após a observação directa de situações pertinentes, as notas são registadas numa tabela, de forma

sintetizada e sem “opiniões”. São consultados diversos autores, de forma a perceber o porquê da situação e o que os mesmos defendem. No mesmo seguimento, surgem as inferências do investigador que permitem dar o seu parecer da respectiva situação, mostrando o seu “cunho” pessoal, isto é, o que o próprio investigador defende (Fortin, 2009).

4. Instrumentos de recolha de dados

Costa (2006) afirma que existem vários instrumentos que são construídos onde a presença do investigador ou de auxiliares de investigação é crucial. É importante que durante a aplicação dos instrumentos exista, por parte do investigador um profundo conhecimento teórico e preparação metodológica. É natural que aquando deste processo surjam situações inesperáveis, não programáveis e que sejam singularmente significativas.

Ao longo da recolha directa de informação, “o investigador é obrigado a reagir em plena situação de observação, escolhendo dimensões de análise e indicadores, estabelecendo relações entre fenómenos, realinhando focos de interesse e categorias classificatórias, intermutando procedimentos técnicos específicos” (Costa, 2006, p.134). Assim sendo, o investigador deverá preparar cuidadosamente a observação no terreno, devendo o próprio ter solidez teórica e metodológica (Costa, 2006). Neste sentido, como instrumento de investigação do presente estudo foram elaboradas actividades durante o estágio, que permitiram criar situações distintas, para posteriormente serem analisadas e descritas.

Outro instrumento de pesquisa deste estudo foi o próprio investigador. De acordo com Costa (2006), o investigador tem como papel: observar locais, objectos e símbolo; observar pessoas, actividades, comportamentos, interacções verbais; observar as situações, os ritmos e acontecimentos; participar no quotidiano desses contextos e dessas pessoas; conversar com elas, muitas vezes em contexto de entrevista formal. O investigador pode realizar o seu

estudo durante anos e de forma sistemática, onde regista diariamente as observações e informações, as reflexões teóricas e metodológicas, impressões e estados de espírito.

Nesta fase metodológica são cruciais as características do investigador/estagiário, a forma como se posiciona em relação ao objecto, desencadeando tipos e modalidades específicas de interação. Permite colocar como objectivo o estagiário e as suas respectivas acções. Desta forma, pode-se assumir que o investigador é o principal instrumento de pesquisa, inserido num determinado contexto social, neste caso na sala de creche, onde constrói ao longo do tempo uma identidade e estabelece um conjunto de papéis sociais. Costa (2006) denomina este processo como sendo fulcral no trabalho de campo.

5. Procedimentos

O instrumento de recolha de dados deste estudo consiste nas actividades efectuadas com as crianças em creche durante o tempo de estágio, ou seja, para o plano de acção, como referido anteriormente. As actividades foram elaboradas de forma a recolher informações pertinentes e que pudessem responder às questões de investigação do estudo em causa. As actividades exercidas tiveram em conta, primeiramente, a faixa etária das crianças em sala de creche. Assim sendo, houve a necessidade de respeitar o ritmo individual de cada criança, bem como o seu modo de ser e estar.

Todas as actividades, recaíram no sentido sensorial, exploratório e social, em que de forma lúdica as crianças puderam tocar, explorar, tirar prazer da actividade e, conseqüentemente se desenvolverem socialmente. Todas as actividades foram planeadas atempadamente tendo em conta os recursos inerentes (espaço, pessoal e materiais). Inicialmente, as actividades tiveram um tempo estipulado, porém houve a necessidade de algumas serem alteradas e ajustadas às necessidades ou interesses da(as) criança(s) no dia da implementação das mesmas.

Por outro lado, as actividades não foram o único instrumento de recolha de dados, uma vez que neste estudo estiveram presentes situações de rotinas diárias, bem como, situações espontâneas.

6. Análise de dados e interpretação de forma qualitativa

Para se analisar as evidências deste estudo é necessário ter-se em conta duas formas, nomeadamente: analisar os dados tendo por base as proposições teóricas originais e os objectivos de pesquisa que fluíram dela, sendo esta a técnica mais fiável; desenvolver uma estrutura teórica assim que o estudo estiver terminado (Yin, 2003, citado por Gray, 2012). Dey (1993), citado por Gray (2012), nesta análise, afirma que os dados são desmembrados em unidades mais pequenas de forma a revelar os elementos e a estrutura que os caracteriza.

Resumidamente, toda a análise de material empírico qualitativo (documentos, notas de campo, entre outros) irá fazer com que o investigador realize um texto com a sua construção interpretativa que tem como base tudo o que foi observado através do olhar do investigador baseando-se também na fundamentação teoria (Afonso, 2005).

Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente

Iniciei o meu percurso profissional na Instituição R.M. há quatro anos atrás, como auxiliar de educação. Actualmente, como estagiária de creche, que tem sido uma experiência determinante na minha evolução.

A instituição R.M. é uma instituição de carácter particular, situada na cidade de Oeiras há mais de duas décadas. Foi criada no ano de 1990 por uma educadora, contendo as valências de Jardim de Infância e Actividades de Tempos Livres. Sempre foi reconhecida pelo bom funcionamento e competência da equipa e que, na sua maioria, se mantém até à presente data.

No ano de 2010, a escola e empresa sua titular foram adquiridas pelos atuais proprietários, cujo lema é “ ***Renovar (com carinho) mantendo a tradição***”. Os mesmos abraçaram o projecto visando, sobretudo enquanto pais, valorizar um espaço totalmente dedicado às crianças, proporcionando-lhes as condições adequadas para crescerem saudáveis, felizes e sempre em cooperação e interacção com as famílias, promovendo a sua educação através dos modelos metodológicos descritos no actual Projecto Educativo.

Actualmente a instituição R.M recebe crianças de todas as faixas etárias desde três meses até aos jovens que frequentam o Secundário. Assim sendo, esta instituição tem como valências:

- Berçário e creche (crianças dos 3 meses aos 3 anos);
- Jardim-de-Infância (crianças dos 3 anos aos 6 anos);
- Salas de estudo acompanhado (crianças que frequentam o ensino básico - 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo, e o ensino secundário).

Tendo em conta a creche, sendo a valência primordial deste estudo, Veríssimo e Fonseca (2003), citado por Souza (2008), consideram que a creche consiste num espaço de direito da criança bem como contexto de vida e saúde, de interações, de aprendizagem, e também de desenvolvimento de potencialidades e de cidadania infantil.

A estrutura da creche deverá respeitar três diferentes níveis: segurança e saúde - satisfação das necessidades e prevenção da doença; funcionalidade - o espaço deve ser adequado a diferentes objectivos funcionais; conforto psicológico e satisfação estética - o ambiente deve ser provido de privacidade, estimulação sensorial, sentido de pertença e envolvimento, assim como, apelos estéticos (Taylor e Gousie, 1988, citado por Portugal, 2003).

O horário de funcionamento desta instituição é alargado, tendo por base diversas rotinas, ou seja, abre às 7h30 e fecha às 20h. No regulamento interno do R.M., as crianças não devem entrar depois das 9h30 de forma a não prejudicar o desenvolvimento das actividades, que muitas vezes decorrem em grupo (creche e pré-escolar), sendo 11h no caso de crianças que frequentem o berçário. Assim sendo, descreve-se em seguida o horário de funcionamento aliado às rotinas diárias:

- 7h30 – abertura;
- 7h30 às 9h30 – recepção dos alunos e actividades lúdicas;
- 9h30 às 11h30 – actividades educativas;
- 11h30 à 13h – almoço;
- 13h às 15h30 – higiene e sesta;
- 15h30 às 16h – lanche;
- 16h às 17h30 – actividades educativas;
- 17h30 às 18h - actividades lúdicas e recolha dos alunos;
- 18h às 20h – actividades lúdicas e recolha dos alunos em “prolongamento”.

Portugal (2003) afirma que quanto maior for o tempo da permanência da criança na creche, maior será a sua ligação com o educador, uma vez que ambos precisam de tempo para se adaptarem um ao outro e, aprenderem a decodificar os sinais e comportamentos um do outro. Estas interações permitem entre o educador e a criança relações mais intensas e responsivas.

Relativamente à organização do espaço, esta torna-se muito importante a partir do momento em que a instituição seja provida de espaços, onde as crianças se podem movimentar ao seu próprio ritmo, bem como tornar individualizados os seus períodos de actividade, calma e sono (Portugal, 2003).

Na creche R.M, a sala dos 18 aos 24 meses é uma sala pequena com capacidade apenas para 12 crianças no máximo, sendo esta composta por: uma bancada onde são colocados os livros da sala, dossiers, copos individuais das crianças, caixa das chuchas, rádio, lápis de cor, folhas e telefone; um módulo de encaixe de quatro caixas onde em cada uma são guardados legos e outros jogos de encaixe; um tapete onde as crianças se sentam a ouvir as histórias, cantam, entre outros; catres para dormirem; dois brinquedos (andarilhos); uma mesa redonda com quatro cadeiras onde decorrem as actividades; duas caixas de arrumação no chão onde são guardados diversos brinquedos. Como Portugal (2003) afirma, numa sala de creche é importante que haja variedade, ou seja, na mesma sala deverão estar incluídas actividades para bebés que sejam capazes de se sentarem, actividades para bebés que já conseguem andar, outras para bebés que gostam de livros e, bebés que gostam de estruturas de trepar, entre outras. Para além disso, na organização dos espaços e das distâncias, o adulto deve ter em conta a perspectiva das crianças, ou seja, tornar tectos ou mobiliários funcionais e interessantes ao bebé.

Os materiais predispostos na sala de creche são: livros de diferentes texturas; jogos de encaixe; caixas de música; legos; bolas de som; plataforma de esponja para que possam subir e descer; mesa e cadeiras para desempenhar as actividades, tais como pinturas, massa de cores, entre outras actividades. Como afirma Portugal (2003), os materiais devem reagir a pequenos toques e possíveis movimentos, sendo algo que os bebés produzem de forma espontânea. Nestas salas são importantes materiais como, móveis que respondem a correntes de ar, espelhos que reflectem modificações nas posições, bolas macias, blocos de esponja, livros de cartão grosso, pequenos colchões, almofadas, algumas plataformas e, a textura de superfícies deverá ser alterada. No entanto, no caso de crianças que já andam, os materiais mais adequados para as mesmas serão outros, principalmente aqueles exijam mais atenção, trabalho e envolvimento. Os materiais para estas crianças devem englobar: prateleiras com

compartimentos com algumas portas e gavetas; escorregas, escadas para superfícies mais elevadas, cubos grandes, leves e amovíveis. Logicamente, os brinquedos também devem se ir modificando.

O corpo docente desta instituição é constituído por:

- Direcção pedagógica;
- Psicopedagoga;
- Educadores de infância;
- Professor de psicomotricidade, yoga infantil e dança;
- Professor de educação musical;
- Professor de inglês;
- Professor de artes plásticas.

É de referir que a programação das actividades de acção educativa é apresentada aos pais (encarregados de educação) na primeira reunião, normalmente no início do ano lectivo (Setembro).

O R.M. avalia o desenvolvimento biopsicossocial de cada criança/aluno, através de registos de observação periódicos, pela direcção pedagógica e pela psicopedagoga, sendo estes entregues aos pais no final do ano lectivo.

R.M. é um projecto único na área da educação e serviços para crianças, sendo desde sempre reconhecido no mercado pela qualidade e atratividade para os seus alunos, pais, colaboradores e parceiros de negócios. O propósito desta instituição visa o futuro, tendo em conta que a educação deve ser prospectiva em relação ao adulto de amanhã, mas sobretudo empenhada na infância e na criança de hoje. De acordo com Winnicott, 1975a, citado por Souza (2008), é na creche/jardim-de-infância que a maior parte da rotina diária da criança se estabelece. Deste modo, a creche deverá apresentar requisitos básicos essenciais para

promover e garantir o desenvolvimento saudável do bebé, nomeadamente os espaços, horários, actividades e os profissionais. Para além disso, deverá ser um espaço de socialização, interactivo e educativo de qualidade e, por isso, depende não só da formação do seu contingente profissional mas também do estabelecimento de estratégias direccionadas para este atendimento, como se pode verificar na própria instituição R.M.

É do conhecimento geral que a creche tem efeitos na criança, afectando as suas áreas físicas e motoras, cognitivas, sociais e afectivas (Portugal, 2003). Assim sendo, nas áreas físicas e motoras os efeitos da creche torna-se positivo no caso de crianças que provêm de ambientes mais privados, promovendo assim o desenvolvimento motor e a actividade geral da criança, aumenta o peso e a altura mais rapidamente e diminui a probabilidade de problemas pediátricos. Porém, é na creche que as crianças mais adoecem através de doenças infecciosas, por exemplo. No entanto, encontra-se no regulamento interno da instituição R.M. determinadas normas preventivas essenciais que deverão ser respeitadas tanto pelos profissionais inerentes, como pelos encarregados de educação.

Relativamente ao desenvolvimento cognitivo e da linguagem, Portugal (2003) afirma que se a criança se encontra num programa de elevada qualidade, as suas experiencias e trajectórias tendem a ser positivas e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento irá ser promovido ao longo de anos. Assim, é fulcral a criança experienciar diferentes contextos, encontrar e interagir com diversos adultos e crianças de uma forma amigável e num contexto de alta qualidade, promovendo assim efeitos positivos para a sua estimulação. Não ignorando o forte papel dos pais, quando os mesmos têm tempo para estar junto dos seus filhos, principalmente no primeiro ano de vida da criança.

Quanto ao desenvolvimento socioafectivo da criança é importante ter-se em conta não só o vínculo da mãe à criança mas também a relação com outras crianças e adultos, bem como a relação com o próprio educador.

Os efeitos da creche numa criança irão depender de diversos factores que são determinantes na explicação das diferenças individuais relativamente ao comportamento e desenvolvimento emocional da criança, nomeadamente as atitudes das mães perante a criança, a sua sensibilidade e acessibilidade emocional e o seu desejo de independência ou autonomia. Logo, esta ligação entre a mãe e a criança deve ter em conta o contexto da relação. Por outro lado o temperamento da criança, as experiências de separação, atitudes e valores educativos da família, sexo da criança, entre outros são variáveis que têm forte influência na criança (Portugal, 2003).

É importante ressaltar que as características comportamentais da criança podem ter um forte impacto na sua adaptação à creche, “pois a permanência na creche representa para as crianças uma variedade de novas solicitações por parte dos adultos e das outras crianças” (Portugal, 2003, p. 179). Assim sendo, de forma a proteger a saúde mental da criança, é importante que as creches realizem menos mudanças possíveis de profissionais e que sejam evitados contactos superficiais e impessoais.

Quanto à ligação socio emocional entre a criança e o educador, esta é fulcral na sua adaptação à creche, embora sejam independentes das ligações da criança aos pais, ou seja, caso a criança viva numa relação de insegurança no seu seio familiar, a mesma poderá desenvolver uma relação de segurança com o educador. Neste sentido, a creche deverá fornecer cuidados de qualidade, empregando educadores estáveis e responsivos (Goossens & Van Ijzendorp, 1990, citado por Portugal, 2003).

Relativamente à constituição do grupo em sala de creche, o mesmo poderá assumir um factor condicionante para a qualidade da creche, isto é, quanto menor for o grupo maior será a eficácia do educador e, conseqüentemente, permitir ligações afectivas mais positivas por parte da criança (Portugal, 2003). Como se pode observar na instituição R.M., grupo da creche é constituído por 6 crianças, permitindo assim ao educador desempenhar actividades com maior sucesso, pois o tamanho do grupo é um dos factores cruciais no trabalho do educador. Como afirma Portugal (2003), grupos mais pequenos promovem o bem-estar socio emocional da criança. Porém, estudos indicam que mais importante do que o tamanho do grupo é a formação e treino do próprio educador, promovendo assim a qualidade do contexto que conseqüentemente influenciará o desenvolvimento da criança (Howes, 1991; Howes & Hamilton, 1992a, citado por Portugal, 2003).

Tendo por base todos os factores anteriormente mencionados, que determinam a qualidade na creche e, conseqüentemente os seu efeitos ao longo do desenvolvimento da criança, observa-se que a instituição R.M. é dotada de qualidade. Assim sendo, R.M desenvolve como modelo pedagógico o Trabalho de Projecto. Este tem como pretensão implementar um projecto educativo cultural que se vá desenvolvendo e construindo, adequando à realidade educativa. O Trabalho Projecto pretende construir uma experiência educacional para crianças dos zero aos seis anos, baseando-se na imagem de uma criança com forte potencial de desenvolvimento, sujeito de direitos, que cresce em relação com os outros. Pretende também que seja assente no valor e na qualidade da investigação e inovação, apostando em algumas características distintivas, nomeadamente: a participação da família; o trabalho conjunto de todos os actores da comunidade; a importância do ambiente educacional credenciado; coordenação de educação e ensino (documento interno da instituição, em construção); a participação das famílias na vida é um processo educativo e, pretende-se que seja diária, aprofundando as relações interpessoais e de comunicação com os pais.

Para o triénio lectivo 2010/2013 a temática a ser implementada é a “Arte”, sendo o mesmo tema alargado para o ano lectivo 2013/2014, bem como, para o ano lectivo 2014/2015. Uma temática tão ampla permite que todos os profissionais da instituição possam pensar e projectar, intensa e proximamente os interesses, motivações e necessidades de grupos de crianças específicos, desenvolvendo o trabalho em equipa e envolvendo os pais e a comunidade onde se inserem nos seus projectos de sala. Actualmente, o Projecto Educativo tem como tema “Passos de Arte”. Pode-se constatar através deste trabalho projecto que a instituição desempenha um atendimento alternativo, pois, segundo Souza (2008), é importante situarmo-nos na sociedade de hoje em dia e nas famílias modernas inerentes à mesma.

Sendo R.M. uma instituição de qualidade, como supra referido e justificado, cujas valências da Creche e do Pré-Escolar para o trabalho projecto têm como objectivos:

- “Dar a conhecer” as diversas formas de expressão;
- Diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com os diversos materiais;
- Promover a criatividade desenvolvendo a capacidade que a criança possui em explorar e compreender o seu mundo;
- Compreender a nossa cultura e a arte tradicional;
- Valorizar e ampliar experiências e saberes.

Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Tendo em conta que a 1ª infância é uma das fases da vida da criança mais importante, onde se encontram os maiores níveis de desenvolvimento humano, a postura do educador irá ser determinante para a sua evolução. Como se sabe, o tema deste estudo refere-se à qualidade do gesto do educador em creche, determinando como objecto de estudo a atitude e

qualidade do educador nas diversas manifestações comportamentais da criança em creche. As questões colocadas, bem como os objectivos considerados pertinentes para o presente relatório recaem sobre a contexto natural das crianças face ao seu meio envolvente e às suas características; de que forma o educador (ou outros adultos envolventes) pode ajustar a sua prática face às problemáticas que se depara no contexto de sala com as crianças; avaliar a sua prática exercida, questionando-se se será a melhor naquele momento, reavaliando-a posteriormente e ajustá-la sempre que necessário.

Deste modo, irá ser a partir dos objectivos traçados inicialmente e com a análise dos dados provenientes das notas de campo presentes em anexo 2, que o capítulo III irá dar seguimento. Esta técnica de recolha de dados notas de campo inclui: actividades exercidas no âmbito de estágio, que por sua vez consistiu num plano de acção, onde foram escolhidas crianças com características específicas na sala de creche, bem como actividades do regulamento interno; rotinas diárias em creche; situações espontâneas consideradas pertinentes para este estudo.

Assim sendo, de modo a estruturar de forma mais clara irei expor em seguida todas as situações evocadas nas notas de campo, estando devidamente organizadas entre: actividades; rotinas diárias e situações espontâneas e pertinentes. Todas estas situações deverão dar resposta às questões de investigação em estudo e, consequentemente, traçar todos os respectivos objectivos.

a. Actividades:

1. Situação: Digitinta (nota de campo 12 – anexo 2)

Para este dia, foi planeada a actividade de digitinta. Para M. esta era a primeira vez que iria experienciar esta actividade. Inicialmente M. não se mostrou agrado com a actividade, porém quando a estagiária exemplificou a criança começou a tocar na tinta até que ficou

entusiasmado com a digitinta. Quando a estagiária deu por terminada a actividade M. quis continuar. Neste sentido, e face ao interesse que a criança mostrava, foi-lhe permitido que continuasse, uma vez que M. não aceita por norma actividades que envolvam contacto manual.

“Os bebés e crianças são exploradores. Com o intuito de obterem a força e a coragem necessárias para avançarem todos os dias, confiam no apoio dos pais e das pessoas que cuidam deles. As suas *interacções* com adultos em quem confiam dentro e fora de casa proporcionam o combustível emocional de que os bebés e as crianças precisam para desvendar os mistérios com que se deparam no seu mundo social e físico.” (Post & Hohmann, 2007, p. 12).

Segundo Post & Hohmann (2007), quando a criança se envolve naturalmente numa experiencia sensório-motora abrangente possibilita que a mesma experimente a representação de diversas formas, tais como através da imitação das acções dos outros, da interpretação de figuras e fotografias de acções ou mesmo de objectos que experimentou, bem como da utilização de acções e materiais para mostrar ou representar algo conhece sobre o mundo. Existem portanto diversas experiencias-chave que as crianças se envolvem, nomeadamente: imitar e brincar ao faz-de-conta; explorar materiais de construção ou de expressão artística; responder a e identificar figuras e fotografias.

Como se sabe, com a actividade efectuada (Digitinta), permitiu que M. explorasse a sua expressão artística através do estímulo visual (cores) e cinestésico (toque da tinta nas mãos). Deste modo, esta actividade apele aos sentidos da criança, pois permite que a criança explore o que está a vivenciar de forma sensório-motor. Com a digitinta as crianças podem desenhar na superfície da mesa, apagar, voltar a desenhar, ou seja, permite descobrir e experimentar.

Porém, M. sentiu-se apreensiva quanto à actividade proposta, pois era a primeira vez que iria realizá-la. No entanto, assim que M. foi estimulado pela estagiária, onde a mesma exemplificava com as suas mãos a actividade, a criança começou-se a sentir segura e confiante, seguindo o adulto por imitação. Os bebés procuram um sentido de si e uma compreensão do mundo ao seu redor, em que as interações com os pais e educadores exercem uma forte influência sobre as suas conclusões, cruciais para a sua vida futura. Deste modo, é fulcral o apoio positivo, consistente, determinado do educador quando a criança se encontra na fase de exploração activa (Post & Hohmann, 2007).

Estes autores ainda referem que as crianças mais novas tendem a recolher informação a partir de todas as suas acções. As crianças conseguem construir o seu conhecimento através da coordenação do paladar, tacto, olfacto, visão, audição, sentimentos e acções, ou seja, através de experiências sensório-motoras. Deste modo, quando os bebés vivem em ambientes de qualidade podem explorar e interagir com determinados materiais que exercitam e fortalecem as suas sinapses, utilizando para o resto da vida.

Em suma, considera-se que esta actividade teve um forte impacto em M., retraindo-se inicialmente. Porém, através do apoio da estagiária, que demonstrava o quão a actividade era interessante e dando toda a confiança à criança para experimentar, a mesma imitou sentindo-se no final com vontade de continuar. É de referir que o comportamento activo da estagiária foi favorável para que a criança experienciasse por si própria actividade, tirando proveito de uma agradável experiencia. De acordo com Post & Hohmann (2007), cada criança age ou interage de forma única de acordo com o seu próprio ritmo. Logo a estagiária sentiu necessidade de exemplificar primeiro a actividade, podendo a criança iniciar assim que se sentisse segura para o fazer. Assim sendo, é importante que os educadores compreendam as crianças, apreciando a repetição e a imitação por parte das mesmas (Post & Hohmann, 2007).

2. Situação: Aula de ginástica (nota de campo 6 – anexo 2)

No decorrer da aula de ginástica a professora montou um túnel para que as crianças passassem no seu interior. Uma das crianças, mais receosa que as outras, recuou o passo quando foi chamada, recusando. Por norma M. é uma criança pouco dada a adultos com quem tem menos convivência, neste caso a professora de ginástica com quem apenas está uma vez por semana. No entanto, a professora foi insistindo e incentivando a criança, do outro lado estava a estagiária que convive diariamente. O incentivo começou a surtir efeito e a criança foi ganhando coragem e avançando, ajudaram as palavras de incentivo e reforço positivo por parte dos adultos, bem como o facto de M. ver na saída do túnel o estagiária que é seu referente.

Sabe-se que o desenvolvimento da criança nos primeiros 3 anos de vida vai-se tornando aperfeiçoado e rico a partir de interações e da amplitude das suas experiências com os elementos do meio (Delval, 2001; Souza, 2008). Neste sentido, a família, bem como o educador da criança são elementos fulcrais para a sua construção como pessoa. Observando especificamente a situação de M., que evitava passar pelo túnel recorrendo à estagiária, constata-se que tanto a estagiária como a professora de ginástica executaram as suas funções combinando o afecto com técnicas e respeito à criança, incentivando-a a ultrapassar o obstáculo Winnicott (1975a).

As actividades mais físicas são fundamentais para que as crianças possam ultrapassar obstáculos e crescer com segurança e confiança em si próprias. Como se verificou, M. ao ser encorajada conseguiu ultrapassar o desafio de passar pelo túnel, obtendo com sucesso a actividade proposta. De acordo com Arnais (2003) citado por Souza (2008), é importante que o desenvolvimento da criança decorra no espaço de creche dotado de qualidade, onde estão implícitas grande parte das experiências básicas da criança, fundamentais para o seu

desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo. É de evidenciar que no final a criança demonstrou ter ficado feliz por ter conseguido superar o desafio. De facto, foi muito importante para a criança o reforço positivo, tanto da estagiária, como da professora de ginástica, desenvolvendo-lhe a autoconfiança e a segurança entre os seus pares. Segundo Portugal (2003), creches com ambientes bem estruturados desenvolvem nas crianças comportamentos exploratórios, cooperação e interações sociais, ou seja, o comportamento da criança irá se relacionar com a arquitetura do espaço, em que, espaços abertos estão associados, geralmente, a sentimentos mais positivos em relação ao ambiente.

Como se sabe, a área física e motora nesta faixa etária encontra-se em desenvolvimento, tal como as restantes, e de facto, a creche é um forte estimulante para o desenvolvimento da criança, onde os profissionais da creche deverão prestar todo o apoio e atenção. De acordo com a afirmação de Erikson (1950) citado por Post & Hohmann (2007), é fulcral que o educador adopte comportamentos de construção tanto de confiança como de trocas sociais activas quando interage com a criança. Consequentemente, estes comportamentos desenvolvem a autonomia da criança, cujo no decurso das suas “aventuras” diárias necessitam de apoio e confiança através do reforço positivo, como se pode observar na situação descrita entre M., a estagiária e a professora de ginástica.

3. Situação: Aula de música (nota de campo 11 – anexo 2)

Na aula de música a professora, levou um saco com instrumentos musicais dando um a cada criança. Todos mostraram bastante interesse e na hora de arrumar I. mostrou desagrado em dar por terminada a actividade. Assim sendo, a professora permitiu continuar por mais um tempo, deixando a criança satisfeita. Quando voltou a pedir os instrumentos às crianças notou-se uma maior aceitação por parte de I..

De acordo com Post & Hohmann (2007), na fase sensório-motora o movimento físico desempenha um papel essencial na aprendizagem das crianças. Neste sentido, encontra-se nesta fase primordial de desenvolvimento a necessidade que a criança apresenta em controlar os seus movimentos, comunicar através da linguagem, do gesto e da acção, manipular objectos com facilidade, e deslocar-se de um local para outro. “Quando as crianças têm o espaço e a liberdade para se movimentarem sem constrangimentos, aprenderem a medir a sua força física e os seus limites e exercitam padrões de movimentos até que o seu domínio os impele ao próximo desafio físico.” (Post & Hohmann, 2007, p. 44).

Quando a criança explora a música com o seu corpo e a sua voz, permite-lhe expandir a consciência sensorial do som e do ritmo (Post & Hohmann, 2007). Neste caso em concreto, a professora de música levou os próprios instrumentos musicais de modo a que as crianças acessem ao som através da experimentação pelo tacto, para além da visão e da audição. Existem portanto experiências essenciais do movimento e da música que a educadora e outros profissionais proporcionam, levando ao domínio das crianças a: movimentar partes do corpo; movimentar o corpo todo; movimentar objectos; movimentar-se, escutar e responder à música, experimentar um ritmo regular e explorar sons, tons e começar a cantar, neste caso a tocar os instrumentos fornecidos pela professora de música (Post & Hohmann, 2007).

Como se observou, I. correspondeu de forma positiva à actividade proposta pela professora. No entanto, I. gostou tanto da sua experiência com os instrumentos musicais que não queria deixar de os tocar. De facto, é através da exploração de objectos, neste caso os instrumentos musicais, que a criança aprende sobre o mundo físico, pois tudo ao seu redor é novidade. Fraiberg (1959), citado por Post & Hohmann (2007), afirma que existe nesta fase emergente de desenvolvimento a sede pela experiência sensorial, ou seja, as crianças sentem a necessidade de explorar objectos para descobrir o que são e o que fazem, isto é, as suas

características e o modo como se comportam. Os instrumentos musicais dados às crianças fornecem-lhes um enorme estímulo de exploração a vários níveis sensoriais, em que I. foi a criança que mais se manifestou, de forma positiva, perante a exploração dos mesmos. Deve se ter em conta que fora do contexto da aula de música, a mesma procura incessantemente por instrumentos que a própria sala de creche dispõe.

Post & Hohmann (2007) realçam as diversas experiências-chave das crianças quando exploram os objectos, tais como: explorar objectos com as mãos, pés, boca, olhos, ouvidos e nariz; descobrir a permanência do objecto; explorar e reparar como as coisas podem ser iguais ou diferentes, em que nesta situação é acrescida pelo estímulo auditivo, visual e cinestésico.

Sendo assim, quando I. insistiu para continuar a tocar com os instrumentos, a professora de música assentiu dando um pouco mais de tempo para as crianças continuarem com as suas experiências. Este tempo foi crucial para I. anuir com o fim da aula de música sem mostrar resistência. A atitude da professora de música foi a mais favorável para esta situação. É importante que os profissionais em creche apoiem a interacção continuada das crianças com materiais e actividades que sejam do seu interesse. É importante que estes profissionais proporcionem materiais e actividades que possam ir ao encontro dos interesses das crianças, como no caso de I. que fica sempre entusiasmada com as aulas de música, nomeadamente com os instrumentos musicais (Post & Hohmann, 2007).

Em suma, estas experiências ajudam os educadores a compreenderem o crescimento e o desenvolvimento das crianças, bem como interpretarem e partilharem as suas acções com os pais, trabalhando em conjunto de forma a encontrar estratégias comuns, cujo objectivo será apoiar o desenvolvimento das crianças quanto: ao sentido de si próprias, relações sociais,

representação criativa, movimento, comunicação e linguagem, exploração e lógica precoce, tanto em casa como na instituição (Post & Hohmann, 2007).

b. Rotinas diárias:

1. Situação: Muda de Fralda (nota de campo 1 – anexo 2)

Numa situação de muda da fralda após o almoço, a criança em questão estava bastante agitada, talvez por ter chegado nessa manhã muito cedo à instituição e se sentir cansada e com sono. Não tendo sucesso na muda da fralda, pois a criança começou a chorar, resolveu-se cantar uma canção com a intenção de apaziguar a situação. Tal como aconteceu com esta criança, todos os bebés têm necessidade de se expressar e quando estão descontentes fazem-no através do choro e agitação, tal como na referida situação. Segundo Delval (2001), bem como Souza (2008), o bebé tem a necessidade de se expressar e de mostrar as suas necessidades básicas ao seu cuidador. É a partir das interações e das suas experiências com o meio que o seu desenvolvimento vai-se tornando aperfeiçoado e rico.

Coube ao adulto estabelecer um momento relaxante para a criança. O facto de o adulto ter cantado promoveu uma relação de confiança e segurança entre a criança e o mesmo. Nesse instante a criança parou de chorar assim que ouviu a voz melodiosa do educador em conjugação com a música já apreendida (em contexto de sala). É importante ressaltar que a forma como as crianças são tratadas pelo educador permite-lhes desenvolver diversos aspetos como a curiosidade, coragem, iniciativa, empatia, sentido de si próprio e sentimento que pertencem a uma harmoniosa comunidade social, o que levará a criança a libertar-se de stresses indevidos e a despendar a sua energia em explorar o seu lado sensório-motor, construindo assim uma compreensão do seu mundo social e físico, bem como, construir ideias saudáveis (Post & Hohmann, 2007).

2. Situação: Acolhimento (nota de campo 4 – anexo 2)

Logo pela manhã, como habitualmente, M. foi levada à escola pelo pai e nesse dia estava bastante relutante para ficar. Sempre que o pai tentava passa-lo para o colo do outro adulto, a criança em questão chorava. Sabendo-se que na primeira infância as crianças têm um vínculo afectivo muito grande pelos pais a separação é por norma difícil, sendo que a manhã destaca-se mais. Nesta situação, o pai não mostrou hesitação em deixar ficar a criança, o que facilita o processo de quem o acolhe. O adulto que acolhe (estagiário), segurando-o com firmeza demonstrou à criança confiança, fazendo com que se acalmasse e se sentisse bem no contexto. Cabe ao adulto adequar estratégias, as técnicas de quem acolhe as crianças pela manhã na escola podem condicionar o seu comportamento ao longo do dia. Estas estratégias e técnicas facilitam não só as crianças mas também os pais, deixando-os mais tranquilos, uma vez que o processo de separação é doloroso para ambos.

Numa fase inicial de adaptação do bebé à creche existe um período de protesto, os bebés choram e agarram-se aos pais aquando da sua separação (Rodriguez & Hignett, 1981, citado por Portugal, 2003), sendo uma fase muito sensível, não só para as crianças como também para os pais das mesmas. Caso os pais mostrem hesitação ou ambivalência ao se separarem dos seus filhos na creche, naturalmente dificultará o processo de separação do bebé com o seu progenitor. Afirma-se que as situações mais favoráveis de separação entre a criança e o progenitor são quando estas são breves, pois a criança irá estruturar e compreender a separação, embora este processo dependa diariamente de diversos factores, nomeadamente, aspectos do ambiente físico, objectos confortadores, comportamento do educador e de outras crianças, aspectos não-verbais, etc. (Portugal, 2003). De qualquer das formas, em relação a esta situação de acolhimento, denotou-se que o pai não demonstrou sinais de hesitação ou de ambivalência, logo, não foi esse o factor que disputou esta difícil separação de M., mas obviamente estiveram inerentes outros factores, como o facto de acordar muito cedo.

A família é considerada como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo, ou seja, é o primeiro núcleo de convivência e actuação da criança. A sua construção como pessoa vai se moldando a partir das relações estabelecidas com os seus familiares e da forma como as suas necessidades básicas são atendidas (Macedo & Martins, 2004, citado por Souza, 2008). Logo, é natural que inicialmente as crianças não se queiram desvincular dos seus progenitores tal como aconteceu com M. ao chegar à creche com o pai.

Por outro lado, existem outros elementos a influenciarem o desenvolvimento da criança para além da sua família, nomeadamente os educadores de creches. O educador deve respeitar as especificidades da criança, tendo em conta o seu processo de desenvolvimento, bem como, compreender a importância da sua função, inclusive, para a saúde do bebé, pois o bebé é um ser activo que interage com o meio (Sousa, 2008). Neste sentido, a estagiária ao pegar na criança com segurança e afecto e levando-a até à janela fez com que a mesma acabasse por se acalmar e se sentir bem naquele contexto. De acordo com Winnicott (1975a), educador deverá executar as suas funções e combinar técnicas de afecto e respeito à criança, em que a própria terá o direito de se manifestar e ser compreendida no seu percurso de desenvolvimento.

A creche, por sua vez, é fundamental para o desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo da criança, pois corresponde a um espaço onde estão implícitas grande parte das suas experiências básicas. É importante ressaltar que a creche dirige a maior parte da rotina diária da criança, devendo apresentar requisitos básicos essenciais para promover e garantir o desenvolvimento saudável do bebé, nomeadamente os espaços, horários, actividades e os profissionais (Winnicott, 1975a, citado por Souza, 2008). De facto, a estagiária constata que existe um espaço específico na sala onde M. geralmente se acalma e se distrai, a janela.

Deste modo, constata-se que existiram dois factores facilitadores fulcrais neste processo de separação, a técnica da estagiária promovendo o afecto e confiança a M. e, a janela que corresponde a um espaço físico da sala onde a criança se sente mais tranquila.

Em suma, anuindo a afirmação de Portugal (2003), para facilitar o processo de separação e adaptação da criança à creche, é necessário que sejam desenvolvidas práticas de acolhimento, considerando não só a criança mas também os seus pais. Os profissionais da creche devem ser considerados responsáveis e capacitados em iniciativas criadas no seu trabalho. Neste sentido, é crucial que todo este processo seja visto isoladamente, deve estar integrada no funcionamento global da creche, fundado num novo e verdadeiro profissionalismo.

3. Situação: Sesta (nota de campo 5 – anexo 2)

Nesta situação de rotina diária, uma criança dormia tranquilamente. A determinada altura acordou em sobressalto. A estagiária conhecendo-o de antemão sabia que só acalmaria perante o conforto do contacto físico, sendo este o procedimento efectuado para evitar que ficasse mais agitado e, deste modo, acordar as restantes crianças que dormiam num sono profundo. Ao agir desta forma, a criança acalmou e voltou ao registo de sono que em que estava anteriormente.

Na relação construída diariamente com as crianças, sabe-se que se estreita relações de confiança, desenvolvendo na criança segurança, o objectivo principal desta situação. Quando a criança se sentiu segura a mesma voltou à tranquilidade inicial. A creche determina um papel determinante na vida das crianças que a frequentam, por isso é determinante que se sintam bem no seu contexto. Promover um ambiente tranquilo é determinante para o seu desenvolvimento.

Sabe-se que o bebé reage e interage com diversas situações, bem como com as pessoas que se relaciona. É neste aspecto que reside a importância das relações para o desenvolvimento da criança, sendo um ponto fulcral das concepções que a criança cria do mundo e do que significa estar nele, bem como as futuras relações com outros indivíduos (Brazelton, 2002; Winnicott, 1975a; Souza, 2008). Existem alguns obstáculos cujo bebé passa, nomeadamente a necessidade de se expressar e de mostrar as suas necessidades básicas ao seu cuidador. Para o bebé poder demonstrar ao outro as suas necessidades, o próprio dispõe de elementos natos, recursos sensoriais e motores (actividades reflexas).

Em contexto de creche o educador terá um papel crucial no desenvolvimento da criança. A criança deverá se sentir bem no contexto de creche e é importante que saiba que existe alguém presente que lhe transmita carinho, confiança e protecção quando os pais estão ausentes (Winnicott, 1975a). Deste modo, a estagiária acalmou a criança, dando-lhe o afecto que a criança necessitava para se acalmar, aninhando-o no seu colo e dando-lhe a chucha e o seu boneco. A criança acabou por adormecer sentindo-se assim protegida. Corroborando com esta situação, para Portugal (2003), o meio de comunicação do bebé mais precoce é o choro, permitindo-lhe também o controlo do mundo. É por este meio que o educador pode aprender a compreender a expressão do choro do bebé e actuar de forma directa e eficaz, acalmando a criança, satisfazendo-lhe as necessidades e ajudando-a a confiar nos demais.

Neste sentido, é fulcral que o educador tenha comportamentos de construção de confiança e de trocas sociais activas ao interagir com a criança. Estes comportamentos desenvolvem a autonomia da criança, cujo no decurso das suas “aventuras” diárias necessitam de apoio e não que as critiquem, restringem ou as humilhem (Erikson, 1950, citado por Post & Hohmann, 2007). Como se sabe, quanto maior for o tempo da permanência da criança na creche, maior será a sua ligação com o educador. “Tanto a criança como o educador necessitam de tempo

para se adaptarem um ao outro e aprenderem a descodificar os sinais e comportamentos do outro. A continuidade de interações entre um determinado educador e a criança permite não apenas melhores resultados como relações mais intensas e responsivas” (Portugal, 2003, p.181).

Contudo, não é só o educador que tem um forte papel no desenvolvimento da criança mas também a creche onde a criança se insere. De facto, a creche não deve ser vista como um lugar de guarda das crianças mas sim um meio educativo, sendo a qualidade da creche um pouco subjectiva. A creche desempenha um papel fulcral no cuidado, educação, segurança e espaço de socialização para crianças dos zero aos três anos (Souza, 2008). O importante, como refere Katz (1995), citado por Portugal (2003), é que a própria criança se sinta bem nesse contexto. Assim sendo, na creche o ambiente deverá ser de calma e tranquilidade, crucial não só para a criança em questão como também para as outras crianças, promovendo um ambiente mais tranquilo. Aqui o educador irá ter uma forte e importante influência, pois ele é o medidor de diversas situações de conflito, stresse, angustias.

4. Situação: Arrumar (nota de campo 9 – anexo 2)

Era o período de arrumação depois de uma manhã de brincadeira livre na sala. Como sempre é pedido às crianças que ajudem nessa tarefa. As crianças desta sala começam a ter noção a que caixas pertencem determinados jogos. Neste dia destacou-se uma criança em especial, S. que interagia com a estagiária, a cada peça de lego que colocava na caixa perguntava se era ali. Conforme ia guardando ia sendo elogiado pela estagiária incentivando-o ainda mais para a tarefa.

Como se sabe, a creche dirige a maior parte da rotina diária da criança, devendo apresentar requisitos básicos essenciais para promover e garantir o desenvolvimento saudável da criança, nomeadamente os espaços, horários, actividades e os profissionais (Winnicott, Relatório Final de Ana Filipa Silva – Novembro de 2015 - Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

1975a, citado por Souza, 2008). É importante que as crianças tenham tarefas ao longo do dia na creche, de uma forma muito básica, como arrumar material simples.

Neste sentido, a creche corresponde a um espaço onde estão implícitas grande parte das experiências básicas da criança, fundamentais para o seu desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo. Sendo que esta questão do arrumar parte do material da sala permite-lhes desenvolver a sua organização relativamente ao espaço e começar a ter consciência que devem arrumar as coisas que desarrumam, ajudando assim a auxiliar e a responsável em sala.

Assim sendo, é crucial que o adulto em sala promova esta rotina, pois como Post & Hohmann (2007) afirmam, é essencial o educador criar uma relação de cooperação com as crianças, tal como ocorre quando a estagiária pede às crianças para a ajudar, estabelecendo ao longo do desenvolvimento das crianças uma nova rotina diária.

Em suma, é crucial que os profissionais em sala promovam nas crianças curiosidade, coragem, iniciativa, empatia, sentido de si próprio e sentimento que pertencem a uma harmoniosa comunidade social, que consequentemente, levará a criança a libertar-se de stresses indevidos e a despendar a sua energia em explorar o seu lado sensório-motor, construindo assim uma compreensão do seu mundo social e físico, bem como, construir ideias saudáveis (Post & Hohmann, 2007). Assim sendo, surge a importância do estabelecimento de rotinas e da atribuição de tarefas.

c. Situações espontâneas:

1. Situação: Disputa de brinquedo (nota de campo 2 – anexo 2)

Num período da manhã em que as crianças brincavam livremente pela sala, uma criança aproximou-se de outra e retirou-lhe um brinquedo violentamente das mãos. Tendo em conta que, por norma esta criança é possessiva e dominadora e que igualmente tem preferência

pelos brinquedos com que os outros brincam, cabe ao adulto chamar-lhe a atenção considerando a especificidade do seu comportamento. Todas as crianças apresentam comportamentos distintos que estão ligados à sua individualidade. Assim sendo, cabe aos adultos adaptarem a criança ao contexto escolar.

Neste sentido, cada criança deve ser vista como um ser individual, cujas qualidades individuais estão presentes desde muito cedo. Nos primeiros anos de vida da criança surge o designado “temperamento”, isto é, respostas da personalidade da criança face a estímulos externos. Pode afetar o contexto social, a sua forma e grau de expressão. Estes temperamentos estão intimamente ligados à individualidade de cada criança com aspetos comportamentais distintos, como se evidenciou nesta situação em concreto (Portugal, 2003).

Quando a criança se está a adaptar à creche as suas características comportamentais podem ter um forte impacto, “pois a permanência na creche representa para as crianças uma variedade de novas solicitações por parte dos adultos e das outras crianças” (Portugal, 2003, p. 179). Existem crianças que são activas e outras inactivas, isto é, as activas envolvem-se mais em situações conflituosas e são geralmente mais sociáveis, ao contrário das inactivas. Pode-se constatar que a criança que tirou o pano corresponde ao grupo das crianças activas.

Assim sendo, o papel do educador é crucial nestas situações como mediador na situação de conflito, tendo utilizado neste caso o gesto e a palavra. Para Post & Hohmann (2007) é natural as crianças envolverem-se em conflitos sociais, à medida que vão-se desenvolvendo e ganhando um sentido de si e começam a reclamar as coisas como sendo suas. Nesta situação de disputa de material/brinquedo entre crianças, o educador deverá abordar calmamente a criança envolvida no conflito, levando a parar a acção que magoa, reconhecer os sentimentos das crianças, recolher informação, envolver as crianças na descrição do problema e na procura de uma solução e oferecer uma continuidade para esse apoio.

Deste modo, a estagiária procedeu de acordo como um mediador de conflito ao pedir à criança que devolvesse o pano, explicando ao mesmo tempo o porquê. É importante que o educador adote uma postura calma e neutra, não acusando nenhuma das crianças envolvidas na origem do problema, mas sim utilizar uma linguagem corporal relaxada, bem como, adotar uma postura de preocupação terna que irá demonstrar directamente às crianças a aceitação genuína dos seus sentimentos fortes e do dilema que estão a experienciar (Hohmann e Post, 2007). Assim sendo, a criança sente-se libertada de tais energias, direccionando o seu pensamento, agora de forma mais clara, sobre o que pode fazer para resolver o problema. Sendo que neste caso, a criança devolveu o pano à outra criança e logo de seguida direccionou-se para outra brincadeira na sala.

É a partir do apoio dos educadores que as crianças podem desenvolver e treinar a capacidade de resolver a maior parte dos seus próprios conflitos sociais. Exercitam , ganhando uma maior capacidade de controlo relativamente às soluções ou consequências de um problema. Para além disso, experimentam a cooperação e desenvolvem confiança em si próprias, tanto nos seus pares como nos seus educadores (Hohmann e Post, 2007).

2. Situação: Exploração do livro (nota de campo 7 – anexo 2)

Uma criança em sala aproximou-se de outra, com um livro na mão, a intenção desta criança era mostrá-lo à outra, sendo que não fez caso, a referida criança sentou-se com o livro e começou a imitar o som de diversos animais (temática do referido livro). Ao aperceber-se do seu interesse pelo livro e sem ter com quem partilhá-lo, a estagiária aproximou-se da criança e juntas folhearam o livro, enquanto viam os animais o adulto dizia o nome de cada um e a criança emitia o seu som.

O educador tem uma forte influência no desenvolvimento infantil, pois interage com a criança ao longo do dia, passando por fases determinantes aquando desse desenvolvimento.

Acompanha portanto, por exemplo o nascimento do primeiro dente, o desempenho dos primeiros passos e da comunicação verbal e não-verbal, tornando-o corresponsável pela formação da criança (Souza, 2008). Deste modo, a estagiária, instantaneamente dirigiu-se à criança como reforço positivo em ajudá-la na sua exploração com o livro, ou seja, na exploração da linguagem, associando o nome (produzido verbalmente pela responsável) e imagem dos animais aos sons que os próprios naturalmente emitem.

De facto, o período dos 0 aos 3 anos é crucial para o desenvolvimento da linguagem, cujas etapas de desenvolvimento permitem que a criança se muna das competências necessárias para, a partir dos três anos e meio ser capaz de dominar a estrutura da língua materna e deste modo, capaz de falar inteligivelmente sem grandes falhas sintácticas (Lima, 2000). Assim sendo, constata-se que o educador é um elemento essencial para o desempenho da criança em creche, cujas funções consistem em: planear, pesquisar, observar, dialogar, interagir com a comunidade envolvente, ver e ouvir a criança (Souza, 2008).

De acordo com Portugal (2003), o factor grupo em creche é determinante para a sua qualidade e, consequentemente para o desenvolvimento da criança, ou seja, se o grupo em creche for pequeno permitirá que o educador responda às necessidades de todas as crianças, estando presente em momentos cruciais de desenvolvimento e estimulação, possibilitando assim ligações afectivas mais positivas por parte da criança, como se verificou neste caso específico entre a estagiária e I..

Sabe-se que a qualidade do contexto tem um elevado impacto no comportamento da criança, onde o seu desenvolvimento psicomotor e *estilo de reacção* irão ser influenciados. A criança manifesta mais interesse pelo mundo exterior, caso seja estimulada através de uma relação positiva com o educador (Portugal, 2003).

3. Situação: A chuva (nota de campo 8 – anexo 2)

Era de manhã, cantava-se a canção dos “Bons dias”, quando começou a chover muito, o que despertou a atenção de uma das crianças que estava no tapete, dizendo “chuva”. Ao notar-se uma atenção geral para a chuva que decorria no exterior, levou-se uma a uma das crianças para que pudessem ver mais de perto e sentir a chuva a cair nas mãos. Todos se mostraram agradados pela iniciativa.

O desenvolvimento da linguagem na infância ocorre em idades precoces, entre os 0 e os 3 anos, corresponde então à designada linguagem emergente, onde o processo de desenvolvimento é padronizado nas diversas áreas de aquisição. Assim sendo, engloba o desenvolvimento da compreensão (linguagem receptiva) e o desenvolvimento da fala (linguagem expressiva) (Viana, 2000). Assume-se portanto que A., assim como todas as outras crianças da creche, encontra-se na fase da linguagem emergente, sendo que o vocabulário de A. é mais desenvolvido do que as outras crianças. Como se verifica A. evocou o nome “chuva” associando ao estado do tempo fora da sala.

De acordo com Viana (2000), a linguagem emergente assume-se como um meio de aquisição da linguagem único da espécie, aparenta estar programado de acordo com um padrão predeterminado como parte da herança básica constitucional do homem. A qualidade do comportamento de linguagem emergente na infância está rudemente moldada pela natureza e frequência da amostra de impressão linguística fornecida pelo ambiente.

A infância é a fase da revelação do mundo, da descoberta do funcionamento das coisas, da partilha de desafios, brincadeiras e até de medos com os outros e com o que rodeia as crianças desta idade. É um período impregnado de curiosidade e vontade de explorar no qual as crianças manifestam clara intenção de interagir. A estagiária abriu a janela para que todas as crianças pudessem partilhar de igual forma esta exploração e associação da palavra

evocada “chuva” às gotas de água que caíam no exterior da sala. De facto, à medida que as crianças crescem, as mesmas sentem necessidade ir mais além do observar, sentir, explorar, ou seja, sentem necessidade de comunicar ao outro os seus saberes, como se observou com A. Para além disso, motivou as restantes crianças a imitarem a palavra “chuva”, pois segundo Acredolo & Goodwyn (1998), a principal motivação que impulsiona os bebés para a linguagem é o facto de esta permitir a socialização com os outros.

Desde cedo sabe-se que as primeiras palavras são utilizadas num contexto de apelo de chamada de atenção do adulto para algo, de forma a partilharem experiências, reforçando concepção da linguagem humana como um instrumento que permite transformar a experiência social individual em experiência colectiva, a partir do uso de um sistema de símbolos para ambos os agentes da comunicação partilhada (Acredolo & Goodwyn, 1998). Neste sentido, A. sentiu a necessidade de partilhar o que via tanto com o adulto como com as restantes crianças em sala.

A estagiária permitiu, assim ao abrir a janela, que as crianças experienciassem e acessem ao significado da palavra “chuva” através dos sentidos, nomeadamente através da visão, audição e tacto, em que segundo Acredolo & Goodwyn (1998) todos os outros sentidos são, inevitavelmente, interferentes neste complexo processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem.

É importante ainda indicar a postura da estagiária quando motivou as crianças para tal experiência, tendo demonstrado que as crianças encontram-se num contexto de aprendizagem activa. É crucial que os educadores observem, interajam e aprendam ao longo do dia sobre as crianças que acompanham, ou seja nas actividades que executam, nas rotinas diárias bem como nas situações espontâneas, devendo assim focalizar-se nos pontos fortes e interesses da criança, antecipar as explorações da mesma, encorajar e reconhecer as escolhas das crianças

face às explorações e brincadeiras e ajudá-las a alcançarem aquilo que se propuseram fazer. Estes são apenas algumas estratégias que o educador deverá utilizar (Post & Hohmann, 2007).

4. Situação: A falta da chucha (nota de campo 10 – anexo 2)

Após o almoço e a rotina de higiene, as crianças estavam preparadas para o repouso, quando uma delas deu pela falta da chucha, costumando trazê-la na mochila para dormir. Foi-lhe explicado que não tinha na mochila naquele dia, a criança começou a ficar inquieta, chorando cada vez mais e desassossegando o restante grupo. Após várias tentativas para que se acalmasse, verificou-se que era em vão. Procedeu-se ao telefonema aos pais para a possibilidade de se dirigirem à instituição para a entrega do objecto (chucha), ao qual se prontificaram de imediato. Assim que a criança teve a chucha na sua posse acalmou e adormeceu rapidamente.

A hora da sesta ocorre, não só devido ao cansaço das crianças, mas também por fazer parte da rotina regulamentada da instituição. A sesta na rotina das crianças é muito importante para o seu crescimento e desenvolvimento, proporcionando a oportunidade de recarregarem as suas energias tanto físicas como emocionais para o restante dia. Assim sendo, os educadores são responsáveis por respeitar e organizar a resposta às necessidades de cada criança, quando esta vai dormir (Post & Hohmann, 2007).

Por diversas razões as crianças podem sentir dificuldades ao adormecer, logo precisam da ajuda do educador para as acalmar. Segundo Post & Hohmann (2007), as crianças desenvolvem os seus próprios rituais de adormecer, pois sabem de antemão que devem dormir a sesta. Há bebés que têm facilidade em adormecer, outros sentem mais dificuldades ficando rabugentos, podendo necessitar do embalo, de carinhos ou que os educadores cantem

uma canção. Por outro lado, existem crianças, como no caso de C. que necessitam da chucha para adormecer.

Uma vez que C. não tinha trazido a sua chucha habitual, a estagiária tentou acalmar a criança dando-lhe toda a atenção e afecto que necessitava, tentando afastá-la da sua frustração por não ter a chucha. No entanto, C. não parou de pedir a chucha e consequentemente, de chorar. Sabendo que C. usa a chucha para momentos de maior tensão e stresse, o carinho da responsável sala não surtiu efeito na criança, tendo, posteriormente a necessidade de chamar os pais da criança para lhe trazer a chucha.

Neste caso também é importante ter em conta o temperamento de C. e como ela se encontrava naquele dia, pois tinha chegado mais cedo à instituição, encontrava-se assim mais impaciente que o habitual. Como Post & Hohmann (2007) afirmam, o temperamento das crianças correspondem ao seu ser, em que o educador deve procurar ajustar o seu estilo de interação de forma a apoiar o ritmo e o estilo de cada criança, tal como a responsável tentou proceder com C.. Por sua vez, Portugal (2003) refere que o temperamento está estritamente ligado à individualidade do ser humano, indicando aspectos comportamentais diferentes de criança para criança, ou seja, distinto da relação ou aspectos situacionais, embora seja sempre afectado por influências ambientais comumente a todas as características humanas.

Uma vez que a estagiária não conseguia acalmar a criança, a própria teve de telefonar aos pais da criança. C. não parava de chorar e estava a afectar também o restante grupo. Os pais de C. levaram então a chucha à estagiária para esta dar à criança. De acordo com Post & Hohmann (2007), são cruciais parcerias de confiança e respeito mútuo entre o educador e os pais da criança, onde se estabelecem conversas de dar-e-receber relativamente ao crescimento e desenvolvimento dos seus filhos. Assim sendo, é crucial que os pais e educadores utilizem uma abordagem de trabalho em equipa de forma a criarem um ambiente apoiante para as suas

crianças. Neste sentido, tanto os pais como os educadores “ganham mais segurança nos seus esforços mútuos no sentido de facilitarem a transição entre a casa e o infantário, e os pais e educadores com diferentes crenças sobre a educação infantil, os cuidados e as primeiras aprendizagens muitas vezes alargam a sua percepção do que é possível” (Post & Hohmann, 2007, p.329). Deste modo, este elo de ligação entre o educador e os pais reflecte-se no comportamento da criança. É fulcral que esta equipa entre pais e educador se estabeleça pois consiste numa forte defesa em prol da criança noutros contextos (Post & Hohmann, 2007).

Em suma, face à atitude dos pais de C. e à da estagiária assume-se que para o desenvolvimento social saudável da criança é necessário a combinação tanto da situação familiar como da creche (Portugal, 2003).

5. Situação: Alteração de auxiliar por 1 dia (nota de campo 3 – anexo 2)

Num determinado dia (parte da manhã), a mr de sala não esteve presente, sendo substituída por outra colega. Embora todas as crianças desta sala a conhecessem, houve uma que estranhou a sua presença, chorou e após várias tentativas de aproximação por parte da auxiliar substituta a criança negou sempre o contacto. O seu comportamento começava a deixar agitadas as restantes crianças. Neste sentido e de modo a voltar à estabilidade na sala foi necessário o outro elemento da sua referência (estagiária) dar-lhe colo, andando assim toda a manhã.

Souza (2008) afirma que a creche desempenha um papel fulcral no cuidado, educação, segurança e espaço de socialização para crianças dos zero aos três anos. De forma a proteger a saúde mental da criança, é importante que as creches realizem menos mudanças possíveis de profissionais e que sejam evitados contactos superficiais e impessoais (Portugal, 2003). De facto, quando a auxiliar foi substituir a colega em sala de creche todas as crianças estranharam a sua presença. No entanto, com o decorrer do dia as crianças habituaram-se à

sua presença, não se denotando desvios de comportamentos, excepto C. que chorava constantemente quando a auxiliar tentava realizar o contacto, mas a criança impedia a aproximação da auxiliar, recorrendo sempre à estagiária. Como estudos afirmam, é fulcral a ligação entre a criança e o educador, pois esta influencia a sua adaptação socio emocional à creche (Goossens & Van Ijzendoorn, 1990, citado por Portugal, 2003).

Deve-se referir que C. é a criança mais nova em sala, por isso requer mais atenção e o estabelecimento contínuo de confiança e segurança por parte do adulto. Segundo Belsky, 1990b, citado por Portugal (2003), as crianças que entram demasiado cedo para a creches, tendem a desenvolver comportamentos negativos e agressivos, cooperando pouco com os adultos e, em actividades escolares futuras, envolvem-se pouco. Deste modo, para colmatar este tipo de situações por parte da criança, condicionando muitas vezes o seu desenvolvimento, é importante que a creche intervenha. De facto, como Portugal (2003) refere, existem circunstâncias ou experiências individuais em que os educadores ou os responsáveis do programa se sentem impotentes. Como se observou nesta situação da substituição da auxiliar por um dia, condicionou significativamente o comportamento de C..

É importante ter-se em conta que para o funcionamento do programa e consequentemente da qualidade da creche os profissionais responsáveis pelo programa devem utilizar estratégias e procedimentos relevantes e apropriados para cada caso. “Assegurar cuidados educativos de boa qualidade pressupõe que os técnicos sejam capazes e possam aplicar os conhecimentos acumulados, sabedoria e as melhores práticas profissionais.” (Portugal, 2003, p.194). Deste modo, a estagiária utilizou diversas estratégias, embora nenhuma delas tenha resultado, a não ser dar colo à respectiva criança durante o tempo que a auxiliar esteve presente.

Capítulo IV – Considerações Finais

a. Conclusões do estudo

De acordo com o tipo de estudo deste Relatório Final, não é pretensão desta pesquisa esgotar o tema proposto. O presente Relatório Final abriu possibilidades de novas investigações e apontou alguns elementos que ainda são pouco evidenciados na leitura, especialmente mais recentes.

Como se sabe, o tema deste estudo centra-se na qualidade do gesto do educador em contexto de creche e por isso o seu enquadramento teórico fixa-se, primeiramente no desenvolvimento da criança em idade de creche em todos os seus níveis de desenvolvimento (físico/motor, cognitivo e linguagem, psicossocial). Para além de referir o desenvolvimento da criança, foi de extrema importância apresentar autores de referência que abordassem o assunto da qualidade da creche e o papel fundamental que o educador deve prestar neste contexto de creche.

Deste modo, os resultados deste estudo prenderam-se essencialmente no papel do educador (atitude) face aos diversos comportamentos da criança em creche expressos/ manifestados em diversas situações, tais como: actividades (plano de acção de estágio e actividades regulamentadas pela instituição); rotinas diárias; situações espontâneas.

Deste modo, foram elaboradas três perguntas orientadoras:

1. Como se caracterizam as crianças em creche em diversas situações (actividades, rotinas diárias, situações espontâneas)?

Na creche não existem dias “padrão”, a cada dia a criança pode ter um comportamento ou manifestar-se de uma forma diferente nas actividades, rotinas ou noutras situações e que

depende de vários factores, nomeadamente, temperamento, cuidadores, o grupo, o educador e restantes profissionais. Por outras palavras, a criança pode ter sono, pode estar adoentada ou até mesmo a sua própria predisposição social, tudo isto pode apresentar comportamentos diferente para a mesma situação, como se pode observar no capítulo III, bem como nas notas de campo (anexo 2)

Em contexto de creche e face às rotinas diárias, situações espontâneas e actividades propostas pelo adulto, estando as crianças adaptadas ao meio, por norma a sua reacção é positiva. Identificam-se com os adultos com quem se relacionam diariamente, facilitando deste modo a sua permanência na creche. Normalmente o acolhimento é a hora do dia mais difícil, a separação dos pais é algo que as deixa intranquilas, embora se tenha notado progressos significativos no decorrer do ano lectivo.

No geral, as actividades exercidas para com as crianças são bem recebidas, no entanto, há que ter em conta que existem crianças mais predispostas que outras, nomeadamente no que diz respeito ao contacto e ao manuseamento de novos materiais (tecidos, tintas, entre outros). Cabe ao adulto respeitar o tempo de aceitação da criança para com a actividade e incentivá-la para que de forma lúdica tire o máximo partido, aprendendo de forma divertida.

A resposta de cada criança face às diversas situações acima referidas torna-se um sinal do desenvolvimento da sua personalidade relativamente aos estímulos a que é submetida no seu quotidiano, sendo determinantes para a construção da sua personalidade através dos estímulos do seu quotidiano. Neste sentido, o seu desenvolvimento torna-se rico através das interacções e experiências com o meio, permitindo que ganhe segurança e confiança nas suas acções.

2. De que forma se pode adequar a postura do educador e de outros profissionais quando estão perante situações “problemáticas” e outros acontecimentos?

O educador assume um papel fundamental na vida das crianças em creche. Na verdade são vistos pelas mesmas como o cuidador que “substitui” os pais quando estes não estão presentes. No entanto, nesta idade sabem bem distinguir a diferença e têm perfeita noção de que a escola é um lugar onde permanecem grande parte do dia e que os pais chegam mais tarde. Assim sendo, cabe ao educador prestar todos os cuidados de modo a preservar o bem-estar das crianças, devendo apresentar um comportamento ajustado a cada situação que se vai deparando. A sua postura deverá ser coerente para que a criança ganhe estabilidade e confiança no seu meio diário. Uma postura calma, bem como um tom de voz sereno, aliados a uma postura corporal descontraída são a atitude que o adulto (educador, auxiliar e outros profissionais da educação) deve ter. Existem situações inesperadas, um acolhimento mais difícil, uma criança que nesse dia não está tão predisposta para a sua interacção com os outros, um mal-estar, uma doença, são tudo factores que poderão estar implícitos, ocasionalmente, num contexto diário. Neste sentido, aliar a prática diária com a teoria pré-concebida são ferramentas de trabalho preciosas na vida do educador.

O educador, tem a responsabilidade de respeitar o grau de desenvolvimento de cada um, a sua predisposição para o que lhes é proposto, incentivar e encorajar as crianças, para que tirem o máximo proveito diário das crianças em creche.

3. Serão as práticas educativas em creche coesas?

Para que as praticas educativas em creche sejam coesas, o educador tem de ter uma boa relação com a instituição, identificar-se com a metodologia e com os restantes profissionais,

Nem sempre os objectivos propostos inicialmente são os mais indicados. Nesse sentido, cabe a todo a equipa de trabalho reavaliar estratégias e reorganizar novas práticas coerentes e eficazes. Para o bom funcionamento da instituição o primeiro factor a ter-se em conta deverá ser as crianças que a frequenta, contribuindo deste modo para um desenvolvimento salutar.

A instituição por onde se rege este relatório é uma instituição de carácter familiar, que preza a relação escola/família. É determinante para todos que as crianças e os pais se sintam bem, que a despedida não seja penosa para ambos e que durante o período de tempo na escola se sintam bem. A direcção desta instituição rege-se também por valores, tais como o profissionalismo, coerência, verdade e readaptação a novas práticas educativas. Oferece a todos os colaboradores a possibilidade de novas aprendizagens, sempre no sentido de melhorarem a sua prática e, deste modo, contribuir também para a evolução da instituição. Assim sendo, permite as práticas sejam coesas e assertivas para o quotidiano da instituição.

Em suma, a partir destas questões de investigação, denota-se que os respectivos objectivos do presente Relatório Final foram atingidos com sucesso. Deste modo, este estudo poderá possibilitar novas investigações futuras mais pormenorizadas, servindo de suporte para as mesmas, visto que as atitudes/qualidade que o educador deve ter presente face às manifestações das crianças deste estudo prenderam-se em diversas situações, como referido anteriormente, actividades, rotinas diárias e situações espontâneas.

b. Limitações e sugestões:

Ao longo da elaboração deste relatório surgiram algumas limitações que se consideram cruciais serem apresentadas, visto que podem ter tido uma certa influência nos resultados obtidos.

Inicialmente o Relatório Final recaía somente no plano de acção desenvolvido durante o estágio. De facto, neste estudo esteve presente esse mesmo plano. No entanto, como o plano de acção era direccionado unicamente para uma criança, ao longo deste estudo sentiu-se a necessidade evidenciar as manifestações comportamentais das crianças noutros contextos sem serem as actividades planeadas, tais como rotinas diárias e situações espontâneas. Assim sendo, considerou-se importante incluir essas mesmas situações (rotinas diárias, situações

espontâneas), registadas nas notas de campo (anexo 2) para se obterem resultados mais gerais e não tão pormenorizados, como poderão e deverão existir em estudos futuros, visto que se observou a carência de estudos específicos e actuais que indicassem e interligassem os 3 elementos essenciais de acordo com o objecto de estudo: a criança, o educador e a creche.

Deve-se admitir que teria sido importante para este estudo que os resultados recaíssem somente em actividades previamente planeadas pelo investigador para haver uma maior coesão de dados, bem como uma planificação mais direccionada. Porém, se assim fosse não iria permitir ao investigador analisar situações cruciais que só se desenvolvem em situações muito específicas como no caso das rotinas diárias (por exemplo: arrumar a sala) e das situações espontâneas, nomeadamente a disputa do brinquedo.

Ao realizar-se este relatório final sente-se como a finalização de um objectivo há muito intencionado. Estudar e expor no papel um tema tão presente na vida de um educador foi um dos objectivos principais, uma vez que é um tema presente no quotidiano de qualquer pessoa, independentemente do seu estatuto, que trabalhe com crianças.

Deve-se admitir que no início do presente estudo existiram muitas ideias a expor, sintetiza-las e expô-las para o papel foi a tarefa mais complicada. O investigador deste estudo tem autores de referência pessoal. A autora Gabriela Portugal e a pedagogia de High-Scope fizeram desde cedo parte das suas referencias pessoais e académicas, ajudando-o a delinear as suas ideias para o estudo e, tendo sido preciosos para a realização deste mesmo trabalho.

O interesse do estudo surge pela importância da atitude do educador, bem como dos restantes profissionais que se relacionam com as crianças, nas suas práticas diárias, adequá-las e reajustá-las sempre em função da criança assim como, grupo de pares onde estão inseridas. É importante pensar antes de agir, reflectir e reajustar práticas sempre que

necessário. Uma criança precisa de um ambiente calmo de um adulto coerente que respeite o seu nível de desenvolvimento e que lhe favoreça e estimule todas as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. O investigador deste estudo considera que é o factor determinante para uma prática diária produtiva, dinâmica e favorável ao crescimento das crianças.

O presente estudo foi feito com apenas seis crianças o que permitiu ao investigador, uma melhor observação de cada uma, que apesar de idades tão semelhantes revelaram comportamentos bastante distintos entre si. Neste sentido, favoreceu e enriqueceu o trabalho.

Ao longo deste trabalho foi-se notando um enorme cansaço, típico de quem acumula diversas funções. A par de estar a desenvolver o presente relatório, também o investigador desempenhava as funções de responsável de sala, o que se tornava muito cansativo, uma vez que tinha de estar em duas frentes sem que houvesse falhas. Porém, este relatório permitiu ao investigador reflectir sobre as suas práticas e os seus comportamentos no dia-a-dia, e ter a certeza que de facto o comportamento do adulto é determinante para o desenvolvimento das crianças.

Como possíveis sugestões de estudo seria pertinente estudar as práticas recorrentes de diversas instituições, bem como o papel da família como promotor no desenvolvimento das crianças.

Referências bibliográficas

- Acredolo, L. & Goodwyn, S. (1998). *A Linguagem do bebé*. Edições Cetop.
- AFONSO, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Aspesi, C. C., Dessen, M. A. & Chagas, J. F. (2005). *A ciência do desenvolvimento humano – Tendências actuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed.
- Brazelton, T. (2002). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes.
- Costa, A. (2006). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- CRESWELL, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa - Métodos qualitativos, quantitativos e misto*. (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Delval, J. (2001). *Aprender na vida – Aprender na escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lisboa: Lusodidacta.
- GRAY, D.E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2ª ed.). Porto Alegre: Penso Horizonte.
- Lima, R. (2000). *A linguagem infantil – Da normalidade à patologia*. Braga: Edições APPACDM, Distrital de Braga.
- LINCOLN, Y. S. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa - Teoria e abordagens*. (2ª ed.). Porto Alegre: São Paulo.

Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. (8ªed.). Lisboa: McGraw-Hill.

Portugal, G. (2003). *Crianças, família e creches - Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.

Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários - Cuidados e primeiras aprendizagens*. (3ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Souza, N.N. (2008). *Concepções de educadores de creche sobre o desenvolvimento da criança na faixa etária de zero a três anos. Pós-Graduação em educação, área temática cultura e processo de ensino*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

Viana, F. L. (2000). *REEL – Escala de avaliação da linguagem receptiva - expressiva. Versão Traduzida para Estudo*. Universidade do Minho: Instituto de Estudos da Criança.

Winnicott, D. W. (1975a). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D. W. (1975b). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Anexos

Anexo I – Tabela da Amostra da Creche da Instituição R.M.

Idade	Rapazes	Raparigas	Total (Crianças)
17 meses	1	-----	1
16 meses	1	-----	1
15 meses	1	-----	1
14 meses	1	1	2
13 meses	-----	-----	-----
11 meses	-----	1	1
Total (Rapazes/ Raparigas)	4	2	6

Anexo II – Notas de Campo

NOTA DE CAMPO Nº da Nota de Campo: <div style="border: 1px solid black; width: 40px; text-align: center; margin: 0 auto; padding: 2px 10px;">1</div>	
<p>Situação: Muda da fralda</p> <p>Data: 11 Fevereiro 2014</p> <p>Hora: 11:50</p> <p>Local: casa de banho</p> <p>Intervenientes: Estagiária e M.</p> <p>Sexo: Masculino</p> <p>Idade: 20 meses</p> <p>Outros indicadores de Contexto: -----</p>	
Descrição	Inferência
<p>Após a refeição do almoço, a estagiária dirigiu-se com M. à casa de banho, prosseguindo à rotina de higiene (lavar a cara, mãos e muda da fralda). M. estava bastante agitado, a refeição tinha decorrido com normalidade embora no fim se tenha mostrado bastante inquieto. Ao ser colocado no “muda fraldas” começou a chorar.</p> <p>Nesse mesmo instante a estagiária começou a cantar a canção do caracol acompanhada por gestos que percorriam as pernas do mesmo. Estes gestos foram repetidos</p>	<p>M. é uma criança que chega muito cedo à instituição e normalmente após o almoço tem sono. Neste dia estava especialmente agitado por estar cansado e adoentado. A estratégia utilizada (canção do caracol) foi a mais indicada, pois é utilizada nesta criança em situações semelhantes, produzindo geralmente um efeito apaziguador.</p>

diversas vezes até M. se mostrar mais calmo. Quando estava substancialmente mais tranquilo, prosseguiu-se à muda da fralda que decorreu normalmente.	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>O bebé tem a necessidade de se expressar e de mostrar as suas necessidades básicas ao seu cuidador, tal como aconteceu com M., tendo demonstrado ao longo do dia agitação e choro por se sentir cansado e doente. É a partir das interações e das suas experiencias com o meio que o seu desenvolvimento vai-se tornando aperfeiçoado e rico (Delval, 2001; Souza, 2008).</p> <p>Porém, o adulto (estagiária) estabeleceu um momento relaxante e de confiança para o bebé, pois M. parou de chorar assim que ouviu a voz melodiosa do educador em conjunção com a música já apreendida (em contexto de sala). É importante ressaltar que a forma como as crianças são tratadas pelo educador permite-lhes desenvolver diversos aspetos como a curiosidade, coragem, iniciativa, empatia, sentido de si próprio e sentimento que pertencem a uma harmoniosa comunidade social, o que levará a criança a libertar-se de stresses indevidos e a despender a sua energia em explorar o seu lado sensório-motor, construindo assim uma compreensão do seu mundo social e físico, bem como, construir ideias saudáveis (Post & Hohmann, 2007).</p> <p>De acordo com Portugal (2003), as interações elementares através dos sentidos e dos movimentos permitem estabelecer relações complexas entre o bebé e o ambiente. O facto de se ter cantado e realizado gestos contínuos em simultâneo com contacto físico faz com que promova as bases sensoriais e motoras indispensáveis para o estabelecimento da relação educador-criança.</p>	

NOTA DE CAMPO	
Nº da Nota de Campo:	
<div style="border: 1px solid black; width: 40px; text-align: center; margin: 0 auto;">2</div>	
Situação: Disputa de brinquedo Data: 20 de Fevereiro 2014 Hora: 10H Local: Sala onde decorre a prática educativa Intervenientes: Estagiária, T. e A. Sexo: Masculino e Feminino Idade: 20 meses e 22 meses Outros indicadores de Contexto: -----	
Descrição	Inferência
<p>No período da manhã, as crianças brincavam livremente pela sala. A. tinha uma boneca na mão e um pano que utilizava para tapar a boneca. T aproximou-se e tirou o violentamente o pano das mãos de A., que por sua vez ficou a chorar enquanto T. corria pela sala.</p> <p>A estagiária aproximou-se de T. e pediu-lhe calmamente para devolver o pano a A., explicando o quão esta tinha ficado triste pois anteriormente brincava alegremente com o pano. De seguida, T. devolveu o pano a A. e depressa dispersou para outra brincadeira na sala.</p>	<p>É de evidenciar que T. é uma das crianças mais possessivas da sala, tudo o que lhe agrada e esteja a ser manuseado por outra criança é motivo de discórdia, recorrendo à violência até obter o que determina. Neste sentido, a postura do adulto é determinante, uma vez que é o mediador de conflitos entre crianças. Neste sentido, a postura mais adequada é ter calma e fazer ver à criança que deve partilhar com os demais os brinquedos que se encontram na sala.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Cada criança deve ser vista como um ser individual, cujas qualidades individuais estão presentes desde muito cedo. Nos primeiros anos de vida da criança surge o designado “temperamento”, isto é, respostas da personalidade da criança face a estímulos externos, podendo afetar o contexto social, a sua forma e grau de expressão. Deste modo, o estímulo externo refere-se ao pano que A. brincava, que ao ser tirado por T. afetou automática A., deixando-a a chorar. Deste modo, pode-se constatar temperamentos distintos entre A. e T.. Estes temperamentos estão intimamente ligados à individualidade de cada criança com aspetos comportamentais distintos, como se evidenciou nesta situação em concreto (Portugal, 2003).

Quando a criança se está a adaptar à creche as suas características comportamentais podem ter um forte impacto, “pois a permanência na creche representa para as crianças uma variedade de novas solicitações por parte dos adultos e das outras crianças” (Portugal, 2003, p.179). Existem crianças que são activas e outras inactivas, isto é, as activas envolvem-se mais em situações conflituosas e são geralmente mais sociáveis, ao contrário das inactivas. Pode-se constatar que T. corresponde ao grupo das crianças activas, enquanto A. é mais inactiva.

O papel do educador é crucial nestas situações como mediador na situação de conflito, onde utilizou, neste caso, o gesto e a palavra. Segundo Post & Hohmann (2007), é natural as crianças envolverem-se em conflitos sociais, à medida que vão-se desenvolvendo e ganhando um sentido de si e começam a reclamar as coisas como sendo suas. Nesta situação de disputa de material/brinquedo entre crianças, o educador deverá abordar calmamente as crianças envolvidas no conflito, levando a parar a acção que magoa, reconhecer os sentimentos das crianças, recolher informação, envolver as crianças na descrição do problema e na procura de uma solução e oferecer uma continuidade para esse apoio.

Neste sentido, a estagiária procedeu de acordo como um mediador de conflito ao pedir a T. que devolvesse o pano, explicando ao mesmo tempo o porquê. É importante que o educador adote uma postura calma e neutra, não acusando nenhuma das crianças envolvidas na origem do problema, mas sim utilizar uma linguagem corporal relaxada,

bem como, adotar uma postura de preocupação terna que irá demonstrar directamente às crianças a aceitação genuína dos seus sentimentos fortes e do dilema que estão a experienciar (Post & Hohmann, 2007). Assim sendo, a criança sente-se libertada de tais energias, direccionando o seu pensamento, agora de forma mais clara, sobre o que pode fazer para resolver o problema. Sendo que neste caso, T. devolveu o pano a A. e logo de seguida direccionou-se para outra brincadeira na sala.

Em suma, a partir do apoio dos educadores, as crianças podem desenvolver e treinar a capacidade de resolver a maior parte dos seus próprios conflitos sociais. Exercitam competências de reflexão e raciocínio, ganhando uma maior capacidade de controlo relativamente às soluções ou consequências de um problema. Para além disso, experimentam a cooperação e desenvolvem confiança em si próprias, tanto nos seus pares como nos seus educadores (Post & Hohmann, 2007).

NOTA DE CAMPO Nº da Nota de Campo: <div style="border: 1px solid black; width: 40px; text-align: center; margin: 0 auto; padding: 2px 10px;">3</div>	
<p>Situação: Alteração de auxiliar por 1 dia</p> <p>Data:</p> <p>Hora: 9.30</p> <p>Local: Sala</p> <p>Intervenientes: Estagiária, auxiliar substituta e C.</p> <p>Sexo: Feminino</p> <p>Idade: 11 meses</p> <p>Outros indicadores de Contexto: -----</p>	
Descrição	Inferência
<p>Por motivos pessoais, a auxiliar de sala não pode estar presente neste dia. Dada a ausência foi substituída por outra colega da instituição. Embora todas as crianças tenham uma relação estreita com os adultos do colégio, assim que a auxiliar entrou na sala, pararam e ficaram mais quietos que o habitual. Passado pouco tempo, e após iniciativa da auxiliar para estabelecer relação com as crianças, todas se mostraram receptivos, à excepção de C. que chorava e pedia o colo da estagiária. Apesar do contacto que a auxiliar tentava estabelecer com C., esta chorava e não permitia o contacto físico.</p>	<p>C. é o elemento mais novo do grupo de crianças, ainda requer muita atenção por parte do adulto bem como o contacto físico. Nesta manhã apesar de conhecer a auxiliar substituta não quis qualquer tipo de contacto com a mesma, deixando o restante grupo um pouco mais agitado que o habitual. Apesar de diversas estratégias utilizadas para se acalmar, foi necessário dar-lhe colo toda a manhã.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Souza (2008) afirma que a creche desempenha um papel fulcral no cuidado, educação, segurança e espaço de socialização para crianças dos zero aos três anos. De forma a proteger a saúde mental da criança, é importante que as creches realizem menos mudanças possíveis de profissionais e que sejam evitados contactos superficiais e impessoais (Portugal, 2003). De facto, quando a auxiliar foi substituir a colega em sala de creche todas as crianças estranharam a sua presença. No entanto, com o decorrer do dia as crianças habituaram-se à presença da auxiliar, não se denotando desvios de comportamentos, excepto C. que chorava constantemente quando a auxiliar tentava realizar o contacto, mas C. impedia a aproximação da auxiliar, recorrendo sempre à estagiária. Como estudos afirmam, é fulcral a ligação entre a criança e o educador/auxiliar, pois esta influencia a sua adaptação socio emocional à creche (Goossens & Van Ijzendoorn, 1990, citado por Portugal, 2003).

Neste dia C. sentiu-se desconfortável com a presença de outra auxiliar em sala, agitando o restante grupo. Como referido anteriormente, C. é a criança mais nova em sala, posto isto requer mais atenção e o estabelecimento contínuo de confiança e segurança por parte do adulto. Segundo Belsky, 1990b, citado por Portugal (2003), alguns teóricos afirmam que as crianças que entram demasiado cedo para a creches, tendem a desenvolver comportamentos negativos e agressivos, cooperando pouco com os adultos e, em actividades escolares futuras, envolvem-se pouco. Deste modo, para colmatar este tipo de situações por parte da criança, condicionando muitas vezes o seu desenvolvimento, é importante que a creche intervenha. De facto, como Portugal (2003) refere, existem circunstâncias ou experiencias individuais em que os educadores ou os responsáveis do programa se sentem impotentes. Como se observou nesta situação da substituição da auxiliar por um dia, condicionou significativamente o comportamento de C..

Em suma, para o funcionamento do programa e consequentemente da qualidade da creche, os profissionais responsáveis pelo programa devem utilizar estratégias e procedimentos relevantes e apropriados para cada caso. “Assegurar cuidados educativos de boa qualidade pressupõe que os técnicos sejam capazes e possam aplicar os conhecimentos acumulados, sabedoria e as melhores práticas profissionais.” (Portugal, 2003, p. 194). Deste modo, a estagiária utilizou diversas estratégias, embora nenhuma

delas tenha resultado, a não ser dar colo ao C. durante o tempo que a auxiliar esteve presente.

NOTA DE CAMPO	
<p>Nº da Nota de Campo:</p> <div style="border: 1px solid black; display: inline-block; padding: 2px 10px;">4</div>	
<p>Situação: Acolhimento</p> <p>Data: 17 de Março 2014</p> <p>Hora: 8:45m</p> <p>Local: Sala de acolhimento</p> <p>Intervenientes: M., pai, estagiária</p> <p>Sexo: Masculino</p> <p>Idade: 21 Meses</p> <p>Outros indicadores de Contexto: -----</p>	
Descrição	Inferência
<p>M. chegou de manhã como habitualmente e vinha ao colo do pai. Quando o pai o tentou passar para o colo da estagiária M. começou a chorar e agarrou-se com força ao pai. A estagiária tentou, através do diálogo, que viesse para si mas M. recusava. O pai insistiu para que fosse e, M. passou então para o colo da estagiária ainda a chorar, levando-o até à janela. Pouco tempo depois M. parou de chorar.</p>	<p>M. é uma criança que diariamente chega cedo à escola, vem quase sempre acompanhado pelo pai e regularmente recusa a ficar. Neste sentido a interação de que o acolhe é primordial.</p> <p>A estagiária conhece bem esta criança e sabe que quanto mais tarde retardar o processo da despedida pior é para a criança. Reconhece ainda que M. é uma criança que em situações mais stressantes fica mais tranquilizado quando o levam à janela. Neste sentido foi a atitude correta, em que se denotou que pouco tempo depois brincava com tranquilidade pela sala.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p>	

Numa fase inicial de adaptação do bebé à creche existe um período de protesto, os bebés choram e agarram-se aos pais aquando da sua separação (Rodriguez & Hignett, 1981, citado por Portugal, 2003), sendo uma fase muito sensível, não só para as crianças como também para os pais das mesmas. Caso os pais mostrem hesitação ou ambivalência ao se separarem dos seus filhos na creche, naturalmente dificultará o processo de separação do bebé com o seu progenitor. Afirmar-se que as situações mais favoráveis de separação entre a criança e o progenitor são quando estas são breves, pois a criança irá estruturar e compreender a separação, embora este processo dependa diariamente de diversos factores, nomeadamente, aspectos do ambiente físico, objectos confortadores, comportamento do educador e de outras crianças, aspectos não-verbais, etc. (Portugal, 2003). De qualquer das formas, em relação a esta situação de acolhimento, denotou-se que o pai não demonstrou sinais de hesitação ou de ambivalência, logo, não foi esse o factor que disputou esta difícil separação de M., mas obviamente estiveram inerentes outros factores, como o facto de acordar muito cedo.

A família é considerada como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo, ou seja, é o primeiro núcleo de convivência e actuação da criança. A sua construção como pessoa vai se moldando a partir das relações estabelecidas com os seus familiares e da forma como as suas necessidades básicas são atendidas (Macedo & Martins, 2004, citado por Souza, 2008). Logo, é natural que inicialmente as crianças não se queiram desvincular dos seus progenitores tal como aconteceu com M. ao chegar à creche com o pai.

Por outro lado, existem outros elementos a influenciarem o desenvolvimento da criança para além da sua família, nomeadamente os educadores de creches. O educador deve respeitar as especificidades da criança, tendo em conta o seu processo de desenvolvimento, bem como, compreender a importância da sua função, inclusive, para a saúde do bebé, pois o bebé é um ser activo que interage com o meio (Sousa, 2008). Neste sentido, a estagiária ao pegar na criança com segurança e afecto e levando-a até à janela fez com que a mesma acabasse por se acalmar e se sentir bem naquele contexto. De acordo com Winnicott (1975a), educador deverá executar as suas funções e combinar técnicas de afecto e respeito à criança, em que a própria terá o direito de se manifestar e ser compreendida no seu percurso de desenvolvimento.

A creche, por sua vez, é fundamental para o desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo da criança, pois corresponde a um espaço onde estão implícitas grande parte das suas experiências básicas. É importante ressaltar que a creche dirige a maior parte da rotina diária da criança, devendo apresentar requisitos básicos essenciais para promover e garantir o desenvolvimento saudável do bebé, nomeadamente os espaços, horários, actividades e os profissionais (Winnicott, 1975a, citado por Souza, 2008). De facto, a estagiária constatou que existe um espaço específico na sala onde M. geralmente se acalma e se distrai, a janela. Deste modo, constata-se que existiram dois factores facilitadores fulcrais neste processo de separação, a técnica do estagiário promovendo o afecto e confiança a M. e, a janela que corresponde a um espaço físico da sala onde a criança se sente mais tranquila.

Em suma, anuindo a afirmação de Portugal (2003), para facilitar o processo de separação e adaptação da criança à creche, é necessário que sejam desenvolvidas práticas de acolhimento, considerando não só a criança mas também os seus pais. Os profissionais da creche devem ser considerados responsáveis e capacitados em iniciativas criadas no seu trabalho. Neste sentido, é crucial que todo este processo seja visto isoladamente, deve estar integrada no funcionamento global da creche, fundado num novo e verdadeiro profissionalismo.

NOTA DE CAMPO	
<p>Nº da Nota de Campo:</p> <div style="border: 1px solid black; width: 40px; text-align: center; margin-left: auto;">5</div>	
<p>Situação: Sesta</p> <p>Data: 21 de Março 2014</p> <p>Hora: 13:30m</p> <p>Local: Sala</p> <p>Intervenientes: G., Estagiária</p> <p>Sexo: Masculino</p> <p>Idade: 23 meses</p> <p>Outros indicadores de Contexto: -----</p>	
Descrição	Inferência
<p>A sesta decorria normalmente e todas as crianças dormiam um sono tranquilo. No entanto, G. começa a mexer-se agitadamente, acabando por chorar. A estagiária dirige-se à criança de modo a acalmá-la mas G. chorava sem parar. A estagiária sentou-se junto da cama e, como a criança não pára de chorar, retirou-a da cama, aninhou-a no seu colo e deu-lhe a chucha e o boneco que utiliza para dormir.</p> <p>Após um curto período de tempo, G. acalma e adormece. A estagiária voltou a colocá-lo na cama e a criança dormiu até à hora normal, acordando tranquila.</p>	<p>Perante a situação descrita, e conhecendo a criança, sabia-se à partida que a mesma não se acalmava se não tivesse o conforto do contacto físico por parte do adulto. Neste sentido, evitou-se que chorasse ainda mais e que acordasse as restantes crianças que dormiam. Possivelmente estaria a ter algum pesadelo. Foi necessário que a estagiária o acordasse e o confortasse, mostrando-lhe que estava tudo bem.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Sabe-se que o bebé reage e interage com diversas situações, bem como com as pessoas que se relaciona. É neste aspecto que reside a importância das relações para o desenvolvimento da criança, sendo um ponto fulcral das concepções que a criança cria do mundo e do que significa estar nele, bem como as futuras relações com outros indivíduos (Brazelton, 2002; Winnicott, 1975a; Souza, 2008). Existem alguns obstáculos cujo bebé passa, nomeadamente a necessidade de se expressar e de mostrar as suas necessidades básicas ao seu cuidador. Para o bebé poder demonstrar ao outro as suas necessidades, o próprio dispõe de elementos natos, recursos sensoriais e motores (actividades reflexas).

A partir de interações e da amplitude das suas experiências com os elementos do meio, tais como, objectos, situações e pessoas, o seu desenvolvimento vai-se tornando aperfeiçoado e rico (Delval, 2001; Souza, 2008). Assim sendo, em contexto de creche o educador terá um papel crucial no desenvolvimento da criança. A criança deverá se sentir bem no contexto de creche e é importante que saiba que existe alguém presente que lhe transmita carinho, confiança e protecção quando os pais estão ausentes (Winnicott, 1975a). Deste modo, o estagiário acalmou a criança, dando-lhe o afecto que G. necessitava para se acalmar, aninhando-o no seu colo e dando-lhe a chucha e o seu boneco. A criança acabou por adormecer sentindo-se assim protegida. Corroborando com esta situação, para Portugal (2003), o meio de comunicação do bebé mais precoce é o choro, permitindo-lhe também o controlo do mundo. É por este meio que o educador pode aprender a compreender a expressão do choro do bebé e actuar de forma directa e eficaz, acalmando a criança, satisfazendo-lhe as necessidades e ajudando-a a confiar nos demais.

Neste sentido, é fulcral que o educador tenha comportamentos de construção de confiança e de trocas sociais activas ao interagir com a criança. Estes comportamentos desenvolvem a autonomia da criança, cujo no decurso das suas “aventuras” diárias necessitam de apoio e não que as critiquem, restringem ou as humilhem (Erikson, 1950, citado por Post & Hohmann, 2007). Como se sabe, quanto maior for o tempo da permanência da criança na creche, maior será a sua ligação com o educador. “Tanto a criança como o educador necessitam de tempo para se adaptarem um ao outro e aprenderem a descodificar os sinais e comportamentos do outro. A continuidade de interações entre um determinado educador

e a criança permite não apenas melhores resultados como relações mais intensas e responsivas” (Portugal, 2003, p. 181).

Contudo, não é só o educador que tem um forte papel no desenvolvimento da criança mas também a creche onde a criança se insere. De facto, a creche não deve ser vista como um lugar de guarda das crianças mas sim um meio educativo, sendo a qualidade da creche um pouco subjectiva. A creche desempenha um papel fulcral no cuidado, educação, segurança e espaço de socialização para crianças dos zero aos três anos (Souza, 2008). O importante, como refere Katz (1995), citado por Portugal (2003), é que a própria criança se sinta bem nesse contexto. Assim sendo, na creche o ambiente deverá ser de calma e tranquilidade, crucial não só para a criança em questão como também para as outras crianças, promovendo um ambiente mais tranquilo. Aqui o educador irá ter uma forte e importante influência, pois ele é o medidor de diversas situações de conflito, stresse, angustias.

NOTA DE CAMPO	
<p>Nº da Nota de Campo:</p> <div style="border: 1px solid black; width: 40px; text-align: center; margin-left: auto; margin-right: auto;">6</div>	
<p>Situação: Aula de Ginástica</p> <p>Data: 6 de Março 2014</p> <p>Hora: 9.45</p> <p>Local: Ginásio</p> <p>Intervenientes: Estagiária, professora de Ginástica e M.</p> <p>Sexo: Feminino</p> <p>Idade: 20 meses</p> <p>Outros indicadores de Contexto: -----</p>	
Descrição	Inferência
<p>Na aula de ginástica a professora montou o túnel e pedia para que as crianças passassem pelo interior. Todas aceitaram o desafio e conseguiram cumprir: entrar por um lado e sair pelo outro. Quando chegou a vez de M., assim que viu o túnel disse que não, querendo o colo da estagiária. Foi então que a professora se colocou numa ponta do túnel e a estagiária na outra na outra, incentivando a criança a andar. Primeiramente sentiu-se desconfortável, mas à medida que avançava iam-lhe sendo dadas palavras de conforto como: “boa!”, “continua!”, “vais ver que és capaz!” e M. avançou até à professora. Quando finalizou a tarefa, sorriu e disse; “Já tá!”.</p>	<p>Por norma M. é uma criança insegura, procura muito o colo do adulto e retrai-se com pessoas que vê com menos frequência, neste caso a professora de ginástica, que só está uma vez por semana. É também uma criança que não gosta de arriscar-se fisicamente, tem medo de subir ou descer escadas, por exemplo. Neste caso concreto, estava muito receosa de entrar no túnel. Foi necessário ser elogiada e incentivada a avançar, caso contrário não seria possível.</p> <p>A atitude deste profissionais no momento foi determinante para a realização da tarefa.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Como se sabe, o desenvolvimento da criança nos primeiros 3 anos de vida vai-se tornando aperfeiçoado e rico a partir de interações e da amplitude das suas experiências com os elementos do meio (Delval, 2001; Souza, 2008). Neste sentido, a família, bem como o educador da criança são elementos fulcrais para a sua construção como pessoa. Observando especificamente a situação de M., que evitava passar pelo túnel recorrendo à estagiária, constata-se que tanto a estagiária como a professora de ginástica executaram as suas funções combinando o afecto com técnicas e respeito à criança, incentivando-a a ultrapassar o obstáculo Winnicott (1975a).

É importante que o desenvolvimento da criança, a todos os níveis, decorra no espaço de creche dotado de qualidade, espaço esse onde estão implícitas grande parte das experiências básicas da criança, fundamentais para o seu desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo (Arnaiz, 2003, citado por Souza, 2008). Assim sendo, estas actividades mais físicas são fundamentais para que as crianças possam ultrapassar obstáculos e crescer com segurança e confiança em si próprias. Como se verificou, M. ao ser encorajada conseguiu ultrapassar o desafio de passar pelo túnel, obtendo com sucesso a actividade proposta. No final, a criança demonstrou ter ficado feliz por ter conseguido. De facto, foi muito importante para a criança o reforço positivo, tanto da estagiária, como da professora de ginástica.

Segundo Portugal (2003), creches com ambientes bem estruturados desenvolvem nas crianças comportamentos exploratórios, cooperação e interações sociais, ou seja, o comportamento da criança irá se relacionar com a arquitetura do espaço, em que, espaços abertos estão associados, geralmente, a sentimentos mais positivos em relação ao ambiente. De facto a actividade que M. desempenhou com sucesso, desenvolve a autoconfiança e a segurança entre os seus pares.

Como se sabe, a área física e motora nesta faixa etária encontra-se em desenvolvimento, tal como as restantes, e de facto, a creche é um forte estimulante para o desenvolvimento da criança, onde os profissionais da creche deverão prestar todo o apoio e atenção. De acordo com a afirmação de Erikson (1950) citado por Post & Hohmann (2007), é fulcral que o educador adopte comportamentos de construção tanto de confiança como de trocas

sociais activas quando interage com a criança. Consequentemente, estes comportamentos desenvolvem a autonomia da criança, cujo no decurso das suas “aventuras” diárias necessitam de apoio e confiança através do reforço positivo, como se pode observar na situação descrita entre M., a estagiária e a professora de ginástica.

NOTA DE CAMPO	
Nº da Nota de Campo:	
<div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 40px; margin: 0 auto; text-align: center;">7</div> <p>Situação: Exploração do livro</p> <p>Data: 7 Fevereiro 2014</p> <p>Hora: 10.15m</p> <p>Local: Sala</p> <p>Intervenientes: Estagiária e I.</p> <p>Sexo: Feminino</p> <p>Idade: 14 meses</p> <p>Outros indicadores de Contexto: -----</p>	
Descrição	Inferência
<p>Todas as crianças brincavam livremente pela sala. I. chegou perto de outra criança com um livro de imagens na mão. A outra criança pouca importância deu ao livro. I, por sua vez sentou no tapete e conforme desfolhava o livro ia emitindo sons. A estagiária ao aperceber-se do seu interesse, sentou-se junto dela e juntas viram os livros. I. ia apontando enquanto a estagiária ia dizendo as palavras de cada imagem, cão, pato, gato, etc.. I. ia imitando algumas das palavras que iam sendo pronunciadas pela estagiária. Assim que o livro acabava I. pedia mais.</p>	<p>I. gosta muito de livros e de explorá-los sensorialmente e verbalmente, sendo que a nível verbal ainda não consegue falar fluentemente. Ao ter-se aproximado de outra criança com o livro demonstrava interesse em vê-lo em conjunto. Foi neste sentido que a estagiária se aproximou. Naquele momento, foi possível explorar a linguagem, uma vez que a criança ao pronunciar o nome dos animais ainda emitia o som.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O educador tem uma forte influência no desenvolvimento infantil, pois interage com a criança ao longo do dia, passando por fases determinantes aquando desse desenvolvimento. Acompanha portanto, por exemplo o nascimento do primeiro dente, o desempenho dos primeiros passos e da comunicação verbal e não-verbal, tornando-o corresponsável pela formação da criança (Souza, 2008). Deste modo, a estagiária, instantaneamente dirigiu-se à criança como reforço positivo em ajudá-la na sua exploração com o livro, ou seja, na exploração da linguagem, associando o nome (produzido verbalmente pela responsável) e imagem dos animais aos sons que os próprios naturalmente emitem.

De facto, o período dos 0 aos 3 anos é crucial para o desenvolvimento da linguagem, cujas etapas de desenvolvimento permitem que a criança se muna das competências necessárias para, a partir dos três anos e meio ser capaz de dominar a estrutura da língua materna e deste modo, capaz de falar inteligivelmente sem grandes falhas sintácticas (Lima, 2000). Assim sendo, constata-se que o educador é um elemento essencial para o desempenho da criança em creche, cujas funções consistem em: planejar, pesquisar, observar, dialogar, interagir com a comunidade envolvente, ver e ouvir a criança (Souza, 2008).

De acordo com Portugal (2003), o factor grupo em creche é determinante para a sua qualidade e, consequentemente para o desenvolvimento da criança, ou seja, se o grupo em creche for pequeno permitirá que o educador responda às necessidades de todas as crianças, estando presente em momentos cruciais de desenvolvimento e estimulação, possibilitando assim ligações afectivas mais positivas por parte da criança, como se verificou neste caso específico entre a estagiária e I..

Sabe-se que a qualidade do contexto tem um elevado impacto no comportamento da criança, onde o seu desenvolvimento psicomotor e *estilo de reacção* irão ser influenciados. A criança manifesta mais interesse pelo mundo exterior, caso seja estimulada através de uma relação positiva com o educador (Portugal, 2003).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: A Chuva**Data:** Fevereiro 2014**Hora:** 9.45m**Local:** Sala**Intervenientes:** Estagiária e A.**Sexo:** Masculino**Idade:** 17 meses**Outros indicadores de Contexto:** -----

Descrição	Inferência
<p>Todos os meninos estavam sentados no tapete a cantar a canção dos “bons dias”, de repente começou a chover muito, o que fez A. olhar para a janela. A. disse “chuva”, algumas das outras crianças também o disseram por imitação. A estagiária disse-lhes que era a chuva e que a chuva era água e queriam sentir. Foi então que abriu a janela e um a um todos sentiram a chuva a cair na mão. A. finalizou dizendo “muita água”.</p>	<p>De todas as crianças da sala A. é a que melhor se destaca pelo seu vocabulário, linguagem e compreende tudo o que se lhe diz, mostra sempre muito interesse em actividades sensoriais. Neste dia mostrou especial interesse e associou automaticamente a chuva a muita água. Todas as outras crianças gostaram também.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O desenvolvimento da linguagem na infância ocorre em idades precoces, entre os 0 e os 3 anos, corresponde então à designada linguagem emergente, onde o processo de desenvolvimento é padronizado nas diversas áreas de aquisição. Assim sendo, engloba o desenvolvimento da compreensão (linguagem receptiva) e o desenvolvimento da fala (linguagem expressiva) (Viana, 2000). Assume-se portanto que A., assim como todas as outras crianças da creche, encontra-se na fase da linguagem emergente, sendo que o vocabulário de A. é mais desenvolvido do que as outras crianças. Como se verifica A. evocou o nome “chuva” associando ao estado do tempo fora da sala.

De acordo com Viana (2000), a linguagem emergente assume-se como um meio de aquisição da linguagem único da espécie, aparenta estar programado de acordo com um padrão predeterminado como parte da herança básica constitucional do homem. A qualidade do comportamento de linguagem emergente na infância está rudemente moldada pela natureza e frequência da amostra de impressão linguística fornecida pelo ambiente.

A infância é a fase da revelação do mundo, da descoberta do funcionamento das coisas, da partilha de desafios, brincadeiras e até de medos com os outros e com o que rodeia as crianças desta idade. É um período impregnado de curiosidade e vontade de explorar no qual as crianças manifestam clara intenção de interagir. A estagiária abriu a janela para que todas as crianças pudessem partilhar de igual forma esta exploração e associação da palavra evocada “chuva” às gotas de água que caíam no exterior da sala. De facto, à medida que as crianças crescem, as mesmas sentem necessidade ir mais além do observar, sentir, explorar, ou seja, sentem necessidade de comunicar ao outro os seus saberes, como se observou com A. Para além disso, motivou as restantes crianças a imitarem a palavra “chuva”, pois segundo Acredolo & Goodwyn (1998), a principal motivação que impulsiona os bebés para a linguagem é o facto de esta permitir a socialização com os outros.

Desde cedo sabe-se que as primeiras palavras são utilizadas num contexto de apelo de chamada de atenção do adulto para algo, de forma a partilharem experiências, reforçando concepção da linguagem humana como um instrumento que permite transformar a experiência social individual em experiência colectiva, a partir do uso de um sistema de símbolos para ambos os agentes da comunicação partilhada (Acredolo & Goodwyn, 1998).

Neste sentido, A. sentiu a necessidade de partilhar o que via tanto com o adulto como com as restantes crianças em sala.

A estagiária permitiu, assim ao abrir a janela, que as crianças experienciassem e acessem ao significado da palavra “chuva” através dos sentidos, nomeadamente através da visão, audição e tacto, em que segundo Acredolo & Goodwyn (1998) todos os outros sentidos são, inevitavelmente, interferentes neste complexo processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem.

É importante ainda indicar a postura da estagiária quando motivou as crianças para tal experiência, tendo demonstrado que as crianças encontram-se num contexto de aprendizagem activa. É crucial que os educadores observem, interajam e aprendam ao longo do dia sobre as crianças que acompanham, ou seja nas actividades que executam, nas rotinas diárias bem como nas situações espontâneas, devendo assim focalizarem-se nos pontos fortes e interesses da criança, antecipar as explorações da mesma, encorajar e reconhecer as escolhas das crianças face às explorações e brincadeiras e ajudá-las a alcançarem aquilo que se propuseram fazer. Estes são apenas algumas estratégias que o educador deverá utilizar (Post & Hohmann, 2007).

NOTA DE CAMPO	
Nº da Nota de Campo:	
<div style="border: 1px solid black; width: 40px; text-align: center; margin: 0 auto;">9</div>	
Situação: Arrumar Data: Fevereiro 2014 Hora: 10.50m Local: Sala Intervenientes: Estagiária e S. Sexo: 15 meses Idade: 17 meses Outros indicadores de Contexto: -----	
Descrição	Inferência
<p>Depois da brincadeira livre na sala, preparava-se a arrumação da mesma, foi pedido às crianças que ajudassem na tarefa. Na caixa dos legos pretendia-se que fossem arrumados os legos espalhados pela sala. S. perguntou à estagiária “aqui?” ao que esta responde, “é sim, aqui nesta caixa”, a cada peça perguntava o mesmo, e sempre lhe foi respondido o mesmo. Quando toda a sala estava arrumada, a estagiária elogiou a criança agradecendo a sua ajuda e que tinha arrumado tudo muito bem.</p>	<p>Nos momentos de arrumação da sala, é sempre pedido a todas as crianças que ajudem em tarefas simples, como colocar pequenos objectos dentro das respectivas caixas, arrumar cadeiras no lugar arrastando-as e por fim sentar no tapete para dar inicio a outra tarefa. Alguns já o conseguem fazer, sendo que neste dia S. mostrava-se mais predisposto que o habitual. Ao ser-lhe dado elogios fez com que colaborasse ainda mais, no fim mostrou-se muito satisfeito.</p>

<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Como se sabe, a creche dirige a maior parte da rotina diária da criança, devendo apresentar requisitos básicos essenciais para promover e garantir o desenvolvimento saudável da criança, nomeadamente os espaços, horários, actividades e os profissionais (Winnicott, 1975a, citado por Souza, 2008). É importante que as crianças tenham tarefas ao longo do dia na creche, de uma forma muito básica, como arrumar material simples.</p> <p>Neste sentido, a creche corresponde a um espaço onde estão implícitas grande parte das experiências básicas da criança, fundamentais para o seu desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo. Sendo que esta questão do arrumar parte do material da sala permite-lhes desenvolver a sua organização relativamente ao espaço e começar a ter consciência que devem arrumar as coisas que desarrumam, ajudando assim o educador e o auxiliar.</p> <p>Assim sendo, é crucial que o adulto em sala promova esta rotina, pois como Post & Hohmann (2007) afirmam, é essencial o educador criar uma relação de cooperação com as crianças, tal como ocorre quando a estagiária pede às crianças para a ajudar, estabelecendo ao longo do seu desenvolvimento uma nova rotina diária.</p> <p>Em suma, é crucial que os profissionais em sala promovam nas crianças curiosidade, coragem, iniciativa, empatia, sentido de si próprias e sentimento que pertencem a uma harmoniosa comunidade social, que consequentemente, levará a criança a libertar-se de stressses indevidos e a despender a sua energia em explorar o seu lado sensório-motor, construindo assim uma compreensão do seu mundo social e físico, bem como, construir ideias saudáveis (Post & Hohmann, 2007). Assim sendo, surge a importância do estabelecimento de rotinas e da atribuição de tarefas.</p>	

NOTA DE CAMPO	
N° da Nota de Campo:	
<div style="border: 1px solid black; padding: 2px 10px;">10</div>	
Situação: A falta da chucha	
Data: Fevereiro 2014	
Hora: 12.30m	
Local: Sala	
Intervenientes: Estagiária, auxiliar e C.	
Sexo: 15 meses	
Idade: 17 meses	
Outros indicadores de Contexto: -----	
Descrição	Inferência
Depois do almoço é feita a rotina de higiene. Posteriormente segue-se a hora do repouso. Existem algumas crianças da sala que usam a mesma chucha de casa e como habitualmente é feito, a estagiária foi à mochila de C. buscar a sua e reparou que esta não havia trazido. Todas as crianças deitaram-se e C. pediu a “cacá”, nome pelo qual a chama. A estagiária respondeu-lhe que não estava na mochila que a mãe se tinha esquecido. A mesma tentou deitá-la mas repetidamente pedia a chucha, até que começou a chorar, de tal modo que não parava, desassossegando o restante grupo. Assim sendo, a estagiária pegou-a ao colo,	C. é o elemento mais novo do grupo, recorrendo por vezes ao uso da chucha em situações de maior stresse, sendo que já só usa praticamente para dormir. Neste dia tinha chegado muito cedo à instituição, o que fez que estivesse mais impaciente que o habitual. De modo a evitar o transtorno dos pais na ida à escola, o colo pareceu a melhor opção, no entanto verificou-se que não foi viável.

confortando-a mas nada a fazia parar. Após largos minutos sem obter qualquer sucesso, ligou-se aos pais que se prontificaram em ir à instituição entregar a chucha. Quando chegaram entregaram a chucha e saíram sem ser vistos pela criança. Assim que viu a chucha, C. mudou radicalmente de atitude. Exausta que estava de tanto chorar acabou por adormecer assim que se deitou.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A hora da sesta ocorre, não só devido ao cansaço das crianças, mas também por fazer parte da rotina regulamentada da instituição. A sesta na rotina das crianças é muito importante para o seu crescimento e desenvolvimento, proporcionando a oportunidade de recarregarem as suas energias tanto físicas como emocionais para o restante dia. Assim sendo, os educadores são responsáveis por respeitar e organizar a resposta às necessidades de cada criança, quando esta vai dormir (Post & Hohmann, 2007).

Por diversas razões as crianças podem sentir dificuldades ao adormecer, logo precisam da ajuda do educador para as acalmar. Segundo Post & Hohmann (2007), as crianças desenvolvem os seus próprios rituais de adormecer, pois sabem de antemão que devem dormir a sesta. Há bebés que têm facilidade em adormecer, outros sentem mais dificuldades ficando rabugentos, podendo necessitar do embalo, de carinhos ou que os educadores cantem uma canção. Por outro lado, existem crianças, como no caso de C. que necessitam da chucha para adormecer.

Uma vez que C. não tinha trazido a sua chucha habitual, a estagiária tentou acalmar a criança dando-lhe toda a atenção e afecto que necessitava, tentando afastá-la da sua frustração por não ter a chucha. No entanto, C. não parou de pedir a chucha e consequentemente, de chorar. Sabendo que C. usa a chucha para momentos de maior tensão e stresse, o carinho da estagiária não surtiu efeito na criança, tendo, posteriormente a necessidade de chamar os pais da criança para lhe trazer a chucha.

Neste caso também é importante ter em conta o temperamento de C. e como ela se encontrava naquele dia, pois tinha chegado mais cedo à instituição, encontrava-se assim mais impaciente que o habitual. Como Post & Hohmann (2007) afirmam, o temperamento das crianças corresponde ao seu ser, em que o educador deve procurar ajustar o seu estilo de interação de forma a apoiar o ritmo e o estilo de cada criança, tal como a responsável tentou proceder com C.. Por sua vez, Portugal (2003) refere que o temperamento está estritamente ligado à individualidade do ser humano, indicando aspectos comportamentais diferentes de criança para criança, ou seja, distinto da relação ou aspectos situacionais, embora seja sempre afectado por influências ambientais comumente a todas as características humanas.

Uma vez que a estagiária não conseguia acalmar a criança, a própria teve de telefonar aos pais da criança. C. não parava de chorar e estava a afectar também o restante grupo. Os pais de C. levaram então a chucha à estagiária para esta dar à criança. De acordo com Post & Hohmann (2007), são cruciais parcerias de confiança e respeito mútuo entre o educador e os pais da criança, onde se estabelecem conversas de dar-e-receber relativamente ao crescimento e desenvolvimento dos seus filhos. Assim sendo, é crucial que os pais e educadores utilizem uma abordagem de trabalho em equipa de forma a criarem um ambiente apoiante para as suas crianças. Neste sentido, tanto os pais como os educadores “ganham mais segurança nos seus esforços mútuos no sentido de facilitarem a transição entre a casa e o infantário, e os pais e educadores com diferentes crenças sobre a educação infantil, os cuidados e as primeiras aprendizagens muitas vezes alargam a sua percepção do que é possível (Post & Hohmann, 2007, p.329). Deste modo, este elo de ligação entre o educador e os pais reflecte-se no comportamento da criança. É fulcral que esta equipa entre pais e educador se estabeleça pois consiste numa forte defesa em prol da criança noutros contextos (Post & Hohmann, 2007).

Em suma, face à atitude dos pais de C. e à da estagiária assume-se que para o desenvolvimento social saudável da criança é necessário a combinação tanto da situação familiar como da creche (Portugal, 2003).

NOTA DE CAMPO	
N° da Nota de Campo:	
<div style="border: 1px solid black; padding: 2px 10px; display: inline-block;">11</div>	
Situação: Aula de música	
Data: 7	
Hora: 10.15m	
Local: Sala	
Intervenientes: Professora de música e I.	
Sexo: Feminino	
Idade: 14 meses	
Outros indicadores de Contexto: -----	
Descrição	Inferência
<p>A professora de música iniciou como habitualmente a sua actividade com a canção do “Olá”. Posteriormente deu a cada criança um instrumento musical, pedindo que tocassem ao som do órgão. Todas as crianças estavam a corresponder à actividade proposta. No fim, pediu que lhe dessem os instrumentos para arrumar no saco, porém I. diz que quer mais. A professora, por sua vez, cedeu ao seu pedido e voltou a permitir que todos tocassem uma pouco mais. No fim I. continuava a insistir por mais, ao que a professora lhe disse que não, que eram horas de terminar a aula.</p>	<p>Neste dia a professora levou um saco com diversos instrumentos musicais: maracas, claves, caixas de som, triângulos e xilofone. Por si só, esta é uma actividade que suscita o interesse das crianças em geral, principalmente de I., que por sua vez tende a procurar na sala instrumentos de som de uso comum para brincar. A professora ao ver o interesse da menina ainda incentivou mais a sua participação, I. estava de facto satisfeita. Quando a professora pediu os instrumentos notou-se que I. ficou triste. No entanto, o profissionalismo e a sensibilidade da professora permitiu que as crianças tocassem por mais um tempo. Quando</p>

	finalmente a professora deu a actividade por terminada, observou-se que I. aceitou melhor.
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>De acordo com Post & Hohmann (2007), na fase sensório-motora o movimento físico desempenha um papel essencial na aprendizagem das crianças. Neste sentido, encontra-se nesta fase primordial de desenvolvimento a necessidade que a criança apresenta em controlar os seus movimentos, comunicar através da linguagem, do gesto e da acção, manipular objectos com facilidade, e deslocar-se de um local para outro. “Quando as crianças têm o espaço e a liberdade para se movimentarem sem constrangimentos, aprenderem a medir a sua força física e os seus limites e exercitam padrões de movimentos até que o seu domínio os impele ao próximo desafio físico.” (Post & Hohmann, 2007, p. 44).</p> <p>Quando a criança explora a música com o seu corpo e a sua voz, permite-lhe expandir a consciência sensorial do som e do ritmo (Post & Hohmann, 2007). Neste caso em concreto, a professora de música levou os próprios instrumentos musicais de modo a que as crianças acessem ao som através da experimentação pelo tacto, para além da visão e da audição. Existem portanto experiências essenciais do movimento e da música que a educadora e outros profissionais proporcionam, levando ao domínio das crianças a: movimentar partes do corpo; movimentar o corpo todo; movimentar objectos; movimentar-se, escutar e responder à música, experimentar um ritmo regular e explorar sons, tons e começar a cantar, neste caso a tocar os instrumentos fornecidos pela professora de música (Post & Hohmann, 2007).</p> <p>Como se observou, I. correspondeu de forma positiva à actividade proposta pela professora. No entanto, I. gostou tanto da sua experiência com os instrumentos musicais que não queria deixar de os tocar. De facto, é através da exploração de objectos, neste caso os instrumentos musicais, que a criança aprende sobre o mundo físico, pois tudo ao seu redor é novidade. Fraiberg (1959), citado por Post & Hohmann (2007), afirma que existe nesta fase emergente de desenvolvimento a sede pela experiência sensorial, ou seja, as crianças sentem a necessidade de explorar objectos para descobrir o que são e o que</p>	

fazem, isto é, as suas características e o modo como se comportam. Os instrumentos musicais dados às crianças fornecem-lhes um enorme estímulo de exploração a vários níveis sensoriais, em que I. foi a criança que mais se manifestou, de forma positiva, perante a exploração dos mesmos. Deve se ter em conta que fora do contexto da aula de música, a mesma procura incessantemente por instrumentos que a própria sala de creche dispõe.

Post & Hohmann (2007) realçam as diversas experiências-chave das crianças quando exploram os objectos, nomeadamente: explorar objectos com as mãos, pés, boca, olhos, ouvidos e nariz; descobrir a permanência do objecto; explorar e reparar como as coisas podem ser iguais ou diferentes, em que nesta situação é acrescida pelo estímulo auditivo, visual e cinestésico.

Sendo assim, quando I. insistiu para continuar a tocar com os instrumentos, a professora de música assentiu dando um pouco mais de tempo para as crianças continuarem com as suas experiências. Este tempo foi crucial para I. anuir com o fim da aula de música sem mostrar resistência. A atitude da professora de música foi a mais favorável para esta situação. É importante que os profissionais em creche apoiem a interacção continuada das crianças com materiais e actividades que sejam do seu interesse. É importante que estes profissionais proporcionem materiais e actividades que possam ir ao encontro dos interesses das crianças, como no caso de I. que fica sempre entusiasmada com as aulas de música, nomeadamente com os instrumentos musicais (Post & Hohmann, 2007).

Em suma, estas experiências ajudam os educadores a compreenderem o crescimento e o desenvolvimento das crianças, bem como interpretarem e partilharem as suas acções com os pais, trabalhando em conjunto de forma a encontrar estratégias comuns, cujo objectivo será apoiar o desenvolvimento das crianças quanto: ao sentido de si próprias, relações sociais, representação criativa, movimento, comunicação e linguagem, exploração e lógica precoce, tanto em casa como na instituição (Post & Hohmann, 2007).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

Situação: Digitinta

12

Data:**Hora:** 10**Local:** Sala**Intervenientes:** Estagiária e M.**Sexo:** Masculino**Idade:** 16 meses**Outros indicadores de Contexto:** -----

Descrição	Inferência
Tal como planeado pela estagiária, este era o dia da actividade de digitinta, em que todas as crianças iriam experienciar o toque da tinta na mão. Para alguns não era novidade mas para M. era a primeira vez. Foi-lhe posto o avental e deu início à actividade. Primeiramente teve uma reacção pouco receptiva, dizia que não. No entanto, depois de estimulado pela estagiária, foi-se desinibindo e mostrando cada vez mais interesse. Quando esta actividade foi dada por terminada para dar lugar a outra criança, M. quis continuar. Neste sentido, a estagiária ao ver o interesse da criança permitiu que o mesmo continuasse até que a desse definitivamente por terminada.	Por norma M. é uma criança que não reage bem a estímulos sensoriais novos, principalmente ao que considera molhado. Inicialmente esta actividade deixou-o desconfortável. Ao aperceber-se desta situação, a estagiária foi aos poucos incentivando a criança a arriscar, dando o exemplo com as suas próprias mãos. M. seguiu por imitação o que o adulto estava a fazer e aos poucos foi criando empatia com a actividade ao ponto de não a querer acabar. Uma vez que se mostrava satisfeito e não queria dar por terminada a actividade, a estagiária permitiu que este desse por terminada a sua exploração quando assim o entendesse, respeitando a sua curiosidade e o seu ritmo.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

“Os bebés e crianças são exploradores. Com o intuito de obterem a força e a coragem necessárias para avançarem todos os dias, confiam no apoio dos pais e das pessoas que cuidam deles. As suas *interacções* com adultos em quem confiam dentro e fora de casa proporcionam o combustível emocional de que os bebés e as crianças precisam para desvendar os mistérios com que se deparam no seu mundo social e físico.” (Post & Hohmann, 2007, p.12).

Segundo Post & Hohmann (2007), quando a criança se envolve naturalmente numa experiência sensório-motora abrangente possibilita que a mesma experimente a representação de diversas formas, tais como através da imitação das acções dos outros, da interpretação de figuras e fotografias de acções ou mesmo de objectos que experimentou, bem como da utilização de acções e materiais para mostrar ou representar algo que conhece sobre o mundo. Existem portanto diversas experiências-chave que as crianças se envolvem, nomeadamente: imitar e brincar ao faz-de-conta; explorar materiais de construção ou de expressão artística; responder a e identificar figuras e fotografias.

Como se sabe, com a actividade efectuada (Digitinta), permitiu que M. explorasse a sua expressão artística através do estímulo visual (cores) e cinestésico (toque da tinta nas mãos). Deste modo, esta actividade apele aos sentidos da criança, pois permite que a criança explore o que está a vivenciar de forma sensório-motor. Com a digitinta as crianças podem desenhar na superfície da mesa, apagar, voltar a desenhar, ou seja, permite descobrir e experimentar.

Porém, M. sentiu-se apreensiva quanto à actividade proposta, devendo-se ter em conta que era a primeira vez que iria realizá-la. No entanto, assim que M. foi estimulado pela estagiária, onde a mesma exemplificava com as suas mãos a actividade, a criança começou-se a sentir segura e confiante, seguindo o adulto por imitação. Os bebés procuram um sentido de si e uma compreensão do mundo ao seu redor, em que as interações com os pais e educadores exercem uma forte influência sobre as suas conclusões, cruciais para a sua vida futura. Deste modo, é fulcral o apoio positivo, consistente, determinado do educador quando a criança se encontra na fase de exploração activa (Post & Hohmann, 2007).

Estes autores ainda referem que as crianças mais novas tendem a recolher informação a partir de todas as suas acções. As crianças conseguem construir o seu conhecimento através através da coordenação do paladar, tacto, olfacto, visão, audição, sentimentos e acções, ou seja, através de experiências sensório-motoras. Deste modo, quando os bebés vivem em ambientes de qualidade podem explorar e interagir com determinados materiais que exercitam e fortalecem as suas sinapses, utilizando para o resto da vida.

Em suma, considera-se que esta actividade teve um forte impacto em M., tendo-se retraído inicialmente. Porém, através do apoio da estagiária, demonstrando o quão a actividade era interessante e dando toda a confiança à criança para experimentar, a mesma imitou sentindo-se no final com vontade de continuar. É de referir que o comportamento activo da estagiária foi favorável para que a criança experienciasse por si própria actividade, tirando proveito de uma agradável experiencia. De acordo com Post & Hohmann (2007), cada criança age ou interage de forma única de acordo com o seu próprio ritmo. Logo a estagiária sentiu necessidade de exemplificar primeiro a actividade, podendo a criança iniciar assim que se sentisse segura para o fazer. Assim sendo, é importante que os educadores compreendam as crianças, apreciando a repetição e a imitação por parte das mesmas (Post & Hohmann, 2007).

Anexo III – Tabela de Resultados

Nota de Campo	Situação	Observações	Conclusões
1	Muda da fralda	<ul style="list-style-type: none"> - A criança estava muito agitada; - A criança estava cansada e adoentada, tinha chegado muito cedo à creche; - Começa a chorar assim que é colocada no “muda fraldas”; - O adulto canta uma música que a criança conhece associada a gestos; - Posteriormente a criança mostra-se mais tranquila deixando de chorar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão do bebé através do choro e de movimentos de agitação; - O desenvolvimento da criança torna-se rico através das suas interações e experiências com o meio; - Relação de qualidade com o educador desenvolve a compreensão do mundo social e físico, construindo ideias saudáveis.
2	Disputa do brinquedo	<ul style="list-style-type: none"> - Uma criança tira violentamente o pano das mãos de outra, deixando a outra a chorar; - O adulto aborda de forma calma a criança que tirou o pano, de forma que esta devolvesse o pano à outra criança; - A criança acaba por devolver o pano à outra criança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Temperamento da criança como respostas da sua personalidade através dos estímulos externos, podendo afectar o contexto social, a sua forma e grau de expressão; - Impacto das características comportamentais de crianças activas e inactivas; - Educador como mediador de situação de conflito, utilizando uma postura calma e neutra. - Com o apoio dos educadores: exercita as competências de reflexão e raciocínio; ganham maior capacidade de controlo; desenvolvem confiança em si próprias, nos seus pares e educadores.

3	Alteração de auxiliar por 1 dia	<ul style="list-style-type: none"> - Quando a auxiliar substitua entra na sala de creche as crianças pararam e ficaram mais quietos que o habitual; - Com o tempo todas as crianças ficaram receptivas à auxiliar; - Porém, uma das crianças não deixava de chorar pedindo sempre colo à responsável de sala e não deixava que a auxiliar substituta estabelecesse contacto físico; - Esta criança é das mais novas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da creche: cuidado, educação, segurança e espaço de socialização para crianças dos zero aos três anos; - Evitar alterações de profissionais em creche; - Ligação entre o educador e a criança influencia a adaptação socio emocional à creche; - Por vezes, as crianças que entram demasiado cedo para a creches, tendem a desenvolver comportamentos negativos e agressivos, cooperando pouco com os adultos e, em actividades escolares futuras, envolvem-se pouco; - Profissionais responsáveis pelo programa devem utilizar estratégias e procedimentos relevantes e apropriados para cada caso;
4	Acolhimento	<ul style="list-style-type: none"> - A criança chega muito à creche; - A criança chega no colo do pai, não querendo sair começa a chorar; - O pai insistiu que a criança fosse para o colo da responsável de sala; - A responsável pegou na criança e levou-a até à janela e passado pouco tempo deixou de chorar; - A criança fica mais calma quando vai até à janela. 	<ul style="list-style-type: none"> - Situações breves de separação: situações mais favoráveis de separação entre a criança e o progenitor. Assim, a criança irá estruturar e compreender a separação; - Factores que influenciam o processo de separação: aspectos do ambiente físico, objectos confortadores, comportamento do educador e de outras crianças, aspectos não-verbais; - O educador deverá executar as suas funções e combinar técnicas de afecto e respeito à criança; - A criança tem o direito de se manifestar e ser compreendida no seu percurso de desenvolvimento; - A creche é fundamental para o desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo da criança;

			<ul style="list-style-type: none"> - Requisitos básicos da creche para promover o desenvolvimento da criança: os espaços, horários, actividades e os profissionais.
5	Sesta	<ul style="list-style-type: none"> - A criança começa a mexer-se agitado e acorda a chorar; - A responsável de sala tenta acalmar a criança; - Sem sucesso a responsável de sala acaba por retirar a criança da cama e aninha-a no seu colo dando-lhe a chucha e o boneco com que dorme; - A criança acaba por adormecer; - Quando acorda na sua hora normal, tem um acordar tranquilo. 	<ul style="list-style-type: none"> - O desenvolvimento da criança está dependente da estreita relação de confiança com os seus pares (família, educadores, entre outros), permitindo se sentir segura. - É a partir do choro que o bebé consegue controlar o seu mundo envolvente. Neste sentido, o educador compreende esta expressão do bebé (choro) e actua de forma directa e eficaz, satisfazendo as suas necessidades; - O educador deve ser comportamentos de construção de confiança e de trocas sociais activas quando interage com a criança, desenvolvendo a sua autonomia. Estes comportamentos desenvolvem a autonomia; - A creche também tem um papel fulcral no saudável desenvolvimento da criança, pois deverá ser dotada de um ambiente de calma e tranquilidade.
6	Aula de ginástica	<ul style="list-style-type: none"> - A criança evita passar o túnel; - É uma criança insegura; - Professora de ginástica e responsável de sala estabelecem relação de afecto, confiança e estímulo (reforço positivo); - A criança enfrenta o seu medo de passar pelo túnel, sentindo-se feliz assim que chega ao outro lado do túnel. 	<ul style="list-style-type: none"> - Actividades mais físicas levam a criança a ultrapassar obstáculos e crescer com segurança e confiança em si própria; - Reforço positivo essencial para desenvolver na criança autonomia, assim como a autoconfiança e a segurança entre os seus pares; - Desenvolvimento da criança deve decorrer num espaço de creche dotado de qualidade;

			<ul style="list-style-type: none"> - Ambientes bem estruturados levam a comportamentos exploratórios, cooperação e interações sociais; - Comportamento do educador: construção, confiança e trocas sociais activas quando interage com a criança.
7	Exploração do Livro	<ul style="list-style-type: none"> - A criança desfolhava o livro emitindo sons; - A responsável de sala juntou-se à criança e juntas viram o livro; - A criança apontava e a responsável de sala nomeava as imagens; - A criança imitava algumas das palavras ditas pela responsável de sala; 	<ul style="list-style-type: none"> - O educador é um elemento essencial para o desempenho da criança em creche, cujas funções consistem em: planear, pesquisar, observar, dialogar, interagir com a comunidade envolvente, ver e ouvir a criança; - O factor grupo em creche é determinante para a sua qualidade, possibilitando assim o desenvolvimento e estimulação da criança, isto é, é importante que o grupo tenha poucas crianças, de forma o educador prestar auxílio a todas elas; - A criança manifesta mais interesse pelo mundo exterior, caso seja estimulada através de uma relação positiva com o educador. Deste modo, estamos presentes numa creche de qualidade.
8	A chuva	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças cantavam uma canção sentadas no tapete; - Quando começou a chover muito uma criança diz “chuva”; - A responsável de sala permite que todas as crianças (uma a uma), vissem de perto a chuva e sentissem a chuva a cair na mão; 	<ul style="list-style-type: none"> - O desenvolvimento da linguagem engloba a compreensão (linguagem receptiva) e a expressão (linguagem expressiva); - O desenvolvimento da linguagem na infância ocorre em idades precoces, entre os 0 e os 3 anos, onde o processo de desenvolvimento é padronizado nas diversas áreas de aquisição; - A infância é a fase da revelação do mundo, da descoberta do funcionamento das coisas, da partilha de desafios, brincadeiras

		<p>- No final a criança verbalizou “muita água”, pois apresenta um vocabulário desenvolvido.</p>	<p>e até de medos com os outros e com o que rodeia as crianças desta idade;</p> <p>- É um período impregnado de curiosidade e vontade de explorar no qual as crianças manifestam clara intenção de interagir;</p> <p>- A principal motivação que impulsiona os bebés para a linguagem é o facto de esta permitir a socialização com os outros;</p> <p>- As crianças experienciaram e acederam ao significado da palavra “chuva” através dos sentidos, nomeadamente através da visão, audição e tacto;</p> <p>- A postura do responsável de sala quando motivou as crianças para tal experiência, tendo demonstrado que as crianças encontram-se num contexto de aprendizagem activa;</p> <p>- Os educadores devem observar, interagir e aprender ao longo do dia sobre as crianças que acompanham, ou seja nas actividades que executam, nas rotinas diárias bem como nas situações espontâneas;</p> <p>- Os educadores devem focalizar-se nos pontos fortes e interesses da criança, antecipar as explorações da mesma, encorajar e reconhecer as escolhas das crianças face às explorações e brincadeiras e ajudá-las a alcançarem aquilo que se propuseram fazer.</p>
--	--	--	--

9	Arrumar	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças ajudavam a estagiária a arrumar a sala, nomeadamente os legos espalhados; - Uma criança perguntava sempre à estagiária se os legos pertenciam à respectiva caixa; - Quando a sala ficou arrumada, a estagiária elogiou a criança por ter ajudado, pois tinha arrumado tudo muito bem. 	<ul style="list-style-type: none"> - A creche deve apresentar requisitos básicos essenciais para promover e garantir o desenvolvimento saudável da criança; - É importante que as crianças tenham tarefas ao longo do dia na creche, de uma forma muito básica, como arrumar material simples; - É importante que o educador crie uma relação de cooperação com as crianças, por exemplo incluir as crianças em tarefas como o arrumar a sala (coisas básicas, tais como legos), estabelecendo assim novas rotinas com o seu desenvolvimento; - O educador deve desenvolver nas crianças a curiosidade, coragem, iniciativa, empatia, sentido de si próprias e sentimento que pertencem a uma harmoniosa comunidade social.
10	A falta da chucha	<ul style="list-style-type: none"> - Na hora da sesta, a mãe da criança esqueceu a sua chucha; - A estagiária tenta explicar à criança o sucedido; - Sem sucesso para acalmar a criança, pois esta pedia a chucha continuamente começando a chorar, a estagiária viu-se obrigada a telefonar ao pai na tentativa que eles trouxessem a chucha; - Assim que a criança obteve a sua chucha, trazida posteriormente pela mãe, adormeceu tranquilamente. 	<ul style="list-style-type: none"> - A sesta é uma rotina regulamentada da instituição; - A sesta na rotina das crianças é muito importante para o seu crescimento e desenvolvimento, proporcionando a oportunidade de recarregarem as suas energias tanto físicas como emocionais para o restante dia; - Os educadores devem respeitar e organizar respostas às necessidades de cada criança quando esta vai dormir; - As crianças desenvolvem os seus próprios rituais de adormecer. Há crianças que têm facilidade em adormecer, outras que têm dificuldades, logo necessitam muitas vezes do embalo, de carinhos ou que os educadores cantem uma canção; - É crucial parcerias de confiança e respeito mútuo entre o educador e os pais da criança, onde se estabelecem conversas de dar-e-receber relativamente ao crescimento e desenvolvimento

			<p>dos seus filhos. Este elo de confiança traduz-se no comportamento da criança;</p> <p>- Para o desenvolvimento social saudável da criança é necessário a combinação tanto da situação familiar como da creche.</p>
11	Aula de música	<ul style="list-style-type: none"> - É dado a cada criança um instrumento musical para tocar; - As crianças estavam a gostar da actividade; - Na hora de arrumar os instrumentos, uma das crianças recusa-se a dar o mesmo; - A professora de música acedeu ao pedido da criança deixando todas as crianças tocarem mais um pouco; - No final a professora viu-se obrigada a pedir os instrumentos às crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na fase sensório-motora o movimento físico desempenha um papel essencial na aprendizagem das crianças; - A criança sente a necessidade em controlar os seus movimentos, comunicar através da linguagem, do gesto e da acção, manipular objectos com facilidade, e deslocar-se de um local para outro; - Na fase emergente do desenvolvimento a criança sente a sede pela experiência sensorial, ou seja, as crianças sentem a necessidade de explorar objectos para descobrir o que são e o que fazem, isto é, as suas características e o modo como se comportam; - É importante que os profissionais em creche apoiem a interacção continuada das crianças com materiais e actividades que sejam do seu interesse; - É crucial que estes profissionais proporcionem materiais e actividades que possam ir ao encontro dos interesses das crianças.

12	Digitinta	<ul style="list-style-type: none"> - No dia de actividade da Digitinta, uma das crianças recusa a actividade, pois era a primeira vez que iria executá-la; - Esta criança não reage bem a novos estímulos; - Assim que a criança é estimulada pela estagiária ao vê-la a executar a actividade, esta faz o mesmo que a estagiária; - No momento de terminar a actividade a criança não quis parar e a estagiária permitiu-lhe continuar mais um pouco. 	<ul style="list-style-type: none"> - Existem diversas experiencias-chave que as crianças se envolvem, nomeadamente: imitar e brincar ao faz-de-conta; explorar materiais de construção ou de expressão artística; responder a e identificar figuras e fotografias; - Os bebés procuram um sentido de si e uma compreensão do mundo ao seu redor, em que as interações com os pais e educadores exercem uma forte influência sobre as suas conclusões, cruciais para a sua vida futura; - Quando a criança se encontra na sua exploração activa é essencial o apoio positivo, consistente, determinado do educador; - As crianças conseguem construir o seu conhecimento através através da coordenação do paladar, tacto, olfacto, visão, audição, sentimentos e acções, ou seja, através de experiências sensorio-motoras; - é importante que as crianças vivam em ambientes de qualidade para poderem explorar e interagir com determinados materiais que exercitam e fortalecem as suas sinapses; - O comportamento activo do estagiário foi crucial para que a criança experienciasse por si própria a actividade, tirando proveito de uma agradável experiencia; - É importante que os educadores compreendam as crianças, apreciando a repetição e a imitação por parte das mesmas.
----	-----------	--	--